

REVISTA

DA SEMANA

N. 16 21-4-56 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

ASSIM VIVE

CARLOS LACERDA NOS ESTADOS UNIDOS





Música para a Juventude

José Siqueira

JOSE SIQUEIRA, compositor e regente, é o autor de «MÚSICA PARA A JUVENTUDE», obra destinada à mocidade que ele ama e à qual tão bons serviços prestou, criando, quando presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira, os CONCERTOS DOMINICAIS PARA A JUVENTUDE. Disposto de segura experiência didática, com livros publicados («Regras de Harmonia», «Canto Dado em XIV Lições», «Curso de Instrumentação», «Modulação Passageira», «Sistema Trimodal Brasileiro»). Siqueira traça, neste livro, um programa de ensino, palpitante, do qual se beneficiarão quantos tiverem a oportunidade de o ler. «MÚSICA PARA A JUVENTUDE» está dividido em quatro partes referentes às séries ginasiais: Teoria Musical, Canto Orfeônico, Música e Músicos Brasileiros, Contraponto, Harmonia, Grandes Épocas da História da Música, Escolas Musicais, Folclore Brasileiro, Prosódia Musical, Formas Musicais, Instrumentação, Orquestração e Banda de Música. Ilustrado com fotografias e exemplos musicais, é um trabalho definitivo na forma e no conteúdo que vem preencher uma lacuna no ensino.

★

Preço dos 4 volumes pelo reembolso postal:
Cr\$ 250.00

Pedidos a Rosa Paula Machado

Avenida Nilo Peçanha nº 12, salas 1207 e 1209, 12º andar — Telefone: 52-4856 — RIO DE JANEIRO

REDATOR-CHEFE — Celestino Silveira

ASSISTENTE — José Roberto Teixeira Leite

PAGINADOR — Victor Tapajós

COLABORADORES — Bolivar Costa, Demóstenes Varela, Eduardo Tourinho, Eneida, Fernando Lôbo, Fortuna, Hélio Abreu, Hynnenny Gomes Ferreira, José Maria Rodrigues, Pedro Müller (Peter), Sérgio Andrade, Sérgio Silveira, W. Guarnieri.

LUSTRADORES — Alberto Lima, Jeronymo Ribeiro, Marius, Maria Tereza, Ramón.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, Newton Viana, Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

◆ REPORTAGENS

Carlos Lacerda nos Estados Unidos	4/7
A Mutilação de Copacabana	18/23
Sua Alteza Real Grace Kelly	31/34
Mussolini Ainda Vive	40/42
Uma Entrevista (A Sério) Com Vão Gogo	46/48
Primeiro Triunfo Brasileiro	58/61

◆ SEÇÕES

Semana em Revista	8/9
Astrológica	10
Figura em Foco (Colé)	11
Literatura	16
Itinerário do Brasil	17
Por Esse Mundo de Deus	24/25
Puxe Pelo Cérebro	26
Pelas Esquinas da Noite	30
Palavras Cruzadas	38
Flash Paulista	39
Artes	44
Revista há 50 Anos	45
Música	49
Conversa de Mulher	54/55
TV na Revista	57
Último Flash	62

◆ HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------	-------

◆ VARIEDADES

Elizabeth de Áustria	14/15
Horas de Desespêro	28/29
Rússia Soviética: Inferno ou Paraíso?	36/37

◆ LITERATURA

Porque Morrer? (Eneida)	3
O Avô Arkhip e Lenka (Máximo Gorki)	12/13
Vindita (Aluizio G. Branco)	50/51

◆ CAPA

Grace Kelly (Foto M.G.M.)

Este número consta de 64 páginas.



Desenho de GOMEZ

POR QUE MORRER?

◆ Eles enchem páginas de jornais. Uns se matam por amor, outros por falta do referida sentimento demonstrando que, com o decorrer dos anos, modificam-se os hábitos, os progressos da civilização avançam, os horizontes se ampliam, novas concepções surgem e o amor continua, como nos mais longínquos tempos, fazendo vítimas. As mulheres, contando com a colaboração eficaz dos vestidos, têm especial predileção para incendiar-se. Costumam «atear fogo às vestes» o que me parece de terrível mau gosto, inclusive porque esquecem da obrigatória vaidade feminina: morrer queimada é morrer deformada e, portanto, mais feia do que em vida. Os homens, esses se matam empregando geralmente fórmica e, muitas vezes deixam bilhetes pungentes e mal escritos, parecendo que os suicidas não esperam passar à posteridade pelas suas formas literárias de expressão ou conhecimentos gramaticais.

É verdade que também existem diferenças entre os suicidas: há os verdadeiros e os falsos. Os que estão dispostos a morrer de qualquer maneira e para isso usam dos mais terríveis recursos e aqueles que só querem mesmo lançar confusões, fingindo que pretendem morrer, mas empregando para isso formas tão benignas que uma lavagem de estômago resolve tudo.

◆ Leio os suicidas de um dia desta semana que passou: vejo um João que, desprezado pela mulher de quem gostava, matou-se. Tinha apenas vinte e um anos, era solteiro e não lhe ocorreu que com tão pouca idade e livre assim, o melhor era substituir a ingrata. João foi um grande tolo, não há dúvida. Leio que uma senhora matou-se por neurastenia: estava tão cansada, tão vazia de sentimentos, perdera toda a alegria, não mais se encantava com nossos dias bonitos nem com as nossas lindas noites e por tudo isso resolveu fugir. Outra pessoa errada: por que não encher a vida, se há tantas tarefas soltas, tantos sentimentos, deveres, sonhos, aspirações por aí, capazes de ocupar vinte e quatro horas de qualquer vida? Devia ter procurado um médico psiquiatra, essa senhora e se lhe faltassem forças para amar a beleza da cidade, por que não foi plantar e colher no campo? Rosas ou batatas, por exemplo?

Continuo lendo: uma moça partiu também, mas a família se negou a revelar os motivos que determinaram seu gesto: tomou tóxico. Era empregada pública, até que ganhava bem, morava com a família. Onde o mistério da morte? E vejo também que uma mocinha — vinte e três anos — «maltratada pelo namorado» ateou fogo às vestes. Maltratada, como? Onde já se viu um namorado maltratar a bem amada? Não é na época do namoro que o homem e a mulher têm a maior preocupação em gastar ternura e doçura para a consolidação da conquista? Ciúmes? Mas ciúmes com maus tratos já têm outro nome. E, enfim, uma última notícia: um operário de trinta e nove anos, casado, deu dois tiros de garrucha no próprio peito «porque a mulher zombara dele». Antes é verdade, dera uns murros na esposa; ela o denunciara à polícia, ele fora preso e ao sair, achou «que Lurdes o irritava com sarcasmos».

◆ Sarcasmos, zombarias, picuinhas, são realmente coisas muito desagradáveis na vida de um casal, mas daí à necessidade de dois tiros de garrucha no peito, me parece um exagero. Examinando assim as notícias de suicídios vemos que os que se matam são pessoas apressadas, sem raciocínio, fugindo às análises, desertores, criaturas que deixam a vida por motivos tão pequenos, tão fúteis, tão fáceis de serem remediados. Por que morrer antes do tempo? Por que morrer se a vida é tão bela e tão boa, se recomeçar a vida em qualquer etapa é um dever maravilhoso?

Todos achamos que o suicida é um covarde porque se nega a continuar, como nós, vivendo os problemas do difícil cotidiano: salário baixo, preços altos, falta d'água, falta disto e daquilo. Mas, onde irá esse covarde buscar coragem para encarar o irremediável, para se meter num barco de onde jamais sairá, para realizar uma viagem que ninguém conhece se boa ou má, divertida ou triste, de onde jamais voltará? Por mim creio que se covardes, os suicidas são principalmente errados, fracativos, seres sem capacidade de luta e — estou certa — se se lhes fôsse possível depois de mortos, virem trazer-nos um julgamento, todos eles estariam aí nas sombras e chorando, gritando que ninguém deve morrer antes da hora.

O melhor é viver, pelo que convido os leitores para essa grande tarefa, para essa maravilhosa viagem que é a vida. Vamos viver pois a vida, por pior e mais difícil que seja ainda é melhor, muito melhor do que a morte, pois é esperança.

ENEIDA

ASSIM VIVE

CARLOS LACERDA NO



Maria Cristina, a caçula, recebe um presente de Páscoa que um amiguinho da vizinhança deixou no limiar da porta. Lacerda e dona Letícia partilham da alegria da menina.

Ao voltar do Brasil

MUITA mais saber co-
deputado
ignora q
é bastan
a um po
será par
do enfre
sustento
Ora, o
ausente
logo ap
com a d
dias dep
dona Le
16 anos
4, emba
família.

A NOS ESTADOS UNIDOS



Ao voltar a casa, em seu Plymouth 1956, Lacerda lê as últimas notícias do Brasil, na «Tribuna da Imprensa», que acaba de retirar da sua caixa postal.



Empunhando uma pá de cal, Carlos Lacerda remove do quintal de sua residência as últimas camadas de neve depositadas pelo recente temporal. Durante o período da nevada, ele não pôde sair de casa durante 34 horas.

NOS ARREDORES DE NORWALK, CONNECTICUT (2 HORAS DE TREM DE NOVA IORQUE), O JORNALISTA E DEPUTADO QUE TAMBÉM ASSINA JÚLIO TAVARES E JOÃO DA SILVA, COLABORA PARA 3 JORNAIS BRASILEIROS E DÉLES RECEBE UM TOTAL DE 950 DÓLARES MENSAIS ★ PERDERÁ EM MAIO O SUBSÍDIO DE DEPUTADO, MAS NÃO PENSA EM VOLTAR

Texto de CELESTINO SILVEIRA

MUITA gente no Brasil — toda a gente, seria mais acertado dizer — está interessada em saber como vive e de que vive, nos EE.UU., o deputado e jornalista Carlos Lacerda. Ninguém ignora que também nos EE.UU. o custo da vida é bastante alto, mesmo para quem se adapte a um padrão moderado. E ainda mais alto ele será para os que não têm rendimentos precisando enfrentar um «batente», ou vários, para o sustento da família.

Ora, o diretor da «Tribuna da Imprensa» está ausente do Brasil, desde 17 de novembro último, logo após os acontecimentos que culminaram com a deposição do sr. Carlos Luz. Vinte e cinco dias depois — 12º de dezembro — sua esposa, dona Letícia, e seus três filhos, Sérgio Carlos, de 16 anos; Sebastião, de 14 e Maria Cristina, de 4, embarcavam indo ao encontro do chefe da família.

Desde então, pouco veio a cair no domínio público sobre a maneira por que estão vivendo, ao longe, os componentes da família Lacerda. Várias tentativas foram feitas para ouvir e fotografar o jornalista; todas mal sucedidas, porque Lacerda não permitia que jornais ou revistas o entrevistassem. E ainda menos entrassem em sua casa.

Pois aqui estão os apontamentos que mais interessam ao leitor:

Uma vez chegado a Nova Iorque, tratou Carlos Lacerda de procurar uma pequena casa em que pudesse residir com a mulher e os filhos. Em Nova Iorque, propriamente, não era fácil. Foi encontrá-la nos arredores de Norwalk, em Connecticut, a menos de duas horas de trem, de Nova Iorque. Habitação modesta, alugada com os móveis necessários, por ela efetua o paga-

mento mensal de 280 dólares. As outras despesas, atingem a uma cifra total de 1.300 dólares mensais — incluído aquele aluguel.

O contrato foi feito por seis meses, devendo terminar em junho próximo. Nada está decidido, por enquanto, sobre uma renovação ou transferência para outra casa, de vez que até sábado de aleluia, 31 de março — Lacerda não alimentava a menor idéia de voltar ao Brasil.

A família, a exemplo da maioria nos EE.UU., não tem empregada. Dado o elevado salário dos auxiliares domésticos e as comodidades que tem uma dona de casa, facilitando-lhe o cumprimento de sua tarefa sem maiores atribulações, só gente muito abastada pode dar-se a esse luxo.

Mas — terá indagado o leitor — com que recursos pode contar Lacerda para fazer frente

CARLOS LACERDA



Maria Cristina, com a sua boneca preferida, recebe o pai de volta à casa, depois de passar um dia em Nova York



a esses gas
vem a dar
Tem o jornal
bôlso, sem
em algum
dólares, de
lá mesmo?
mas vêzes
nesse mom
quer remun
exemplo de
Tudo, entre
fonte de re
cias que r
ram remun

Sendo as
onde vai é
seus comp

E a resp

A relaça

«Tribuna

sais, «O C
São Paulo

Nessa al

Não cobre

os primeir

a parte f

18.000,00,

média, 720

Já entã

seis mese

Lacerda te

tos, de v

E sofrerá

As reme

de São Pa

boração

vespertina

Essas col

mais freq

Só a «Tri

Lacerda
wal

a esses gastos? Ao câmbio atual, 1.300 dólares vem a dar aproximadamente cem mil cruzeiros. Tem o jornalista essa reserva mensal do próprio bolso, sem outro trabalho que o de ir sacá-la em algum banco? Não. Recebe-a, integral, em dólares, de alguma função que venha a exercer lá mesmo? Também não. É verdade que algumas vezes tem lecionado, em colégio local, mas nesse momento as férias o privavam de qualquer remuneração. Também já fez traduções, a exemplo de outros brasileiros quando exilados. Tudo, entretanto, não chega a constituir uma fonte de receita suficiente. Algumas conferências que realizou em Universidades, não tiveram remuneração ou, se tiveram, foi mínima.

Sendo assim, prevalece a pergunta inicial: De onde vai esse dinheiro para Lacerda satisfazer seus compromissos todos os meses?

E a resposta é simples: Vai do Brasil.

A relação é esta:

«Tribuna da Imprensa» — 500 dólares mensais, «O Globo» — 300 dólares e «Estado de São Paulo» — 150.

Nessa altura, temos uma soma de 950 dólares. Não cobre as despesas. Mas há mais: durante os primeiros seis meses, recebe Carlos Lacerda a parte fixa do subsídio de deputado, Cr\$ 18.000,00, mensalmente, o que vem a dar em média, 720 dólares.

Já então o orçamento foi suplantado. Mas os seis meses vão terminar, agora em maio, e Lacerda terá de solicitar licença sem vencimentos, de vez que não pensa voltar à Câmara. E sofrerá então um desfalque no seu orçamento.

As remessas feitas pelo «O Globo» e «Estado de São Paulo», destinam-se a remunerar a colaboração que o jornalista vem fornecendo ao vespertino carioca e ao matutino paulistano. Essas colaborações saem com pseudônimos: Os mais freqüentes, Júlio Tavares e João da Silva. Só a «Tribuna» divulga também editoriais com

a assinatura verdadeira, mas alguns publicam-se ainda com um daqueles pseudônimos.

Antes de embarcar, providenciou Carlos Lacerda a venda do seu carro, que lhe rendeu trezentos mil cruzeiros. Na mesma ocasião alugou por 30 mil cruzeiros (dois meses) a casa que possui em Petrópolis e foi com esse dinheiro que mais facilmente pôde deslocar-se para os EE.UU.

Houve ainda — e não desapareceu por completo — o movimento de «Um dólar para Carlos Lacerda», estimulado pelos adeptos (e adeptas) do deputado e jornalista. Para esse fim, foi aberta no Banco N. de Minas Gerais, uma conta permanente, a «Conta 1.008», onde qualquer pessoa pode fazer um depósito em favor de Lacerda, desde a quantia mínima de 1 dólar.

Já foi dito que estas fotos, bateram-se no último dia do mês de março. Cinco dias mais tarde, Lacerda embarcava para as Bermudas, a fim de participar, por uma semana, da Conferência da Sociedade Inter-Americana de Imprensa.

A correspondência de Lacerda é numerosa. Além das cartas que recebe de amigos e correligionários, com os quais mantém assíduo contacto, há as que lhe mandam, avulsamente, os fãs, se assim se podem denominar aqueles que nutrem pelo deputado uma admiração de invulgar entusiasmo. Acresce que muitas dessas cartas são remetidas sob registro, obrigando Lacerda a ir retirá-las na agência postal de Norwalk, onde o funcionário acabou por intrigar-se com o caso. Nos EE.UU. muito pouca



Lacerda, diante de sua casa (um velho prédio centenário), acaricia um gato siamês, que lá encontrou com parte dos «móveis e utensílios». Toda a família tem carinho pelo bichano.

gente utiliza o registro postal, porque dificilmente uma carta ou encomenda se extravia ou sofre atraso. Então o funcionário perguntou:

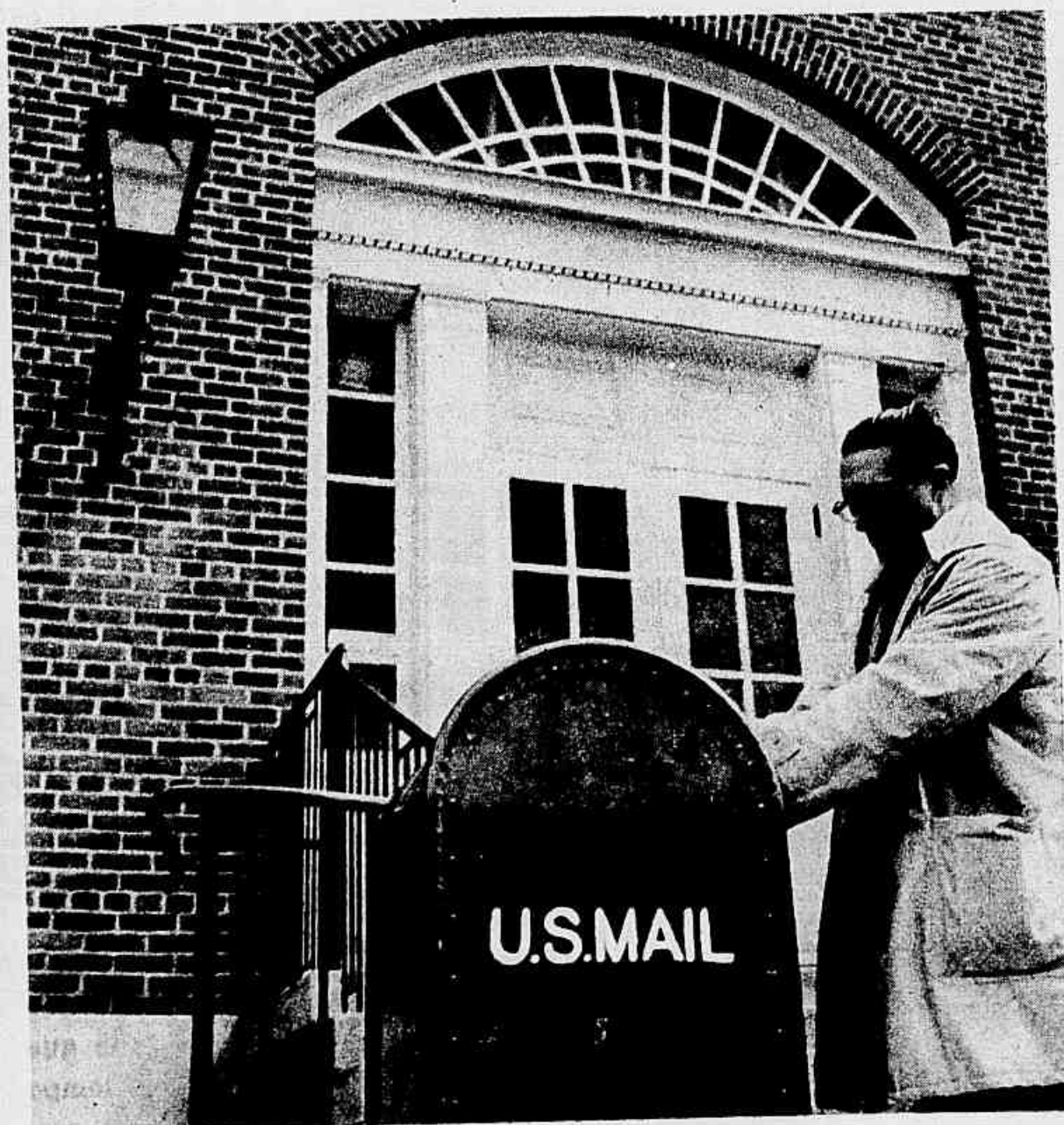
— O senhor é funcionário da ONU?

— Não, por que?

— Porque só a ONU costuma receber e mandar correspondência registrada...

Não sabemos que resposta deu Lacerda ao funcionário. Mas alguma coisa ele deve ter explicado sobre o nosso serviço postal.

Neste momento, Carlos Lacerda emprega também uma parte do seu tempo na elaboração de um livro. «Retrato do Brasil», cuja aparição deve ser feita muito breve.



Lacerda recebe sua correspondência através da Agência Postal de Norwalk. São constantes as visitas feitas diariamente àquele local.



Depois de ouvir um programa de TV, Carlos Lacerda serve a sua filha Maria Cristina, um pedaço de bolo e leite.

A SEMANA EM REVISTA

A SEMANINHA

— A nadadora e estrela de cinema Esther Williams teve proibida a sua entrada no Egito.

Assim sendo, o rio Nilo fica privado de sua melhor sereia.

— Costureiros russos lançaram a última palavra em moda: a linha B para mulheres barrigudas...

Não nos admiramos com isso. Por aqui, os cervejeiros (costureiros de cerveja) já adotaram há muito essa linha B (de «bier»), para as «Barrigudas»...

HOMENAGEM AO TRICAMPEAO COM ACRÓSTICO

*CHamado pra ver o jogo,
MOrto por isso eu estava,
ROmpi direto ao colosso;*

*TOmei um bonde, no fogo:
MIL passageiros levava.
RESpirar é que foi ôsso!*

*PAguei depois, sorridente...
VÃO entrando no gramado,*

*SERve-se a melhor de três!
Vivendo mais uma enchente,
LIteralmente lotado,
O recorde caiu de vez!*

*DEsce o "Mengo" de primeira,
CAi a meta de Pompéia...*

*JORram vozes... Uma feira!
DANDo vivas de mãos cheias!*

*JOgo é jogo — assim pensei,
ELaborando meus planos.*

*Durante a luta fiquei
CALculando desenganos.*

*E, afinal, bonitões,
VAMOS dizer a verdade:
RISos, ais e foguetões
TOMaram toda a cidade!*

*Dito e feito: quatro a um,
DAMOS conta do serviço!*

*ZAbumbas, em um zum-zum,
GAlgaram, em reboição,
LOGrou-se um TRI incomum!*

SANTOS ALVES



DIDA
Prêmio Nobel de Futebol



LEONOR AMAR
Um Irmão Socado



PENA BOTTO
Strogonoff Amigo



MARLENE
Detetive

NACIONAIS

EM MATÉRIA de futebol, os times brasileiros que presentemente atuam no estrangeiro estão sendo muitíssimo discretos em suas apresentações. O Botafogo empatou na Bélgica, o Vasco já «entrou bem» na Turquia e foi derrotado por um time que contava com um jogador de óculos, na Bélgica também, o Fluminense fez vergonha no Peru, e até o selecionado, em Portugal, não foi além de um chorado um a zero.

EM COMPENSAÇÃO, o Flamengo (ou Dida?) derrotando o América, por 4 a 1, sagrou-se tricampeão de futebol. Dida, depois da vitória, saiu-se com essa: «Não sei, não. Nunca bebi, mas hoje acho que vou fazer uma besteira aí com dois copos de cerveja...»

LEONOR AMAR, que é agora a senhora Miguel Alemán (que foi, há vários anos, Presidente do México), chegou ao Rio, em companhia de um irmão. Esse irmãozinho cismou em ir ao jogo entre América e Flamengo, e após o quarto tento rubronegro, resolveu insultar o jogador Ivan, do América. Resultado: levou uns cascudos bem merecidos.

PENA BOTTO foi homenageado com um banquete no Clube Naval. Setecentos talheres. Seu discurso, apolítico, foi uma breve análise do papel desempenhado pela Marinha nos destinos do Brasil.

MARLENE VINHA com o marido, Luís Delfino, de automóvel pela Marquês de Olinda, quando viu um carro atropelar uma senhora idosa, e fugir em disparada. Imediatamente, saíram os dois em perseguição ao atropelador, que ali pela altura do Pasmado, não teve outro remédio senão se render, isto é, parar o automóvel, para pouco após ser autuado.

SUJEITO ESQUISITO foi esse que, tendo sido detido por suspeita de furto, e para «inocentar-se», declarou: «Pera aí: eu me lembro é de ter matado um sujeito, há uns tempos. Agora: esse furto eu não fiz não senhor.»

VÃO GOGO partiu para a Europa, por conta própria. Don Rossé Cavaca partiu para a Europa, levando (como ele mesmo disse) com ele a Portuguesa, a fim de juntos enfrentarem alguns timinhos europeus... Esse negócio de humorismo está ficando um caso sério.

CLOVIS SALGADO, ministro da Educação, é casado com uma conhecida cantora lírica, Lia Salgado, que por sua vez é prima de Tônia Carrero. O ministro tem outra prima, essa pintora, que, ao que dizem, vai dentro em pouco «redecorar» o edifício do Ministério da Educação. A família é das Musas, decididamente.

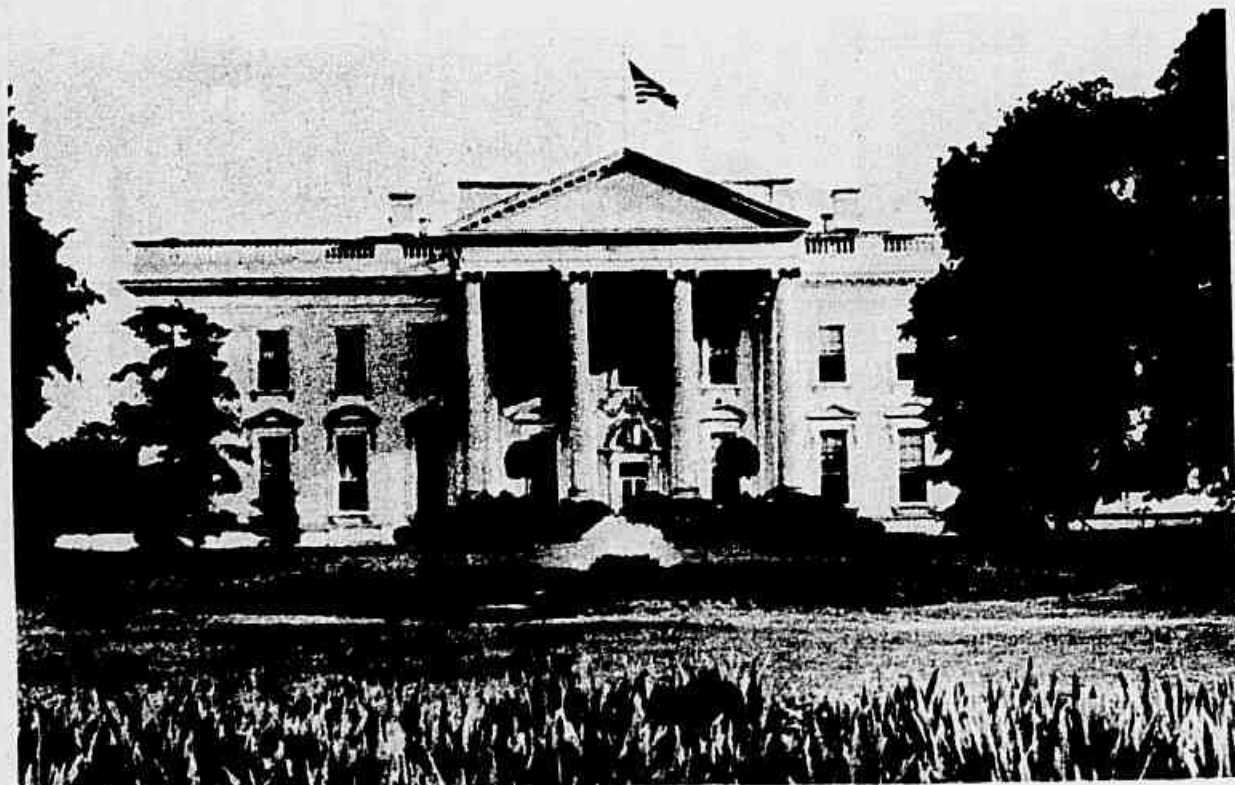
PORTINARI VAI a Israel, expor seus últimos trabalhos, a convite do Estado. Parece que, posteriormente, irá aos Estados Unidos inaugurar seus painéis «Guerra e Paz».

JUSCELINO KUBITSCHKE foi ao Rio Grande do Sul, e lá, num discurso, qualificou cinquenta por cento dos brasileiros de preguiçosos. E os outros cinquenta por cento, acrescentamos nós, não querem nada com o pesadão.

NA ESTRADA do Quibandé, dois rubronegros comemoravam a conquista do TRI, pelo Flamengo, justamente no boteco de um americano doente. Depois da primeira dúzia de cervejas, saboreadas entre vivas ao Mengo cada vez mais estridentes, a farra acabou de maneira imprevista: o dono do boteco, sacando de uma garrucha, acabou com dois tiros a alegria dos dois. Dois mortos a zero.

FOGO NA "CASA BRANCA"

A CASA BRANCA, nome que recorda imediatamente alguma loja especializada em colchas e lençóis, é, ninguém ignora, a residência do Presidente dos Estados Unidos da América. Há dias, uma mulher de aparência tranqüila, bem trajada, penetrando no vasto casarão — que as fotografias e o cinema se incumbiram de tornar conhecido no mundo inteiro —, resolveu, nada mais nada menos, do que incendiá-lo. No Salão Vermelho (influência russa?) acendeu a primeira fogueirinha, e foi pelo prédio afora, acendendo outra mais, mais outra, e enfim dezenas de fogueirinhas, idênticas à primeira. Depois, retirou-se calmamente. Só que não foi muito longe: os funcionários da Casa, tendo descoberto a tempo a coisa, debelaram as chamas e deram o alarma, alarma que fez com que a incendiária fosse detida, e convenientemente trancafiada. Fogo na roupa.



ÔVO DE COLOMBO



O TORCIDA — Quando Solich viu a campanha per... DIDA, lançou um novo meia-esquerda e a vitória foi decl... DIDA.

Theo (O Globo).



50 ANOS DA GUARDA CIVIL

♦ Juntamente com um delicado ofício, recebemos essa flâmula interessantíssima, de parte do Tenente Coronel Sylvestre Travassos Soares, Diretor da Guarda Civil do Distrito Federal, cujo cinquentenário de fundação esse ano transcorre. É-nos grato registrar o acontecimento, formulando nossos votos sinceros de que, para o futuro, continue a Guarda Civil carioca a prestar à população os bons ofícios que vem nesses cinquenta anos prestando, cimentando seu prestígio de corporação modelo junto aos habitantes do Rio de Janeiro.

INTERNACIONAIS

O PRÊMIO Goethe, o mais importante galardão literário da Alemanha, vem de ser concedido ao filósofo francês Gabriel Marcel, famoso em todo o mundo pela sua obra extensa e valiosa.

ARNOLD TOYNBEE, o historiador inglês que, atualmente, talvez seja o mais popular dos escritores de seu gênero no mundo inteiro, esteve há pouco na Colômbia. Ali, a Academia de História lhe outorgou a Medalla de Oro, sua mais alta distinção.

MARGARET TRUMAN, filha do ex-presidente Truman dos Estados Unidos, e cantora até certo ponto fracassada, ficou noiva com o jornalista Clifton Daniel Junior, do «New York Times». O casamento será por esses dias.

QUINHENTOS QUILOS de cartas, e doze mil telegramas, foi quanto recebeu, pela passagem de seu octagésimo aniversário, o Papa Pio XII, de todas as partes do mundo.

JÁ FORAM batizados os ciclones que se venham a produzir no decorrer desse ano de 1956: chamar-se-ão Nona, Xina, Yola e Zenda, e o responsável pelo batismo foi o Instituto Meteorológico de Nova Iorque.

AS OBRAS de Picasso, expostas em Colonia, no Museu Renano, foram visitadas por noventa mil pessoas. Foi essa a maior exposição já realizada naquela cidade, desde 1945.

PRESENTEMENTE, APENAS a Espanha e a França mantêm a pena de morte em suas legislações penais. Todos os demais países europeus já não a adotam. O último a abandoná-la foi a Grã-Bretanha, há alguns meses somente. Um dos últimos casos de aplicação da pena de

morte foi, como devem estar lembrados os leitores, o da bailarina Ruth Ellis.

NÃO EXISTE nenhuma fotografia do pintor Van Gogh. Por isso, o escultor Zadkine, a quem foi encomendada, pela Sociedade dos Amigos de Auvers-sur-Oise, um busto do célebre artista, teve de se reportar exclusivamente aos autorretratos, em número de vinte, que o holandês deixou. O caso é que tais autorretratos não têm nenhuma semelhança entre si, em um deles aparecendo o pintor barbado, em outro, sem barba, ora mostrando um homem sem cabelos, ora com cabelos abundantes, etc. etc. Zadkine não sabe o que faça.

UMA CHAPELEIRA de Manhattan, Lily Dache, vendeu, há pouco, a Marlene Dietrich, nada menos de 48 chapéus de uma só vez. Esse é o recorde mundial em matéria de tais transações. O anterior pertencia à duquesa de Windsor, que certa vez adquirira 42.

VARIOS ESPECTADORES de «A Dama das Camélias», interpretado pela Garbo, ao saírem de um cinema em Skiltuna (temperatura: 32 graus negativos) ainda com lágrimas nos olhos, tiveram essas lágrimas petrificadas pelo frio. Quatro tiveram de ser socorridos por médicos. Vê-se cada uma!

MARILYN MONROE contou que seu pai, norueguês, morreu em Nova Iorque, vítima de um acidente de automóveis. Agora, uma norueguesa, cujo pai emigrou para Nova Iorque há muitos anos, ali morrendo justamente vítima de um acidente de automóveis, julga-se irmã de Marilyn. Circunstância interessante: a jovem é gorducha, feia de rosto — aquilo que entre nós, brasileiros, se convencionou denominar de «bucha».

NUM CENÁRIO magnífico (no late Clube, ao ar livre), numa tarde de sábado cheia de sol, realizou-se a feijoada comemorativa do segundo centenário da «Penúltima Hora», o vespertino de Leon Eliachar, de que «Última Hora» é suplemento. Mais de duzentas pessoas (noventa por cento brotos curvilíneos) compareceram ao feijão-amigo, que foi deglutido convenientemente acompanhado de um vasto repertório de batidas de todos os tons e gostos. Marcada para as treze horas, a coisa começou mesmo foi lá para as quinze e pouco, de vez que os retardatários foram abundantes. No fim, tudo terminou bem: Leon (que é egípcio, como Anna Magnani e Ramsés II) resolveu dar um passeio de lancha, acompanhado exclusivamente de suas secretárias; e nós viemos trocando as pernas até em casa, onde desde já aguardamos o convite para a feijoada tricentenária.



MARCEL
Prêmio Goethe



MARGARET TRUMAN
Feiúra Noiva



TOYNBEE
Na Colômbia



GARBO
Lágrimas Abaixo de Zero



Adilbert (Paris Match)

Desânimo Abatimento



Desânimo, abatimento, mau humor, palpitações, ansiedade, excitações nervosas, dores de cabeça e outros distúrbios mais sérios da saúde podem ser causados pelas inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Quando estes órgãos não funcionam normalmente, o gênio da mulher altera-se quase sempre, e ela pensa, não raro, que está sofrendo de muitas doenças, sem desconfiar, nem se lembrar, que os seus males podem ser provenientes de congestões e inflamações útero-ovarianas.

Em semelhantes casos, uma boa medicação descongestionante exercerá efeito salutar sobre todo o organismo, e a mulher sentir-se-á outra: reanimada, bem mais disposta e contente com a vida, que lhe parecia, antes do tratamento, um pesado fardo.

Trate-se

Use Regulador Gesteira

Regulador Gesteira é o remédio de confiança para tratar as congestões e inflamações dos órgãos útero-ovarianos, que tão desfavorável repercussão costumam ter no sistema nervoso.

Comece hoje mesmo

a usar Regulador Gesteira

EM QUALQUER PONTO DO
BRASIL QUE V. S. RESIDA

O MUNDO

PORTUGUÊS

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

Estará Todas as Semanas ao Seu Alcance. Seja Assinante Dêste Moderno Semanário e Esteja em Dia Com os Acontecimentos da Pátria de Camões!

Assinaturas:

AV. RIO BRANCO, 277 - 12.º - GRUPO 1.203 FONE 32-0499
RIO DE JANEIRO

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Réde Interna)
SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 21 E 27 DE ABRIL DE 1956
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

- ★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Tome todo o cuidado com o que é seu, durante a semana. O leitor poderá ser vítima dos espertalhões ou dos amigos das coisas alheias. O tempo é de calor, mas não durma com as janelas abertas. Não esqueça esse aviso.
- ★ TOURO (21/10 — 20/11) — Seu planeta o predisporá muito mal, no curso da semana, em relação aos esportes e à política. Não discuta nem tome partido em tal terreno pois correrá o risco de perder, por certo tempo, sua própria liberdade.
- ★ GÊMEOS (23/12 — 20/1) — O leitor terá no curso da semana entrante, uma excelente oportunidade para pôr seus negócios em ordem e arrumar melhor as próprias idéias. Todo reajustamento será bem sucedido em tal período.
- ★ CANCER (23/12 — 20/1) — A nova semana será muito boa em relação aos seus negócios. Haverá harmonia na vida doméstica e uma situação de certo relêvo na vida social. Apenas as atividades sentimentais vão ser prejudicadas.
- ★ LEAO (21/1 — 20/2) — Os influxos planetários da semana favorecerão a solução satisfatória de qualquer caso do seu interesse. Aproveite, para tanto e especialmente, os quatro últimos dias. Poderá, igualmente, requerer nas repartições e solicitar favores, empréstimos, etc.
- ★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Não mude de posição nem faça inovações quaisquer durante o novo período. Os influxos planetários reinantes, no seu caso, serão inarmônicos nos setores de potencial do seu horóscopo.
- ★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Não leve a efeito, na semana em pauta, a viagem projetada. Do mesmo modo, não proponha ação em juízo nem firme documentos que impliquem em responsabilidade financeira futura. O momento não será oportuno.
- ★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — Livre-se dos amigos. Sua *entourage* tudo fará, durante a semana, para contradizê-lo, podendo resultar das atitudes que tomar, ruptura de relações, a perda de amizades antigas.
- ★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Nenhum acontecimento brusco poderá agitar sua vida, no curso da semana, pois, os influxos planetários, harmônicos mas fracos como se anunciam, não poderão propiciar grandes coisas.
- ★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Sua posição em face do céu emissor será a melhor possível, principalmente nos quatro primeiros dias da semana em causa. Aproveite bem tão boa oportunidade.
- ★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Não faça negócios a prazo nem se aventure à compra ou venda de terrenos. Saturno não o olhará com boa cara e poderá fazer uma das suas.
- ★ PEIXES (22/8 — 20/9) — As melhores influências da semana serão registradas, no seu caso, na vida profissional. O momento lhe dará chance para uma melhoria de posição e de proventos.

OS NOMES DA SEMANA

Abril, 21	—	Juvêncio	—	Margarida.
» 22	—	Leôncio	—	Célia.
» 23	—	Tomás	—	Elvira.
» 24	—	Ricardo	—	Ricardina.
» 25	—	Evandro	—	Vanilda.
» 26	—	Gerôncio	—	Ruth.
» 27	—	Augusto	—	Vitória.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

(Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich)

Abril, 21	1º 21' 7"	(Signo do Touro)
» 22	2º 19' 36"	» » »
» 23	3º 18' 3"	» » »
» 24	4º 16' 28"	» » »
» 25	5º 14' 51"	» » »
» 26	6º 12' 12"	» » »
» 27	7º 11' 24"	» » »

A FIGURA EM FOCO



MEN
DEZ

COLÉ

Com êsse jeitão de bamba
E malandro da Favela
Não gosta de turumbamba . . .
Mas gosta muito da "estrêla".



A

espera da canoa, tinham-se estendido ambos à sombra, à beira do rio, e olhavam silenciosamente as turvas e rápidas ondas do Kuban, que vinham banhar os seus pés. Lenka dormitava, e o avô Arkhip não podia conciliar o sono por causa de uma dor profunda que sentia no peito. Sobre o pardo fundo da terra, os seus corpos crispados pareciam os de dois entes miseráveis.

Um maior e o outro menor.

Os seus rostos morenos, cheios de pó, abatidos pela fadiga e pelo calor, tinham tomado exatamente o mesmo tom sujo e amarelento dos farrapos com que cobriam os seus corpos.

Alto e descarnado, o avô Arkhip tinha-se estendido de través, na estreita tira de areia que corria ao largo da praia como um cinto roxo, e Lenka, pequeno e débil, feito um novelo, parecia, pelos seus andrajos, um ramo torcido, separado de seu avô, árvore velha e carcomida que as ondas espumejantes do rio tivessem arrojado à praia.

O avô, levantando a cabeça, olhava a margem oposta inundada de sol e coberta de fo-

lhagem, sobre a qual se destacava a negra borda da barca. Tudo parecia estar ali triste e vazio.

A faixa cinzenta do caminho partia do rio em direção à profundidade da estepe, e ao vê-la tão comprida e tão poeirenta, o avô inquietou-se. Os olhos ternos e inflamados do velho Arkhip constrangeram-se com angústia de baixo das suas roxas e inchadas pálpebras. O seu rosto sulcado de rugas tinha uma solene expressão de tristeza e ao mesmo tempo de dor. Tossia, e olhava com desassossêgo o seu neto.

Levou a mão à boca. A sua tosse era cavernosa, sufocante, e obrigou-o a levantar-se, ao mesmo tempo que dos seus olhos se desprendiam grossas lágrimas. A não ser o ruído daquela tosse e o doce murmúrio das ondas ao romperem-se contra a areia, não se ouvia nenhum outro na imensidade da estepe, calcinada pelo sol. A estepe estendia-se imensamente, e longe, muito longe, no horizonte que os fatigados olhos do avô apenas distinguiam, agitava-se majestosamente o dourado mar de trigo enquanto que sobre ele sorria um céu esplêndido e deslumbrante.

Perto daquele sítio divisavam-se as graciosas figuras de três álamos brancos, e dir-se-ia que aquelas árvores mudavam de aspecto, pois umas vezes pareciam grandes, outras vezes pequenas, enquanto que ao longe o céu e os campos de trigo semelhavam animados por larga ondulação. Depois, e repentinamente, tudo desaparecia debaixo do prateado e brilhante véu da miragem de estepe, véu ilusório, ondulante e claro, que se estendia uma vez por outra desde o distante horizonte até às areias do rio, e que por sua vez parecia ser outro rio caído repentinamente das celestes alturas, tão puro e tão tranqüilo como o próprio céu, com o simples objetivo de reanimar a estepe aniquilada pelo calor, mas que se desvanecia com tanta rapidez como se formava!...

O avô Arkhip, que não conhecia tal fenómeno e que nascido na Rússia Grande, jamais tinha pisado a estepe onde o homem o empurrava hoje, esfregava desesperadamente os olhos. Pensava que os calores da estepe diminuíssem a vida como lhe tinham diminuído já a força muscular das pernas, pernas que já não podiam suportar como noutros tempos, jornadas de trinta e dois quilômetros, e ainda muito con-

O AVÔ ARKHIP E LENKA

Conto de MÁXIMO GORKI

Ilustração de RAMÓN

tente se poderia considerar, por fazer metade do dito caminho.

Hoje, com muito mais força que em seus últimos tempos, atormentava-o a idéia de se ver enfermo e em miserável situação. Compreendia que morreria depressa, e ainda que visse com indiferença a proximidade do seu fim e considerasse a morte como recompensa devida à Natureza, desejava morrer em Orel, onde tinha nascido. O que verdadeiramente o preocupava, o que para ele constituía um tormento, era a lembrança do seu neto.

Que seria de Lenka depois da sua morte?

Todos os dias, muitas vezes, formulava a si próprio esta pergunta, e sempre que pensava nisso sentia contrações e calafrios. Tão doente, tão angustiado se achava, que de boa vontade voltaria imediatamente para a Rússia. Mas recordava-se da Criméia, das áridas estepes, dos grosseiros e rudes pastores daquela inóspita região, dos seus enermes e ferozes cães, dos tártaros insolentes e de uma aventura ocorrida em Taman.

Voltar à Rússia estando tão longe!... Impossível!... Não chegaria nunca: morreria em caminho. Ali, em Kuban, eram pródigos em dar esmolas. Era verdade que a classe baixa, apesar de desfrutar comodidades, era rude e zombeteira e professava pouco afeto aos mendigos, mas no entanto ali poderia recolher alguma coisa para Lenka que tão órfão era em Kuban como em qualquer outra parte, como no país em que nasceu, e ao fixar em seu neto os seus olhos umedecidos pelas lágrimas, acariciou-lhe ternamente a cabeça com a sua mão rude.

O pequeno voltou para o seu avô o emagrecido rosto de nariz comprido, de lábios delgados, anêmicos, queimados pelo calor e pelo vento de estepe. Os seus olhos grandes, azuis de olhar profundo, expressão de um pensamento fixo, pareciam maiores ainda, ao vê-los cravados naquela carinha chupada e desfigurada pelas bexigas.

— Vem já? — perguntou colocando a mão em forma de viseira sobre os olhos para ver melhor, a olhar para o rio, cujas águas refletiam os raios do sol.

— Ainda não, — contestou a si próprio. — Não se move, continua no mesmo sítio. Que faz?

— Como ninguém chama, continua ali tranquilamente, — disse Arkhip, sem deixar de acariciar a cabeça de seu neto. Dormiste alguma coisa?

Lenka moveu vagamente a cabeça e tornou a estender-se na areia, permanecendo ambos calados durante algum tempo.

— Se me fôsse possível nadar, banhar-me-ia de boa vontade, — disse Lenka olhando fixamente o rio. A sua foz corre com muita rapidez. No nosso país não há outro rio como este. Por que vai tão depressa? Corre como se temesse chegar tarde. E Lenka, mostrando descontentamento, desviou os seus olhos da corrente.

— O que poderemos fazer, — disse o avô depois de ter pensado alguns instantes, — é tirarmos os cinturões e atá-los um ao outro. Ata-se um a uma das tuas pernas e já te podes arriscar dentro da água.

— Obrigado, — disse Lenka, — mas a tua invenção não me convém. Crês que a corrente do rio não terá força bastante para arrastar-te e para que nos afoguemos os dois?

— Aqui, junto à borda? ...

Lenka não tinha vontade de falar e nada objetou a seu avô. Tomou com os dedos um pedaço de argila, e, conservando no rosto aquela expressão de seriedade reflexiva que lhe era habitual, reduziu-o a pó.

O avô Arkhip observava-o, pensativo.

— É singular! — disse Lenka com voz monótona e pausada, sacudindo ao mesmo tempo o pó que cobria os seus dedos.

— Vêde esta terra: apanhei-a com a mão, esmaguei-a com os dedos, e ela converteu-se em pó... Transformou-se em pedacinhos que mal se vêem.

— E o que tem isso de singular? — perguntou-lhe o avô, que começou a tossir e via através das suas lágrimas os grandes olhos do pequeno brilharem intensamente na sua face seca e angulosa. Por que me perguntas isso? — acrescentou quando deixou de tossir.

Lenka, movendo a cabeça, respondeu: — Pergunto-te, porque esse pedaço de terra não é mais do que eu sou. É precisamente o que eu sou... — e com a sua mão apontou a margem oposta do rio. E quantas casas se tem edificado lá em cima!... Quantas cidades temos atravessado juntos!... Isto é horroroso!... Quanta gente por toda a parte!...

Não podendo Lenka concentrar o seu pensamento, voltou à atitude reflexiva e pôs-se a olhar bem de frente.

O avô Arkhip calou-se por momentos, e pouco depois, aproximando-se do neto, disse-lhe com doçura:

— És um sábio. O que dissesse é a verdade. Tudo é pó! Sim, meu Lenka, meu querido Lenka, se soubesses ler e escrever, terias aberto já caminho. Pensas como um velho. Meu pombinho! Minha querida ave do paraíso! Que será de ti? E o avô apertou contra si a cabeça do seu neto e abraçou-se a ele.

— Escuta, — disse Lenka com viveza, desembaraçando os seus cabelos cor de linho dos descarnados dedos de seu avô. — Que dissesse?... Falavas de pó?...

— Deus foi quem dispôs desse modo, meu pombo. Tudo é terra, e a terra não é mais que pó. E tudo morre sobre a terra. É como te digo!... Eis por que o homem deve viver no trabalho e na humildade. Eu também morrerei depressa. Que será de ti quando eu morrer? E a voz do velho não podia ser mais triste. Aquela exclamação do velho, tantas vezes repetida, aquele temor da sua próxima morte, mortificavam Lenka. Voltou-se, arrancou um talo de erva, meteu-o na boca e pôs-se a mastigá-lo lentamente.

Aquela era conversação predileta do velho, a sua idéia fixa, a chaga aberta que não deixava de brotar sangue.

— Porque não me respondes?... Dize-me: Que farás tu sem mim? — e inclinou-se carinhosamente para o pequeno.

— Já t'o disse! — respondeu Lenka, distraído e descontente ao mesmo tempo, olhando o seu avô de soslaio. Desgostavam-no as conversações daquele gênero, porque costumavam acabar em discórdias.

(Cont. no próximo número)





ELIZABETH DE ÁUSTRIA

A IMPERATRIZ REVOLTADA

Por ROBERT VERNON

Ilustração de LLAMPAYAS

Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA — Copyright Keystone

SEPOIS de longas explicações, a baronesa se deixou persuadir, e já no dia seguinte, bem cedo, se apresentava na casa dos Vetsera. Uma atmosfera pesada ali reinava: Maria estava trancada em seu quarto. Não foi senão com grande dificuldade que a baronesa conseguiu persuadir a mãe de Maria de deixá-la falar com a moça. A baronesa encontrou o quarto dela na maior das desordens; seu vestido de baile jazia à um canto, rasgado e pisado; Maria estava refugiada sob as cobertas, os longos cabelos em desordem, o rosto delicado denunciando traços visíveis de fadiga. A baronesa tomou-se de um sentimento legítimo de piedade. Nunca imaginara que a paixão de uma jovem pudesse ser tão sincera e profunda. Quando Maria a viu entrar, saltou do leito, atirando-se ao seu pescoço, e gritando em voz cheia de soluços:

— Salve-me, pelo amor de Deus, salve-me!
— Sim, quero salvar-te, mas é preciso que aceites minhas condições. Falarei com tua mãe, e farei tudo que estiver a meu alcance para que possas rever Rodolfo. E' preciso, porém, que digas que êsse será o último encontro entre ambos. Que nunca mais tu o verás na vida. Despreza Rodolfo, eu te suplico, porque êle não presta, é cruel para com as mulheres. Salva-te de uma catástrofe certa. Deves renunciar a êle, definitivamente.

— Sim, sim, farei tudo o que a senhora desejar, porém, tire-me daqui, pois não posso mais respirar, nessa casa!

A baronesa, satisfeita com o sucesso de sua missão, foi procurar madame Vetsera, pedindo-lhe que deixasse sair umas horas que fôsse, Maria Vetsera daquele quarto, a fim de que pudesse arejar um pouco os pensamentos, distraindo de seu acabrunhamento. Logo, Maria se preparou, vestindo-se com um traje negro

muito justo, e adornado com lantejoulas; na cabeça, colocou um chapéu, cujo véu dissimulava um pouco seus olhos inchados de tanto chorar. A despeito de tudo, havia, nesses olhos, uma chama nova, e Maria estava mais bela do que nunca.

Fiel ao plano que concertara com Rodolfo, a baronesa compareceu ao encontro, na hora combinada, levando Maria. O criado de quarto Lotsek, grave e silencioso, as precedia, no labirinto de curvas e de corredores. Por fim, deteve-se ante uma porta fechada. Pouco depois, as duas mulheres se encontravam num aposento decorado em verde, onde se viam, aqui e ali, troféus de caça. Sem qualquer barulho, abriu-se uma portinhola, e Rodolfo apareceu na sala.

— Sou-te infinitamente grato, disse à baronesa. Porém, tenho ainda uma graça a te pedir: desejo falar a sós com Maria, durante dez minutos apenas.

A baronesa aquiesceu em ficar só por alguns minutos, e Rodolfo levou Maria para um aposento ao lado. Dez minutos mais tarde, reaparecia, sozinho.

— Onde está Maria? perguntou a baronesa.

Um riso irônico nos lábios, Rodolfo retrucou:

— Onde está Maria?

Dessa vez, já com angústia na voz, a baronesa exigiu explicações.

— Acalme-se, mulher! Acontece que terá de partir sem Maria.

— Partir sem ela? Estás louco? Perdeste o senso da reflexão, a tal ponto que não mais possas controlar teus atos? Não vês que é impossível conservares Maria prisioneira nesses aposentos?

— Contudo, é o que desejo fazer, e é o que farei. Tu só tens que ficar calada, e partir.

— Mas não posso partir sem a menina. Sua mãe me confiou. Que lhe direi?

— Nada tens a dizer-lhe. Ou melhor: diz-lhe que, enquanto faziam compras numa loja, Maria, burlando tua vigilância, penetrou em um carro e desapareceu rapidamente.

— Irei queixar-me ao Imperador seu pai!

Porém, nem ameaças, nem súplicas, puderam modificar a louca resolução de Rodolfo. A baronesa, desesperada por haver caído em tal lóbro, mas cessando de combater, deixou o palácio, e correu à casa de madame Vetsera, a quem contou exatamente o que lhe dissera Rodolfo.

— Acalma-te, disse madame Vetsera, emocionada com o desespero da baronesa. Não foste culpada do que aconteceu. Desde há alguns dias, Maria parece absolutamente fora de si. Agiu, pois, sem atinar com o grande escândalo que sua atitude irá certamente provocar.

Mal terminara ela de dizer tal frase, quando uma criada irrompeu no aposento em que se encontravam as duas mulheres. Apresentou, respeitosamente, um bilhete à madame. Essa o abriu com dedos nervosos, decerto pressentindo a catástrofe, e logo reconheceu, naqueles caracteres, a escritura de Maria:

— Minha mãe querida: Quando leres essas linhas, já estarei no fundo do Danúbio...

Indescritível a cena de desespero que se seguiu à leitura da carta de despedida da jovem.

Apenas refeitas do grande espanto e da imensa dor, as duas mulheres acorreram pressurosas ao palácio de Hofburg, a fim de solicitarem uma audiência com a Imperatriz, tia da baronesa, a qual tencionava relatar-lhe todos os lances da tragédia. Seja por que motivos fossem, porém, a baronesa, que não gozava de muito boa reputação, custou a obter tal entrevista, e as duas irmãs de Maria, impacientes, compareceram à polícia, a fim de apresentar queixa sobre o desaparecimento da irmã.

Durante todo esse tempo, na véspera, à noite, Rodolfo pretextara uma dor de cabeça para não comparecer a um jantar de família. Em realidade, aquela mesma noite, acompanhado do conde Hoyos e de alguns poucos amigos, ele partia para Mayerling onde possuía um pavilhão de caça.

Na manhã seguinte, um claro sol brilhava sobre as árvores — sol propício à caça —, e a densa floresta de pinheiros que cercava o castelo parecia convidar os nobres caçadores aos lances arriscados de seu esporte favorito.

Todavia, quase dez horas já eram soadas, e, contrariamente aos seus hábitos, Rodolfo permanecia ainda em seus aposentos, e tudo era calmo e silencioso no pavilhão.

NUM QUARTO DE DORMIR

Na sala de jantar, em torno a uma mesa rústica, os companheiros de Rodolfo tinham terminado, hávia muito, sua refeição da manhã. O arquiduque ainda não tinha dado o sinal de partida, por todos aguardado, mas, devido ao adiantado da hora, seu criado de quarto, que lhe conhecia melhor do que ninguém os hábitos, e que não desconhecia que o patrão ficaria aborrecido por tanto tempo perdido em vão, foi bater discretamente à porta de seu quarto, e após pôs-se a escutar, a fim de captar uma possível resposta. Bateu mais uma vez, sem resultados. Cada vez mais fortemente, prosseguiu batendo na porta, enquanto as surdas pancadas, ecoando pelos corredores úmidos, davam uma triste impressão de abandono e de solidão. Deteve-se o criado, refletindo. Sabia que na véspera, os nobres, com ciganos e champagne, tin-

ham leito sua refeição alegremente; pensou, pois, que o patrão, bêbedo ainda, dormia em sono profundo... Depois, recordou também que a jovem, cuidadosamente velada com um manto negro, que uma berlina conduzia até ao pavilhão, e que ele mesmo introduzira no quarto do arquiduque, após propiciar-lhe um lauto jantar, de quando em quando interrompido pelas canções báquicas dos jovens amigos de Rodolfo, também ainda deveria estar repousando. E não fora ele, criado, quem guiara os passos trêmulos do jovem arquiduque, por volta das quatro da manhã, até àquele quarto, onde a jovem, trêmula, o aguardava havia horas? Máquinalmente, recomeçou a bater à porta. Uma vez, outra ainda, cada vez com mais força: nenhuma resposta. E subitamente, a inquietação o invadiu. Apressadamente, correu até à sala de jantar, onde os caçadores, impacientes, fumavam seus cachimbos. Susmurrou qualquer coisa ao ouvido do conde Hoyos, que empalideceu, atirou seu cachimbo para longe, e seguiu o criado até à porta silenciosa.

Um pressentimento mais forte do que todos os raciocínios invadira, que, mesmo sem bater, derubou a porta, com um só golpe de seus ombros largos e possantes, penetrando no quarto, seguido pelo trêmulo criado.

Um terrível espetáculo se ofereceu então aos olhos de ambos: Rodolfo estava rígido, sobre o leito. De sob os lençóis, um imenso rio de sangue já coagulado emergia. O crânio do jovem príncipe estava em pedaços, e Rodolfo conservava ainda, à mão, o revólver com o qual pusera termo à existência, após acabar também com a vida de Maria Vetsera, que jazia a seu lado, a testa atravessada por uma bala...

Essa trágica visão petrificou os dois homens, como se um encantamento os tivesse colhido. Enfim, de olhos baixos, retiraram-se ambos do quarto. Hoyos cerrou a porta, com giro de chave, e desceu a passos lentos a escada de madeira.

Com um esforço sobre-humano conseguiu o conde distarçar sua emoção, penetrando no salão onde seus companheiros o esperavam demonstrando impaciência. Em voz sem timbre, porém calma, anunciou que Rodolfo, um pouco adoentado, não saíra do quarto, mas que lhe pedia para transmitir aos companheiros seus votos de uma boa caçada. Ele, Hoyos, porém, não participaria da mesma, pois o arquiduque o incumbira de uma delicada missão, em Viena.

MENSAGEM TRÁGICA

Chegando a Viena, e após desprezar solenemente toda a etiqueta observada no palácio de Burg sem mesmo trocar seu costume, lêz-se anunciar ao Imperador, através do ajudante de ordens deste, conde Paar. Sem introitos, o conde Hoyos anunciou-lhe a terrível notícia. Os dois homens, a seguir, participaram de uma espécie de conselho de guerra, nenhum dos dois desejando ser o portador da novidade à Imperatriz-Mãe. Afinal, incumbiram a dedicada Ida Ferenczi de ser o porta-voz da delicada missão.

Depois de muitas hesitações, Ida consente em acompanhar o conde Hoyos até onde está Elizabeth, mas essa, como todos os dias, ocupada em suas intermináveis lições de grego, mandou dizer-lhes que os receberia logo mais, de vez que agora estava ocupada. Ida insiste, inutilmente, e, vendo que não conseguiria chegar à presença de Elizabeth de outro modo, manda dizer-lhe pela Dama de Honor:

— O conde Hoyos traz notícias desagradáveis, de Sua Alteza o Príncipe Herdeiro...

Quando afinal a terrível nova foi revelada a Elizabeth, essa e com ela o Imperador, reunindo, numa prova admirável, as últimas forças que lhes restam, decidem, antes de tudo, de evitar o escândalo, ou ao menos tentar evitá-lo.

O Conselho de Família é convocado. Desprezando-se todos os protocolos, reúnem-se, no Conselho, Francisco José e sua esposa, a baronesa Vetsera, esmagada pela dor, o conde Hoyos e Catarina Schrott, sempre lúcida, mesmo diante de uma catástrofe igual.

A partir daquele momento, os acontecimentos se desenvolvem segundo um plano pre-ordenado. Primeiro, através dos jornais, o povo é informado da morte repentina do príncipe herdeiro. A opinião pública, porém, continua cética a respeito da notícia, e sobretudo pela falta de dados sobre a maneira como ocorrera o desenlace. Sem protestos, sem agitação, o povo deseja conhecer simplesmente a verdade, e Francisco José, por uma única vez, segue o conselho de seus pares.

Na manhã seguinte, todos os jornais noticiam o suicídio, deixando, é claro, de mencionar detalhes. A hesitação que transparece nas atitudes oficiais, o mistério de que se cercou o trágico gesto do jovem Rodolfo, fazem nascer as piores histórias, para explicar-lhe a morte prematura. A família Vetsera, após misteriosos conchavos, deixa para sempre a Áustria.

Enquanto isso, talvez à mesma hora, os dois médicos da corte, Wiederhofer, prepara os cadáveres para sua última viagem. Na noite seguinte, em um caixão sem flores, sobre um ataúde sem as insígnias da família, o corpo de Rodolfo é conduzido à Capela do Palácio de Mayerling. Rodolfo, a cabeça envolta em esparadrapos, que distarçaram as feridas que a desfiguram, está vestido como general. Ao Réquiem, comparecem os Imperadores, como que esmagados pela dor. Depois, o corpo do arquiduque é levado para Viena.

Já, porém, os irmãos de Maria Vetsera, acompanhados pelos policiais, se apossavam do corpo da infeliz jovem. Segundo uma ordem «superior», foram eles obrigados a vestir o cadáver da irmã tal como fizera ela entrada em Mayerling, isto é, trajando o mesmo costume de caça, envolta em um véu negro e tendo à cabeça um chapéu de abas largas. Depois, levantando-a pelos braços, levaram o corpo inerte para uma carruagem, e, arrumando num canto da mesma o cadáver, como se Maria ainda estivesse viva, partiram, sob o céu sem estrelas para o seu trágico destino.

(Cont. no próximo número)

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

◆ Elizabeth, filha dos duques da Saxônia, casou-se, muito criança ainda, com o jovem Imperador Francisco José da Áustria. Sensível e emotiva, o temperamento álgido do Imperador cedo a desencantou. A sensibilidade de Elizabeth, aliás, raiava as beiras do desequilíbrio, e desse desequilíbrio deu mostras ela muito cedo. Aliás, sua vida e a de seus familiares, eivada de tragédias, não podiam levá-la senão à loucura. Com o passar dos anos, mais se acentuou o caráter de Elizabeth. As aventuras amorosas, as viagens sem destino pela Europa, os constantes atritos com o Imperador e com o filho Rodolfo, constituíam o tema principal das conversações frívolas da Corte Vienense. O Arquiduque Rodolfo, herdeiro do trono, liberal e político, dono de dupla personalidade, de dia sendo o mais pacato dos palacianos, de noite, um crápula imerso até ao pescoço num mar de degradação, foi um dos últimos e maiores tormentos que Elizabeth teve de suportar durante sua existência. Sua ligação com a jovem Maria Vetsera — ligação vergonhosa e abjeta — foi fonte de inúmeros desgostos para a já madura Elizabeth.

UM LIVRO

UM CONTISTA

J. R. TEIXEIRA LEITE

♦ SAMUEL RAWET foi revelado faz alguns anos, primeiro como crítico, logo depois como autor teatral, em um movimento de que foi principal animadora a romancista Dinah Silveira de Queiroz. Era um jovem nascido na Polônia, de somente vinte anos, mas que, chegado ao Brasil havia quase quinze, dominava perfeitamente o idioma português. Do teatro, saltou Rawet para o conto — onde, vez por outra, ainda se notam reminiscências do antigo autor, hoje adormecido sob o contista, sem dúvida mais poderoso. Os suplementos literários do Rio, a partir de 1950, enchem-se de contos do jovem polaco. Eram contos diferentes, alguns irritantemente desconexos, muitos quase herméticos em mais de uma passagem. Nêles, não encontravam os leitores aquilo a que estavam acostumados a ver nos contistas modernos brasileiros: a narrativa simples, de um fato qualquer, com princípio, meio e fim. Porque os contos de Samuel são diferentes, já dissemos: por eles se entrecruzam dezenas de frases aparentemente sem relação com o todo, mas que desempenham, no conjunto, um papel importante — tal como os grossos cabos de aço que sustentam uma ponte, e que, para o observador menos arguto, são apenas uma babel de fios emaranhados. Como Euclides da Cunha, Rawet é engenheiro. E o cotidiano e humilde contacto com a exatidão dos cálculos talvez tenha contribuído, mais do que qualquer outra coisa, para o estilo enxuto e rígido do contista, para sua arte depurada de inutilidades, para sua linguagem algébrica, se assim a podemos definir.

Rawet — já ficou dito — nasceu na Polônia. Mas, criança ainda, chegado ao Brasil, não sofreu a influência da Literatura Polaca. Contudo, em seus contos perpassa certa tristeza muito peculiar aos habitantes dos «ghettos» de Varsóvia, certa melancolia heróica que é bem o apanágio da raça judaica, à qual Samuel Rawet pertence. O conto «O Profeta», que narra a história de um velho israelita que, tendo imigrado por se sentir infeliz em sua terra natal destruída, na Terra Prometida também não encontra a felicidade esperada e termina por voltar à sua pátria, é um dos mais profundamente humanos da coletânea (1). É nele, principalmente, que se podem observar as excelentes qualidades do contista Rawet. Nêle, e em «Gringuinho», por exemplo, onde também se pode observar a revolta do menino de outra raça, transportado para um meio não propriamente hostil, mas hostilmente curioso.

Quase todos os contos traem a origem judaica do autor; e os raros que têm como ambiente outra atmosfera não nos parecem tão bons como os acima citados. Não terminaremos essa crônica sem chamar a atenção para o lugar de destaque que Samuel Rawet vem ocupar, com seu primeiro livro de contos, na vanguarda dos contistas brasileiros, entre aqueles para os quais o conto é um exercício tanto de sensibilidade como de aguda inteligência.

(1) Samuel Rawet — Contos do Imigrante — José Olímpio Editôra. Capa de Luís Canabrava. 127 páginas. Rio, 1956.

êxito indescritível, despertando grande interesse, nos Países Baixos, pela literatura brasileira.

ERNANI SATIRO, que há tempos estreou com «O Quadro Negro», termina seu segundo romance, «Mariana». A José Olympio será a editôra.

HÁ UMA VAGA na Academia Brasileira de Letras, com a morte de Dom Aquino Correia. Parece que à mesma candidatar-se-á o escritor e jornalista Magalhães Júnior, que há muitos anos busca ingressar na Casa da Avenida Presidente Wilson.

JOSÉ LINS DO RÉGO está revendo as provas de «Meus Verdes Anos», suas memórias, que a José Olympio editará brevemente.

O ROMANCE «O Tempo e o Vento», de Érico Veríssimo, vem alcançando êxito em Paris, onde foi lançado pela Juillard. Nada menos de dez mil exemplares foram vendidos em poucos dias. Aliás, no Brasil, as edições de livros de Veríssimo são procuradíssimas, bastando dizer que a Livraria do Globo já imprimiu nada menos de quinhentos e vinte mil volumes, só do romancista gaúcho.

O ATOR cinematográfico Spencer Tracy está em Havana, para iniciar as filmagens de «O Velho e o Mar», argumento extraído da novela de Hemingway de igual nome. Aliás, o livro em questão bateu, entre nós, vários recordes de popularidade: em dois meses, quatro edições se esgotaram.

OTHON MOACIR GARCIA, que nos propiciou «Esfinge Clara», interessante estudo sobre o método da «palavra-puxa-palavra» em Drummond de Andrade, tem, já pronto, e prestes a ser lançado pela São José, um ensaio sobre Gonçalves Dias.

A TERCEIRA edição de «Encantamentos», versos do poeta Nabor Fernandes, da Academia Valenciana de Letras, acaba de sair, pela Edi-

Poesia

Canção

Em minha sepultura,
— Ó meu amor, não plantes
Nem cipreste nem rosas;
Nem tristemente cantes.
Sê como a erva dos túmulos
Que o orvalho umedece.
E se quiseres, lembra-te;
Se quiseres, esquece.

Eu, não verei as sombras
Quando a tarde baixar;
Não ouvirei de noite
O rouxinol cantar.
Sonhando em meu crepúsculo,
Sem sentir, sem sofrer,
Talvez possa lembrar-me,
Talvez possa esquecer.

Cristina Rossetti
(Tradução de Manuel Bandeira)



Ernani Satiro prepara o segundo romance



José Lins revê as memórias



Veríssimo: 520 mil exemplares



Hemingway: será filmado «O Velho e o Mar».

Notas

A AGIR vem de publicar a nona edição de «Lições de Abismo», de Gustavo Corção. A propósito, convém lembrar que esse romance, quando traduzido para o holandês, alcançou

tôra A Noite. Exemplo do estro de Nabor Fernandes: «Teus versos são belos — eu nêles ouvira / A voz mavioso do teu coração. «Será preciso dizer algo mais?

UM MÁRTIR DA INDEPENDÊNCIA

EDUARDO TOURINHO

QUANDO a 11 de julho de 1788 tomou posse — em Vila Rica — do governo da capitania de Minas Gerais, o capitão-general Luís Antônio Furtado de Mendonça, então Visconde de Barbacena, eram os habitantes devolvedores à Real Fazenda da avultada soma de quinhentas e trinta e oito arrobas de ouro proveniente do rendimento do quinto em atraso. As INSTRUÇÕES trazidas pelo novo governador definiam a maneira de proceder à cobrança: a derrama.

Muitos pensaram em abandonar as minas... Uma ameaça revolucionária pairava no ar... De volta do Rio de Janeiro à Vila Rica, o alferes Joaquim José da Silva Xavier procurava fazer prosélitos por onde passava. A sua loquacidade perdeu-o... Mas a verdade é que a chamada INCONFIDÊNCIA MINEIRA pareceu, por longo tempo, um alarde de serviços do governo colonial à Metrópole. Ocorreu numa época em que era vedada a publicidade de questões de tal ordem. Pouco soube o povo dos sofrimentos dos réus de Vila Rica trazidos para o Rio. Ribeyrolles escreveu que se conhecia, apenas, a versão dos juizes.

Foi Southey quem — na HISTÓRIA — teve a primazia de publicar detalhes da conjuração de 1789. Coube ao conselheiro José de Rezende Costa traduzir o publicado, que a revista do Instituto Histórico estampou em 1846.

Após pacientes e demoradas pesquisas, pôde o benemérito Joaquim Norberto de Souza Silva traçar a melhor HISTÓRIA DA CONJURAÇÃO MINEIRA. Ao Instituto, leu a primeira parte desse excelente trabalho pelos fins de 1860. Mas, publicada a obra, revelaram-se pequeninos e acanhados o perfil do TIRADENTES e seu papel na trama revolucionária. O verídico retrato e a definida ação daquele que a ignorância de cronistas e historiadores transformara em epígono do movimento, despertaram apaixonadas e injustas reações. Foi então que Sílvia Romero — entrando em campo — lucidamente escreveu: — ... «O livro de Norberto, bem longe de reacionário é um livro animado de fortíssimo espírito liberal e alentados aspectos democráticos.»

Mas, de qualquer forma, o TIRADENTES tornou-se um símbolo: injusta e cruelmente levado à forca, sintetiza os mártires da luta pela independência política do Brasil. Foram muitos e entre esses muitos estão os que participaram da chamada CONSPIRAÇÃO REPUBLICANA DA BAHIA, em 1798 e os da revolução pernambucana de 1871. Foram mais dura e terrivelmente reprimidas do que a chamada INCONFIDÊNCIA MINEIRA.

Executado a 21 de abril de 1792, o alferes Joaquim José da Silva Xavier — o TIRADEN-

TES — integrou-se perpétuamente na história pátria.

Na certidão assinada pelo desembargador Francisco Luís Álvares da Rocha — dos Agravos da Relação desta cidade e escrivão da comissão que inquiriu os **Inconfidentes** — está dito que o réu «foi levado ao lugar da forca levantada no Campo de S. Domingos e nela padeceu morte natural, e lhe foi cortada a cabeça e o corpo dividido em quatro partes.

Representou o suplício a última consequência da denúncia apresentada por Joaquim Silvério dos Reis ao governador das Minas Gerais no dia 15 de março de 1789. Onze implicados no movimento foram deparados para a África. De



A ESTATUA de Tiradentes ergue-se, imponente, diante do edifício da Câmara dos Deputados, na capital da República. Homenagem respeitosa ao Precursor de Nossa Independência.

Rio partiram a 23 de maio de 1792. A nau **Nossa Senhora da Conceição** levou Gonzaga a Moçambique. De nada lhe valeram as alegações de que nascera em Portugal — onde tinha pai magistrado — e as belas líricas à Marília. Para Angola — na **Princesa do Brasil** — seguiram o poeta Alvarenga Peixoto e o dr. Álvares Maciel. Para Cabo Verde — em degrêdo por dez anos — foi-se o conselheiro José de Rezende Costa. Em 1841 veio, porém, a representar Minas na Constituinte. O poeta Cláudio Manoel do Costa encerrou seus dias na cadeia de Vila Rica, a Ouro Preto dos dias presentes. Suicídio? Assassínio? Biparte-se a opinião dos perquiridores da história brasileira.

Que era o Campo de S. Domingos no momento da execução do TIRADENTES? Na primeira metade do século XVIII dava-se esse nome ou o de Campo do Rosário à área de brejos e charcos estendida do término da atual Rua da Uruguaiana aos começos da chamada Cidade Nova. De 1769 em diante, conhecia-se como Campo de S. Domingos o espaço vago entre a Rua da Alfândega e o sopé dos morros da Conceição e do Livramento.

Mas — para muitos — fôra a forca erguida no quadrado então formado pelas atuais ruas da Constituição e Visconde do Rio Branco — de um lado — e a Regente Feijó e a do Núncio do outro. Essa área, porém, era chamada Campo da Lampadosa. Em 1792, um e outro campo estavam separados pelos quarteirões habitados entre as ruas da Alfândega e Constituição. Essa, terminava no antigo Largo do Rócio, depois Praça da Constituição, Praça Tiradentes, Praça da Independência para, finalmente, voltar de novo a chamar-se Praça Tiradentes.

Num minucioso trabalho, Miguel Lemos indica o ponto certo do cadafalso: entre as ruas da Constituição e Visconde do Rio Branco, em local na época ocupado por certa empresa funerária. Vieira Fazenda, entretanto, era de outro aviso: nas **ANTIQUALHAS E MEMÓRIAS DO RIO DE JANEIRO**, aponta o Campo da Polé — que era perto da igreja da Lampadosa e por trás do Teatro JOÃO CAETANO.

Na certidão do escrivão da alçada está dito: o «lugar da forca no campo de São Domingos». Eram onze horas do dia 21 de abril de 1792 quando — em longo préstito — chegou TIRADENTES ao local da execução, sob a guarda de três regimentos. Subiu, lesto, ao patíbulo, olhos no crucifixo, sem qualquer mingua de coragem. Por duas vezes pediu que se apressasse o suplício. Nem isso obteve. O guardião do Convento de Santo Antônio — frei José de Jesus Maria do Destêrro — fez uma prática e rezou, vagaroso, o credo dos Apóstolos que o TIRADENTES, voz apagada, repetiu. Depois, o algoz impeliu a vítima... Era o «complemento do assassinato judiciário»...

A cabeça do mártir foi levada para Vila Rica e «os quartos» espalhados pelos caminhos. A certidão do ato foi escrita com o sangue ainda quente do TIRADENTES. A casa que habitava foi demolida. O chão foi coberto de sal. O «padrão de infâmia» levantou-se no lugar. Mas constitucionalizado o Brasil, o governo provisório — em Ouro Preto — fez tombar o «padrão de infâmia» e, no lugar, ergueu um edifício.

Símbolo dos mártires da Independência do Brasil, vive o TIRADENTES no coração e na memória do povo brasileiro.

A MUTILAÇÃO DO

—CRIME OU

NECESSIDADE?

SÃO DOIS OS PROJETOS PARA O ALARGAMENTO DA AVENIDA ATLÂNTICA — FALAM OS SEUS AUTORES, O PREFEITO NEGRÃO DE LIMA, BEM COMO ALGUNS EX-PREFEITOS.

Reportagem de W. GUARNIERI



VISÃO de Copacabana, uma das poucas coisas nacionais que têm atraído a atenção do mundo inteiro para o Brasil. Com a projetada reforma da pista de tráfego da Avenida Atlântica, também a praia desaparecerá?

O ESTAQUEAMENTO já foi pôsto na praia. Porém, as obras não vão começar ainda. Está-se em plena fase de experimentação, e críticas e sugestões estão sendo recebidas. Há mais gente contra, do que a favor do projeto.

• Po
menta
feitura
da at
uma
o seu
novos
via, c
menta
cêrc

O DE COPACABANA



oucas coisas
do mundo
cada reforma
Atlântica, tam-
á?

a praia. Po-
nda. Está-se
e críticas e
i mais gente
ojetto.

• Para solucionar o problema do congestionamento de tráfego em Copacabana, elaborou a prefeitura do Distrito Federal um plano de alargamento da atual avenida Atlântica, com a construção de uma nova pista para veículos, e fez complementar o seu trabalho com um projeto de perfuração de 3 novos túneis naquele elegante bairro carioca. Todavia, dado à publicidade o novo projeto de alargamento, ficou o público sabedor de que se iria **tomar** cerca de 18 metros à famosa praia, provocando o

fato um surto de protestos de que foram portadores os principais veículos de divulgação em todo o país. Enquanto as críticas de condenação ao autor de tão revolucionário plano prosseguem animadas, eis que um fato inédito acontece — surge uma nova personagem em cena, para contestar a paternidade da idéia a reivindicar, corajosamente, para si, a prioridade do cometimento, para muitos considerado como «Plano Mutilação Copacabana».

PROJETO CARLOS S. PEREIRA

Com a palavra o ex-secretário de Viação da Prefeitura, dr. Carlos Soares Pereira ★ "A praia está crescendo e vai crescer muito mais ainda, depois de tudo pronto" ★ 40 metros na parte mais larga e 10 metros na mais estreita ★ Onde não haverá mais praia ★ Solução definitiva para o problema do tráfego em Copacabana ★ Simultaneamente com a abertura do túnel Barata Ribeiro — Raul Pompéia, a ser executada breve

♦ A idéia do alargamento da atual Avenida Atlântica é minha, e por isso, assumo inteira responsabilidade pelo projeto que entreguei ao então prefeito Sá Lessa. Faço questão de trazer para mim todas as críticas sobre um possível insucesso dessa minha idéia.

Com essas incisivas palavras o dr. Carlos Soares Pereira, ex-Secretário de Viação e Obras da Prefeitura do Distrito Federal, procura defender-se da tempestade de críticas desencadeada nesses últimos tempos contra a fórmula encontrada pela Prefeitura para solucionar o problema do tráfego em Copacabana, com o sacrifício de uma faixa de 18 metros tomados à areia, junto ao atual passeio da Avenida Atlântica.

O dr. Carlos Pereira que se confessa **carioca da gema**, nascido em Botafogo, ingressou nos quadros da P.D.F. em 1922, como auxiliar de topógrafo, passando a engenheiro-chefe na administração Pedro Ernesto. Por 3 vezes ocupou o cargo de diretor de Obras da Municipalidade, nas gestões Hildebrando de Góis, Henrique Dodsworth e Mendes de Moraes. Funcionou como secretário de Viação e Obras, interino, em 41 e efetivo na administração Sá Lessa.

A PRAIA ESTÁ CRESCENDO...

Bem humorado, assume um ar tranqüilizador quando nos fala:

— A praia de Copacabana está crescendo e vai crescer mais ainda, depois de tudo pronto. Já existem propostas de famosos laboratórios de hidráulica para os estudos preliminares que irão indicar a natureza do trabalho a ser feito para afastar ainda mais o mar em Copacabana, como já se fez em Atlantic City, nos Estados Unidos, e em Mar del Plata na Argentina. O carioca não precisa ficar assustado com a «onda»

que ora se vem fazendo contra o meu projeto. E acrescenta com ar de malícia:

— «Aliás, ao apresentar esse meu projeto ao eng. Sá Lessa o fiz justamente com a intenção de recolher opiniões divergentes e analisar as críticas bem fundadas».

SOLUÇÃO PARA O TRÁFEGO

Exibe-nos o dr. Carlos Pereira plantas e cortes do novo projeto e vai apotando as vantagens do mesmo:

— Em primeiro lugar — visto com esse meu projeto uma solução definitiva para o angustiante problema do tráfego de Copacabana. Não há outra saída, a não ser mesmo o alargamento da atual avenida que contorna o mar.

«Com a construção de mais uma pista de 12,70 metros, um novo passeio junto ao mar, de 5 metros e um refúgio central de 5,5 metros fica resolvido o problema».

«O trecho que vai ser tomado à praia — 18 metros — é justamente o de areia fina misturada com a poeira do asfalto, que o banhista despreza e chega até a temer, pois lhe queimo os pés nos dias de sol».

40 METROS AINDA DE PRAIA...

Volta o dr. Carlos Pereira a fazer «blague» com a preocupação do carioca:

— Ora, o banhista de Copacabana sempre preferiu e prefere, como aliás é fácil de observar, a areia grossa e limpa, banhada pelas ondas. Mesmo depois do projeto, na parte mais larga, ainda restarão cerca de 40 metros de praia para o carioca se divertir à vontade...

«Repito: É preciso que se compreenda que não é propósito da Municipalidade «roubar» Copacabana a ninguém... Mesmo na parte mais



— A idéia é minha e assumo inteira responsabilidade pelo projeto.

estreita, e assim mesmo em determinadas épocas do ano, ainda sobrarão mais de 10 metros de areia grossa e limpa.

ONDE NÃO HAVERÁ PRAIA

Como da observação da planta, verificássemos que pela indicação das marés, alguns trechos de praia seriam totalmente cobertos pelas águas, apressa-se o dr. Carlos Pereira em esclarecer:

— Sim. Neste trecho — e aponta o quarteirão compreendido entre as ruas Miguel Lemos e Djalma Ulrich — em determinadas épocas do ano, não haverá praia, mas será uma extensão muito pequena, não excedendo de 100 metros. Ai não há mesmo outro jeito.

AS VANTAGENS DO ALARGAMENTO

Enuncia a seguir o dr. Carlos Pereira as múltiplas vantagens que advirão para a população o projetado alargamento da Avenida Atlântica.

— Ganhará o público-pedestre, com o passeio-refúgio, 5 metros e meio;

— Ganhará o proprietário do veículo mais uma pista de 12 metros de largura, que comportará folgado 4 filas de carros em cada sentido;

— Ganhará o banhista, com a limpeza permanente da nova praia, defendida da sujeira pelas obras de canalização de esgotos projetadas por baixo do refúgio-central;

— Ganhará, finalmente, Copacabana toda pela beleza estética de seu novo sistema de arborização — 2 fileiras de «flamboyant» no centro e, na alameda do mar, uma fileira de «amendoeiras».

O MAIS VIAVEL

Finalizando, faz o eng. Carlos Soares Pereira questão de acentuar:

— São múltiplas como se vê as vantagens desse meu projeto. Aliás, convém frisar antes de tudo, que sob o ponto de vista econômico é, talvez, o mais viável de todos. Pois as futuras obras de alargamento deverão ser atacadas, simultaneamente com a abertura do túnel projetado, que ligará as ruas Barata Ribeiro e Raul Pompéia. Com as pedras dali retiradas, deverá ser construído o paredão do novo cais.



O PROJETO OFICIAL — De Princesa Isabel ao Posto 6, mais uma pista de 12,70 metros, com um «Refúgio-Central» de 5,50 metros, num avanço de 18 metros sobre a areia. «Mas, ainda sobrarão 40 metros de praia na parte mais larga» — afirma tranqüilizador o dr. Pereira, autor do projeto

PROJETO JAYME FERREIRA



— Que absurdo! A idéia é minha, e não me ocorreu agora...

♦ A idéia do alargamento da atual Avenida Atlântica é minha, e não me ocorreu agora, mas sim no verão de 1954, depois de queimar meus pés na areia escaldante da «terra de ninguém»...

Com essas palavras, também incisivas, o ex-vereador Jayme Ferreira reivindica a prioridade da iniciativa do alargamento que tanta celeuma vem provocando para acrescentar com indistinta condescendência:

— ... Aliás, foi a minha idéia consubstanciada num projeto aprovado por unanimidade pela Câmara de Vereadores do Distrito Federal e entregue ao então prefeito Alim Pedro, que o encaminhou à Secretaria de Viação e Obras, para o competente parecer, em maio de 1955...

«Surpreende-me, portanto, que da mesma Secretaria surja, agora, como idéia original, um novo projeto, calcado naquele e pior do que o meu...»

— Creio, todavia, que o dr. Carlos Pereira, homem inteligente e capaz na sua profissão, pratica um gesto cavalheiresco ao atrair para si a responsabilidade da idéia, disposto, assim, a enfrentar as tremendas críticas que ora se faz contra o aludido projeto.

O ex-vereador Jayme Ferreira nasceu em Barra Mansa mas foi criado no Rio. Diplomou-se em agrimensur aos 18 anos, para formar-se aos 21 na Escola Militar do Realengo, chegando aos 25 a lecionar como professor de Física naquela mesma escola. Diplomou-se em medicina aos 27 anos e aos 47 foi eleito vereador pelo Distrito Federal. Na Câmara Municipal pronunciou cerca de 400 discursos, antes de renunciar ao seu mandato, na célebre noite dos «relógios parados». Subscreeveu mais de 800 projetos em favor da coletividade carioca.

SOLUÇÃO PARA O TRÁFEGO

Falando com desembaraço, afirma Jayme Ferreira:

— Copacabana deve seu esplêndido crescimento à encantadora praia que serve de moldura aos seus «arranha-céus». Se no princípio do século, tudo ali era apenas areia, com as enormes áreas completamente desvalorizadas, tal como acontecia no Leblon quase até 1930, hoje sua impressionante valorização e sua crescente densidade demográfica, dão-lhe uma vida totalmente independente. A população irá aumentando sempre. Seu trânsito crescerá de tal modo e em tais proporções que nenhuma solu-

Com a palavra o ex-vereador Jayme Ferreira ★ "Meu projeto foi incluído no "Plano de Obras de Copacabana" encaminhado à Secretaria de Viação pelo prefeito Alim Pedro" ★ "Muito pior e mais oneroso do que o meu..." 43 metros na parte mais larga e 12 na mais estreita ★ Onde não haverá mais praia ★ Arborização, iluminação e "bancada" para 10 mil pessoas junto ao mar... ★ Economia de vários milhões de cruzeiros

ção será possível, aproveitando-se, em mão única, a Rua Barata Ribeiro e a Avenida Copacabana, já que a Avenida Atlântica, nas circunstâncias, nada pode resolver. Acresce ainda a permanência de erros que se eterniza, haja vista o caso no Túnel do Leme, onde existindo praticamente dois túneis, para «mão» e «contra-mão», deixam num deles as duas linhas de bondes...

E acrescenta:

— Já não é mais possível alargar as ruas existentes, muito menos rasgar novas avenidas. Por isso, só encontrei uma solução: o alargamento da atual Avenida Atlântica. Nesta avenida, que em toda sua extensão, mantém uma faixa de areia que, na média das marés, mede cerca de 50 metros, já que não é possível o recuo previsto pelo grande prefeito Prado Júnior, é inevitável furtar-se uma faixa de 15 metros da areia, exatamente na camada suja — aquecida, normalmente de nenhuma utilidade onde se armazena grande quantidade de calor, retido por longas horas.

DIFERENÇAS ESSENCIAIS

Recorrendo aos préstimos de seu secretário particular, pois o major Jayme Ferreira desde os 27 anos ficou completamente cego, (o que na sua opinião lhe deu maior capacidade de concentração), aponta-nos as diferenças essenciais entre o seu projeto e o outro apresentado pela Secretaria de Viação e Obras:

— A base do novo cais deverá penetrar a uma profundidade que corresponde ao nível normal do oceano. Na parte superior, o cais terminará em uma banquetta contínua e ininterrupta, como um banco de 42 centímetros de altura por 42 de largura, numa extensão de mais de 4 quilômetros, capaz de permitir que

nêles se sentem ao mesmo tempo mais de 10 mil pessoas. O «Passeio Central» servirá de apoio para o estacionamento de ambos os lados de 2 filas de veículos, podendo conter de 1.000 a 1.400 carros estacionados.

ARBORIZAÇÃO E ILUMINAÇÃO

A arborização prevista — continua — em linhas de 3 árvores, utilizará a «acácia imperial», que floresce de abril a maio; o «flamboyant», que floresce em dezembro e janeiro, e a trepadeira «Bougainville», cuja floração se dá de junho a agosto. A temperatura da praia com isso se tornará mais amena. A iluminação numa linha de postes idênticos aos atuais, em cada um dos 3 passeios, deverá ter circuitos separados, que serão vistos do mar completamente livres, formando não apenas um colar, mas sim um colar com 3 fios de lâmpadas.

ONDE NÃO HAVERÁ MAIS PRAIA

Como no projeto do sr. Carlos Pereira, em determinado trecho do projeto Jayme Ferreira, também não haverá mais praia, mas ele mesmo justifica:

— A reitrância que hoje se observa na altura do Posto 5, reduzindo a largura da praia, será pelas obras de enrocamento profundo, procurando restabelecer-se a continuidade do lençol de areia ali interrompido.

PROJETO MAIS ECONÔMICO

Comparando os dois projetos, declara-nos o ex-vereador:

— Pelos dados que consegui reunir sobre o novo projeto, verifico que não pode haver termo (Cont. na página 22)



O PROJETO ORIGINAL — Do Leme ao Posto 6, mais uma pista de 12 metros com um «Refúgio» de 1,50 metro, num avanço de 15 metros sobre a areia. «Além da banquetta para 10 mil pessoas, economizo 16.000 metros quadrados de praia e algumas dezenas de milhões, diz o ex-vereador.

A OPINIÃO DE EX-PREFEITOS



MENDES DE MORAIS

— Sou inteiramente favorável ao novo projeto de alargamento da Avenida Atlântica como solução para o problema do tráfego em Copacabana. Aliás, já na minha administração determinei, também, que o assunto fosse devidamente estudado.



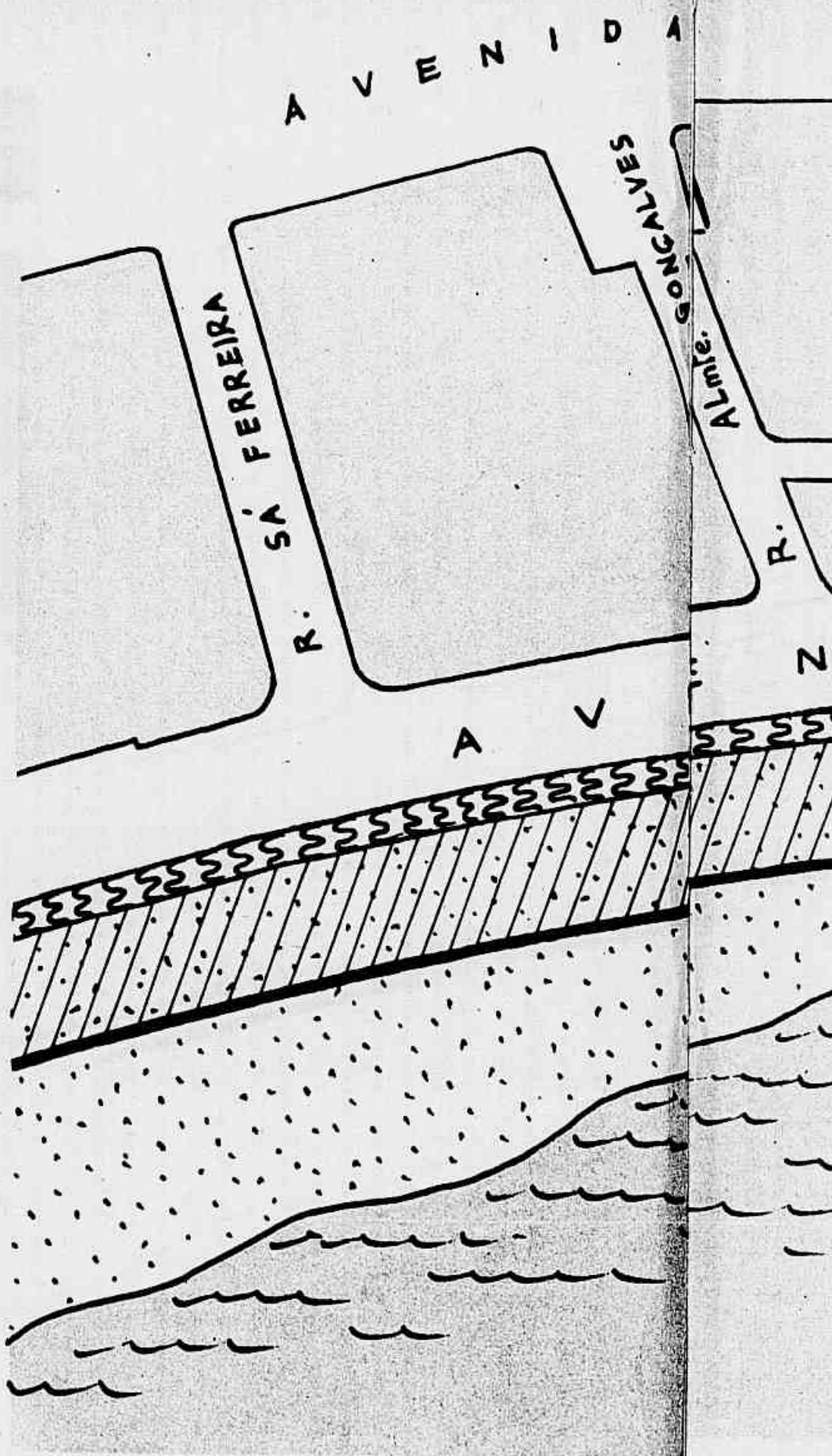
SÁ LESSA

— O alargamento é indispensável, mas não urgente. O que enfeia Copacabana são os «arranha-céus», contra os quais gostaria eu de ver campanha idêntica a que se vem fazendo contra o alargamento...



DODSWORTH

— Mesmo não conhecendo o projeto de alargamento não vejo como possa ele ser executável sem sacrifício da condição fundamental da Avenida Atlântica, que é a praia. Seria absurdo fazer desaparecer a praia para o aparecimento de uma rua...



ONDE NÃO HAVERÁ MAIS PRAIA — Em ambos os projetos de alargamento da Avenida Atlântica, o trecho compreendido entre as ruas Miguel

PROJETO JAYME FERREIRA

(Cont. da pág. 21)

de comparação com o meu original, que contou com a colaboração do eng. Mindin e com assistência técnica e profissional do eng. Cortines.

«Enquanto ELES avançam um metro sobre o atual passeio, eu recuo dois metros partindo do mesmo ponto. Não tomarei mais do que 15 metros da «terra de ninguém», economizando, com isso, mais de 16.000 metros quadrados de praia para o público...»

«Enquanto ELES destroem a atual galeria de águas pluviais para a construção de uma nova, eu conservo a atual, economizando cerca de 5 milhões em mão de obra e material.»

«Enquanto ELES terão que arrebentar o meio-fio do passeio junto aos prédios, para aproveitar 35 centímetros, tapando todos os ralos, no meu projeto deixo tudo como está...»

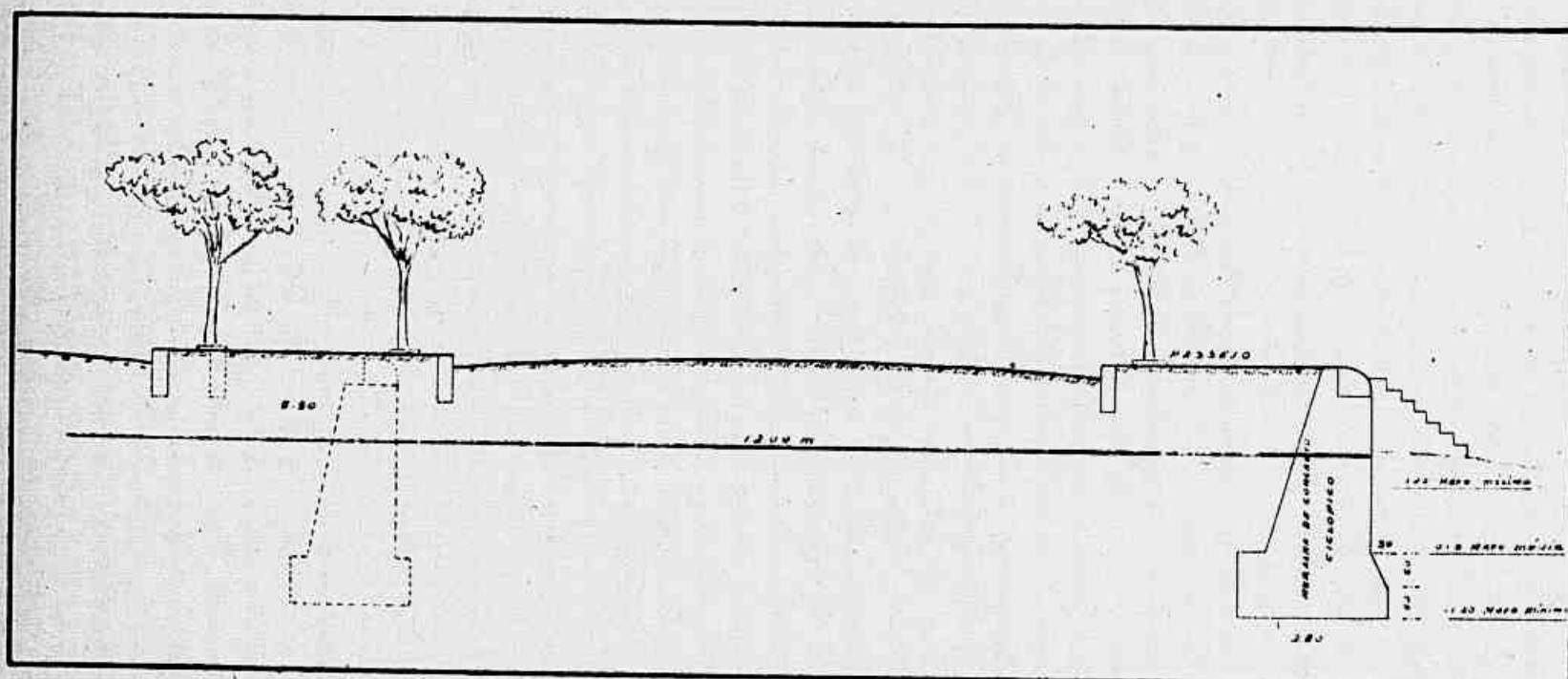
«Enquanto ELES terão que «descascar» toda a atual pista de asfalto (do Leme ao Posto 6) para corrigir a inclinação e favorecer o escoamento d'água, eu economizo mais de 2 milhões pela supressão desses desnecessários serviços...»

O major Jayme Ferreira abre os braços em sinal de desalento:

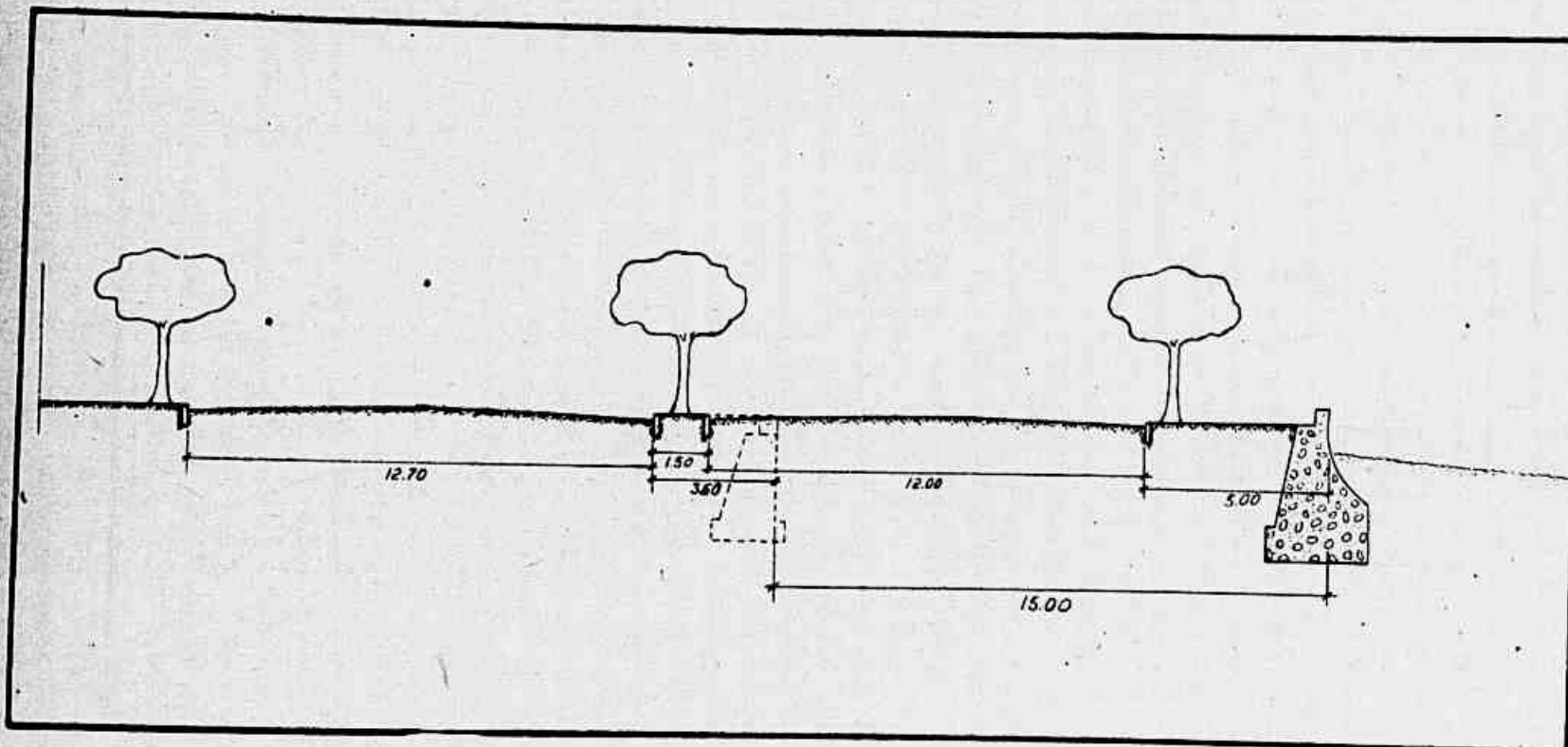
— E depois, a execução do meu projeto saíra mais barato cerca de 75 milhões de cruzeiros...

— Não se invoquem prejuízos paisagísticos com o meu projeto, pois a diminuição do lençol de areia será compensada pelo alargamento da avenida, com aparecimento da faixa verde de 1.200 a 1.500 árvores, em suas florações multicoloridas.

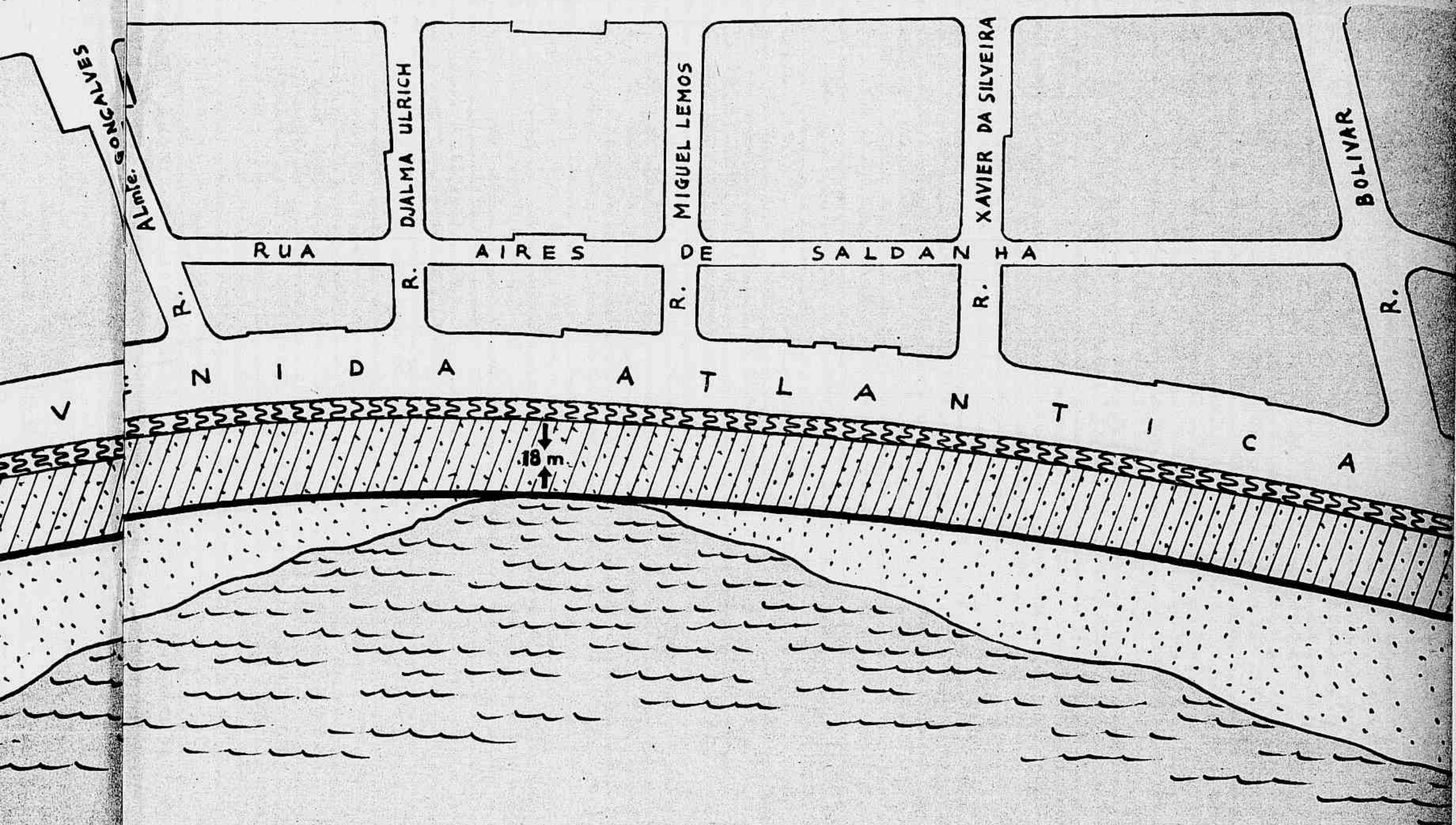
— Assim, a Avenida Atlântica resolverá os mais graves problemas de Copacabana, tornando-se mais bela, mais útil e mais aprazível.



A NOVA pista da Avenida Atlântica como figura no projeto oficial aprovado pelo ex-prefeito Sá Lessa. Duas fileiras de «flamboyants» no «Refúgio-Central» e uma de «Amendoeira» no passeio junto ao mar. «A praia ganhará beleza estética com o meu projeto» — salienta o dr. Pereira.



A NOVA pista no projeto original do major Jayme Ferreira. Nas 2 extremidades, «Flamboyants», no centro «Acácia Imperial» e nos intervalos «Bougainvilles». Uma enorme banquetta (do Leme ao Posto 6), onde poderão sentar-se 10.000 pessoas impedirá que a poeira do asfalto se misture à areia.



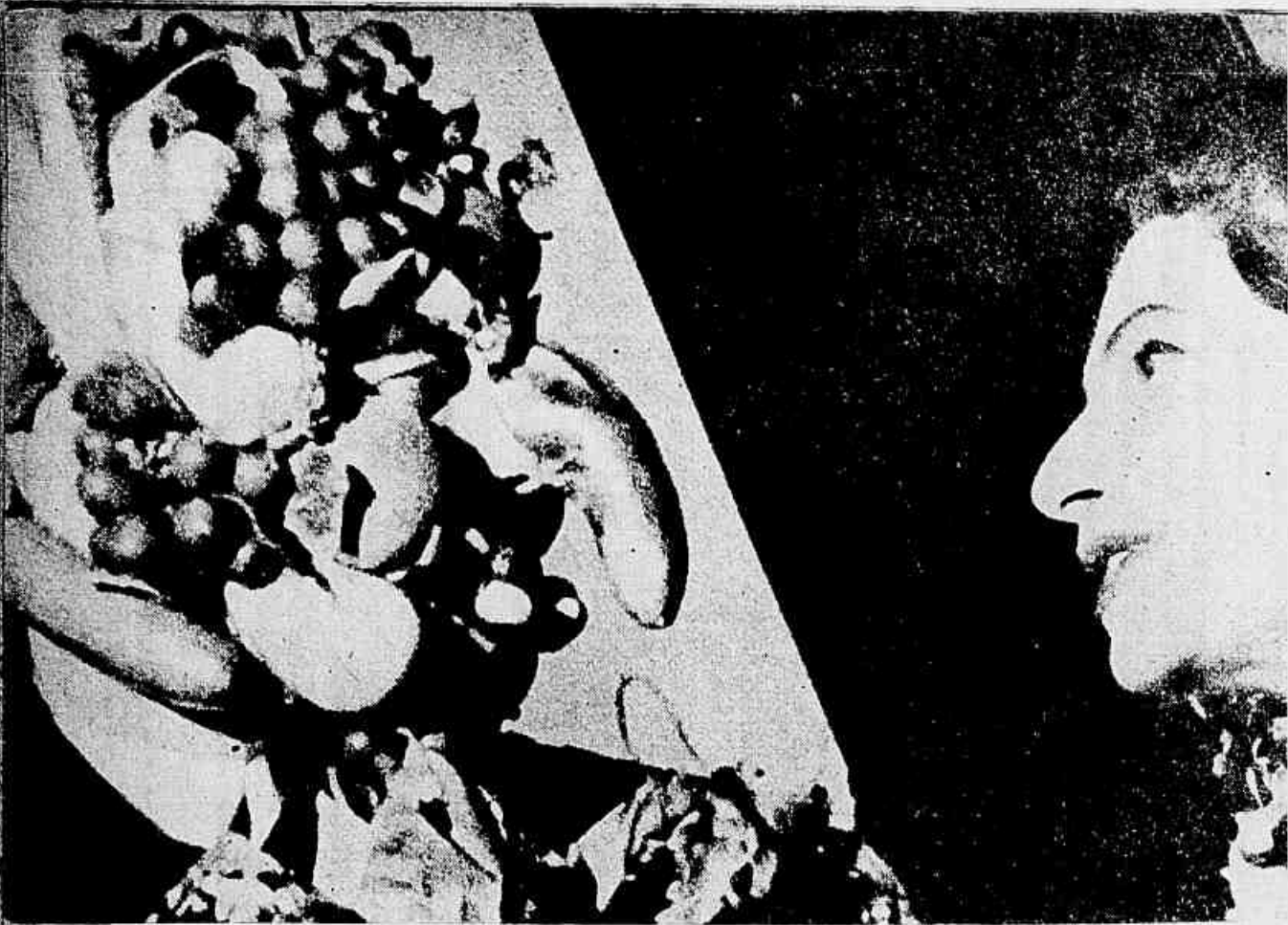
Lemos e Djalma Ulrich ficará sem praia, pois a maré montante irá bater de encontro ao novo paredão. «MAS, SERÁ APENAS NUMA CURTA EXTENSÃO QUE NÃO CHEGA A 100 METROS» — garante o dr. Carlos Pereira. «ATUALMENTE, AQUELE MESMO TRECHO SOFRE TAMBÉM COM A CHEIA DAS MARÉS» — justifica o ex-vereador do Distrito Federal. Eis aí numa visão esquemática, como será a Copacabana de amanhã.

A PALAVRA DO ATUAL PREFEITO

Também consultamos o prefeito atual do Distrito Federal, sr. Francisco Negro de Lima, que não demorou a nos dar suas impressões a respeito da projetada mutilação de Copacabana:

— Sòmente depois de conhecer os fundamentos sòbre os quais se baseou meu ilustre antecessor, dr. Sá Lessa, para aprovar o projeto de alargamento da Avenida Atlântica, poderei formar meu juízo definitivo a respeito. Em princípio, porém, a solução não me agrada. E isso porque a praia de Copacabana é uma das riquezas da cidade, conhecida em todo o mundo como ponto de referência obrigatório em todos os comentários sòbre o nosso país. Um corte de dezoito metros ao longo de Copacabana importaria, é claro, no sacrifício do panorama que a mesma atualmente apresenta. Penso que a questão do tráfego, no bairro, poderá ser satisfatoriamente solucionado com a construção de túneis locais, já aprovados: de Barata Ribeiro a Raul Pompéia, de Toneleros a Pompeu Loureiro, e de Sá Ferreira a Nascimento Silva.





NO BAILE da Condessa de Noailles, há pouco realizado na capital francesa, viram-se fantasias como essas aqui estampadas: um personagem fantástico de Arcimboldo, dançando com a cantora Lina Cavaliere.



ERNEST BORGNINE, entre Eleanor Parker e Susan Hayward, pouco antes de lhe ser dado a conhecer o resultado do julgamento final, que o apontaria como o vencedor do «Oscar» de 1955.



MITSUSHIRO MOMOTA, campeão japonês de luta livre, teve de sair do Japão, porque ali não havia mais rivais. Por duas vezes derrotou Primo Camera, em Tóquio. Agora, em Roma, dedica-se a fazer ginástica com a atriz Barbara Shelley, ao ar livre...



UMA DAS derradeiras fotos do escritor francês Paul Leautaud, tirada na clínica onde faleceu. Tem ao colo o gato de seu médico. Paul, que detestava os homens, preferia a eles os animais.





LOLLOBRIGIDA percebeu que estava nevando, e lá se foi para brincar com a neve... Havia anos que tal não acontecia na bela capital italiana.

2 livres dont on parlera **L'évocation romanesque du passé...**

ERICO VERISSIMO

LE TEMPS ET LE VENT

L'Autant en emporte le vent brésilien

et la plus brûlante actualité

le dernier livre du célèbre couple de reporters **PIERRE ET RENÉE GOSSET**

terrifiante

ÉRICO VERÍSSIMO acaba de ser traduzido para o francês. Seu romance «O Tempo e o Vento», lançado pela Editora Juillard, é um dos grandes «bestsellers» da atualidade: dez mil exemplares vendidos em duas semanas. O presente anúncio veio em «Paris Match».



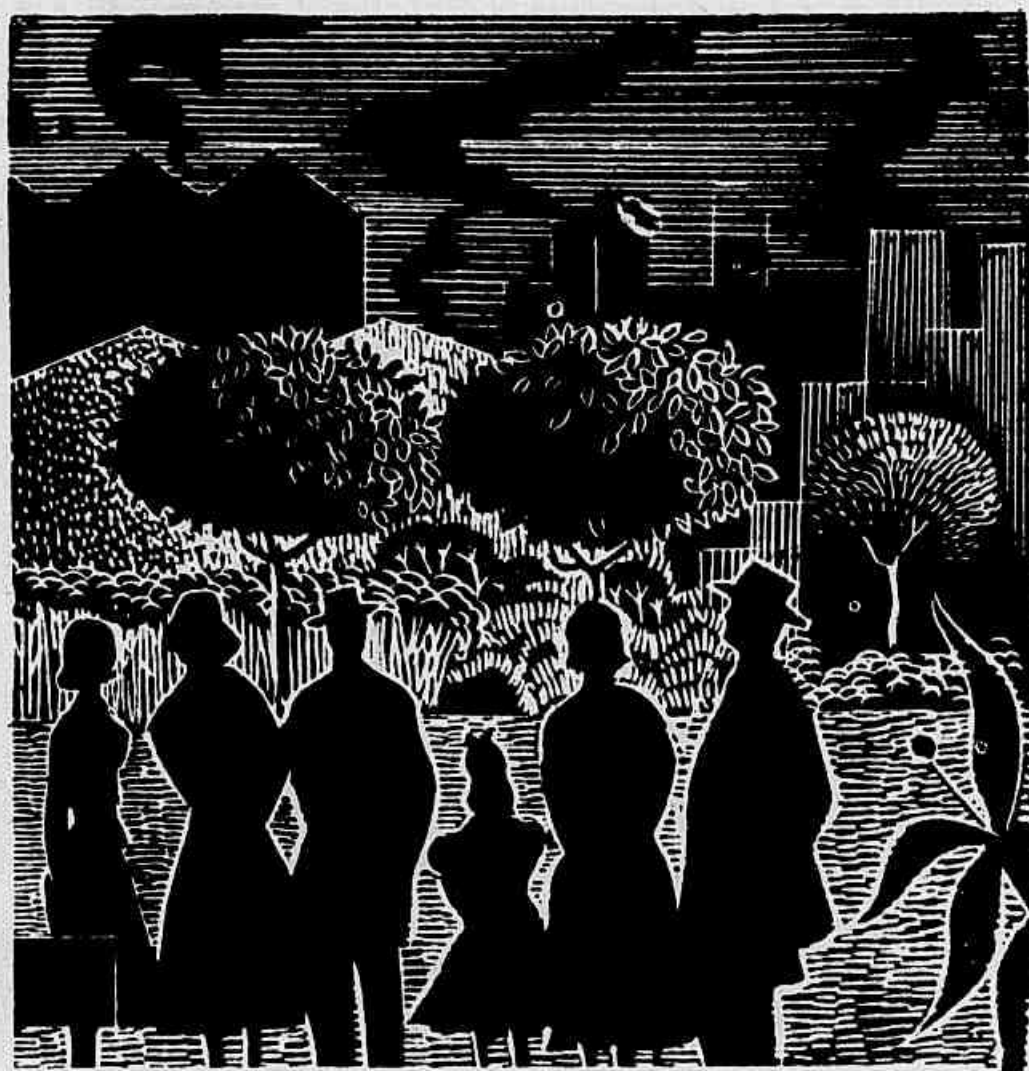
ALEC GUINNESS, que acaba de converter-se ao catolicismo, em um de seus últimos papéis: um filme extraído da vida do cardeal húngaro Mindzenty, que como se sabe, foi aprisionado pelos comunistas.



NAT KING COLE está na Austrália, com a esposa, exibindo-se em «night-clubs» locais (foto de cima). Em baixo, quando se encontrava em Londres, a atriz americana Arlene Dahl, cumprimentando a estrelinha de cinema e televisão, Joy Webster, cuja maneira de se pentear, é objeto da admiração da bela atriz «yankee».



A FIM de experimentar as penas estereográficas fabricadas por um industrial norte-americano, Louise Manning, consumiu uma pilha de papel de 3 metros de altura.



SOROCABA e SÃO ROQUE

60 VIAGENS POR DIA!

das 6,00 às 22 hs.
cada meia hora

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Rua Senador Queirós, 85 - Fones 34.2399 e 36-6402
Av. Ipiranga, 885 - Fone 34.1395

SOROCABA

Rua Mons. João Soares, 221 - 235 - Fone 654



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Lida

AZASO - ES-8

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Pilsudski lembra:

- Polônia?
- Hungria?
- Iugoslávia?

2—E' um grande poeta húngaro:

- Rilke?
- Hoederlin?
- Petoeft?

3—«Meus Verdes Anos» será o livro de memórias do romancista:

- Graciliano Ramos?
- José Lins do Rêgo?
- Cornélio Penna?

4—«Gruta de Fingal» é uma abertura de:

- Beethoven?
- Mendelsohn?
- Brahms?

5—Que Presidente há tempos visitou os Estados Unidos:

- da Itália?
- do Egito?
- do Líbano?

6—Que poeta paulista é também cronista social:

- Paulo Vanzolini?
- José Tavares de Miranda?
- Domingos Carvalho da Silva?

7—Qual desses territórios africanos pertenceu à Alemanha:

- Ruanda-Urundi?
- Camerun?
- Rio de Oro?

8—Em Isenheim está um célebre tríptico de:

- Grunewald?
- Piero della Francesca?
- Matisse?

9—Marisa Pavan é irmã de:

- Rosana Podestá?
- Pierangeli?
- Anna Magnani?

10—Difundiu o uso do rosário:

- Alanus de Rupe?
- Alain de la Roche?
- Van der Klip?

11—Que poeta esteve há pouco na Bélgica, dando um curso de literatura brasileira:

- Augusto Frederico Schmidt?
- Murilo Mendes?
- Augusto Meyer?

12—Péleas te Mélisande, de Maeterlinck, foi musicado por:

- Satie?
- Debussy?
- Lully?

13—Em que ano foi queimada Joana d'Arc:

- 1429?
- 1432?
- 1431?

14—«Blata Americana» é o nome científico da:

- mósca
- barata?
- pulga?

15—Quantos anos completou o Papa, há pouco:

- 79?
- 89?
- 80?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS 1 — Polônia; 2 — Petoeft; 3 — José Lins do Rêgo; 4 — Mendelsohn; 5 — o da Itália; 6 — Tavares de Miranda; 7 — Camerun; 8 — Grunewald; 9 — Pierangeli; 10 — três nomes de um só personagem; 11 — Murilo Mendes; 12 — Debussy; 13 — 1431; 14 — Barata; 15 — 80.

NA MELHOR LOCALIZAÇÃO DE SÃO PAULO

O MELHOR LOTEAMENTO DO BRASIL



ATIBAIA

RESIDÊNCIA E VERANEIO

CAÇA E PESCA

LAGO NAVEGÁVEL — CAMPO DE TÊNIS — LUZ — TELEFONE — CONDUÇÃO — RUAS ABERTAS

VENDAS SELECIONADAS

**A MENOS DE 45 MINUTOS DA CAPITAL PAULISTA, PELA NOVA AUTO-ESTRADA
«FERNÃO DIAS PAIS LEME». MARQUE UM ENCONTRO COM A NATUREZA NA**

ESTÂNCIA MARÍLIA

**Uma realização da CINTECO (Companhia Interestadual de Terrenos e Construções)
Rua Barão de Itapetininga, 255 - 8º andar - conj. 804 - tel. 34-0294.**

HORAS DE DESESPÊRO

♦ RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — Prisioneiros em sua própria casa por três temíveis foragidos da cadeia, os membros da família Hilliard esforçam-se por manter a serenidade, enquanto os meliantes não se decidem a partir. Quando Dan Hilliard, o pai, tenta proteger o filho Ralphie da brutalidade de um dos bandidos, Kobish, é quase assassinado pelos fúgitivos, que o maltratam rudemente. Pouco depois, no dormitório de Ralphie, trava-se interessante diálogo entre pai e filho: o pirralho tenta convencer o pai de que fácil ser-lhe-ia escapular pela janela e ir chamar a polícia. Dan repele a proposta do garoto, e esse então se convence de que o pai é um covarde. Dan, agora, precisa salvar sua família e restituir ao filho a sua confiança perdida.

CINDY tenta desesperadamente fugir, mordendo a mão de Hal, que, espantado, nada pode fazer. No instante imediato, Dan o esmurra.

KOBISH e Glenn estavam na porta da frente quando Dan voltou. Trazia o uísque e os jornais. Glenn recebeu os pacotes encomendados, satisfeito. Pegando do volumoso embrulho, começou a tirar de dentro dele as diversas encomendas. A primeira coisa que tirou foram duas garrafas de uísque. Ao vê-las Kobish soltou um urro de satisfação. Mas, como se o ignorasse totalmente, Glenn atirou-as ao chão com violência, continuando a desembalar o pacote.

— Você está louco? perguntou Kobish, com voz cheia de ódio e espanto.

Glenn, porém, mal o ouvira. Pelo contrário, virou-se para o preocupado Dan, e com um sorriso nos lábios, falou:

— Você é de fato muito bonzinho, menino. Então, trouxe duas garrafinhas de uísque, para que nos embebedássemos e dormíssemos, não é? E, naturalmente, enquanto dormíssemos, o papai calmamente chamaria a polícia... Pois enganou-se!

E virando-se para Kobish:

— Kobish, não deixe que essa gracinha faça mais coisa alguma que nos possa vir a prejudicar! E vigie o automóvel de Dan.

Kobish, ainda com a garrafa restante de uísque na mão, grunhiu:

— Talvez ele tenha trazido policiais na parte trazeira do carro. É melhor ir verificar.

Glenn chamou o irmão:

— Hal! Olhe o automóvel de Dan. Eu o protegerei.

Hal saiu para o lado da garagem, cautelosamente. De uma janela, Glenn, de revólver em punho, vigiava. E Kobish levava a boca a garrafa de uísque, esvaziando-a em largos sorvos.

Quando Hal afinal voltou, dizendo que nada havia de anormal no automóvel de Dan, Glenn, dando uma palmadinha nas costas de Kobish, falou-lhe amigavelmente, designando com o mão direita o irmão:

— Eis aí um tipo que é verdadeiramente duro na queda. Fui eu mesmo quem tomou conta dele, desde o começo. Não é, Hal?

— Sim, tudo o que sei, foi você quem me ensinou.

— É verdade, TUDO — repetiu Glenn, num sorriso.

— Menos viver numa casa igual a essa, acrescentou Hal, olhando em torno, a sala de visitas, a de jantar, a saleta de estar.

Aquela resposta inesperada de Hal não deve ter agrado muito a Glenn, que, resmungando, arrancou das mãos de Kobish a garrafa de uísque, terminando de esvaziá-la, rapidamente.

x x x

Entrementes, no andar superior, no quarto do casal, Eleanor e Dan, despertos, aguardavam a volta de Cindy. Ralphie dormia profundamente, em seu leito. Os esposos recapitulavam os últimos acontecimentos, e Eleanor esforçava-se por acalmar o marido, dizendo-lhe que tudo terminaria bem. Dentro de pouco mais de duas horas, seria meia-noite. Beijaram-se ternamente. Foi só então que Eleanor notou o rosto angustiado de Dan, perguntando-lhe o que estava ele pensando:

— Você também acha, Dan, que eles levarão um de nós como refém?

Dan, incontinente, tratou de desfazer essa idéia da mente da mulher, dizendo-lhe que ela estava

a imaginar coisas. Ambos, porém, sabiam que era a pura verdade o que estavam pensando em silêncio. Subitamente, estremeceram: era a voz de Ralphie, que dizia, aflito:

— Papai, não deixem que eles me levem embora, não deixem!

Precipitaram-se os dois ao quarto de Ralphie, e encontraram o menino em pânico. Tão firmemente como lhe era possível, na ocasião, Dan prometeu ao garoto que ninguém havia de separá-los. Ninguém. Eleanor tomou o filho no colo, e pacientemente, convenceu a criança de que dormir era o melhor que podia fazer:

— Vá para a cama, meu querido. Eu tenho uma ótima idéia, que amanhã hei de lhe dizer... Agora, vamos dormir.

x x x

Seriam poucos minutos antes das onze quando Cindy e o namorado saltaram do automóvel dêste, em frente à casa da moça. A tarde que tinham passado juntos fôra uma tarde perdida. O rapaz inúmeras vezes se perguntara porque, no rosto da namorada, aquela ruga não cessava de existir. Alguma coisa a magoava? Cindy nada lhe dissera. Agora, porém, diante do lar da moça, Chuck finalmente pensara ter descoberto a razão das contrariedades da jovem. Seu pai não queria aquele namôro, não era isso mesmo? Não simpatizava com ele, Chuck, não era verdade? Pois muito bem: Chuck estava disposto a colocar tudo em pratos limpos. Falaria com Dan Hilliard, agorinha!

O rapaz se encaminhou, decidido, na direção da porta de entrada da casa dos Hilliard. Mas, com um salto, Cindy barrou-lhe a passagem. Chuck parou, estarecido. E mais essa, agora! Também Cindy se virava contra ele?

Como única resposta, a jovem se atirou nos braços do namorado, beijando-o. Da janela, Kobish, excitado pela bebida, observava a cena, com um risinho canalha nos lábios.

A entrada do corredor estava escura, quando Cindy penetrou em sua casa, silenciosamente. A jovem não percebeu que Kobish, sorratamente, se aproximava dela. Apenas quando o vozeirão do bandido, perturbado pela bebida, a interpelou, foi que Cindy percebeu o perigo que corria:

— Então, divertiu-se muito, menina?

Não havia dúvidas quanto às intenções de Kobish. Aterrorizada, Cindy correu para o co-

mutador, mas ao invés de tocá-lo, tocou na mão de Hal, que já o acendera antes. Ao mesmo tempo, Dan e Eleanor, atraídos pelo grito da filha, desciam as escadas, apressadamente.

Kobish, cego a tudo que não fôsse Cindy, interpelava Hal em altas vozes, querendo saber porque acendera a luz, e porque recomendara à moça que subísse para o seu dormitório. Segurando a jovem por um braço, Kobish avançava para ela.

Subitamente, uma coisa qualquer se enfiou em suas espáduas: era o revólver de Hal, que o jovem encostara ao corpo de Kobish, pronto a desfechar o tiro. Com a surpresa, o brutamontes descerrou os dedos, e Cindy aproveitou-se da tração de segundo, para fugir. Foi quando Glenn penetrou na sala. Viu o revólver na mão de Hal, e escutou a pergunta de Kobish, envolta em ódio:

— Onde foi que você arranjou esse revólver, menino?

Olhando para ambos os irmãos, praguejando furiosamente, Kobish continuou falando:

— Vocês dois, irmãos, têm ambos armas, não é? Apenas eu, o trouxa, o bôbo, não tenho ne-

(THE DESPERATE HOURS)

CAPITULO IV

Glenn Griffin	HUMPHREY BOGART
Hal Griffin	DEWEY MARTIN
Sam Kobish	ROBERT MIDDLETON
Dan Hilliard	FREDRIC MARCH
Eleanor	MARTHA SCOTT
Cindy	MARY MURPHY
Ralphie	RICHARD EYER
Cuck Wilson	GIG YOUNG
Jesse Bard	ARTHUR KENNEDY

«Screenplay» por JOSEPH HAYES — «Novelização de GIULIO ANFUSO — Direção de WILLIAM WYLER — Produção da Paramount Pictures

nhuma... Mas vocês se enganam com Kobish. Não perdem nada por esperar, idiotas.

O homenzarrão ainda lançou um olhar raivoso em torno, e depois, refugiou-se na cozinha. Entremetidos, Cindy tentava penetrar em seu quarto, cansada e assustada com o que presenciara. Glenn, porém, a segurou pelos braços:

— Calma, menina: não será assim tão fácil. E só depois de revistar minuciosamente seu casaco e sua bolsa, deixou-a dormir.

De repente, Glenn escutou Kobish sair pela porta dos fundos da casa. Pediu ao irmão que tomasse conta dos demais, enquanto buscava deter aquele imbecil. Hal apontou seu revólver na direção de Cindy, de Dan e de Eleanor, os quais queriam ansiosamente descer as escadas. Dan chegou mesmo a descer alguns degraus, mas a voz de Hal veio interromper sua tentativa:

— Não pense que eu não atiro!

x x x

Enquanto isso, do lado de fora, Glenn surpreendeu Kobish tentando forçar a porta do carro de Cindy. Aproximou-se furtivamente do grandalhão, com o revólver envolto em um lenço. Chamou-o então, em voz baixa. Quando Kobish se voltou, foi acertado em cheio na cabeça por um golpe terrível, que o prostou sem sentidos. Então, calmamente, Glenn puxou o companheiro de fuga para dentro de casa...

x x x

Cindy, lá dentro, não tirara os olhos de Hal, que, encantado, não desviava os seus da moça. Quando ela viu que o momento azado tinha afinal chegado, correu para um lado, enquanto Dan e Eleanor corriam para o outro. O revólver de Hal se fixou sobre os dois esposos, detendo-os instantaneamente, a despeito do apêlo de Dan para que Hal fôsse um homem direito. Em resposta a tal apêlo, Hal, aproximando-se de Cindy, disse-lhe quase ternamente:

— Senhorita, por favor, não há razão para ter medo.

Mas, como Hal levantasse os olhos da moça para vigiar Dan, ela cravou-lhe os dentes pequenos e brancos na mão, arrancando-lhe um pequenino grito de espanto e de revolta. Hal lançou à moça um olhar incrédulo, mas já no momento seguinte Dan o ataca, derrubando-o com um sóco. Imediatamente, encostando o bandido contra a parede, Dan começou a sorrir-lhe selvagememente.

(Cont. na página 56)



DAN HILLIARD e sua esposa assistem, aterrorizados, a cena brutal: Kobish, atirado pelo álcool, busca colhêr Cindy em seus braços possantes.

MACHADO, O CIGANO

Fernando LÓBO

♦ A noite está realmente reduzida, reduzida e entregue a um só homem: Machado. Ele que já era dono da maior parte deste loteamento, acaba de fincar mais uma estaca no «Beguin» e fazer dali, mais uma barraca para vender uísque, no meio do caminho para Copacabana. A verdade é que Carlos Machado, até o presente momento ainda não construiu nada de seu e da sua vida noturna o que consta mesmo é uma série de peregrinações nas casas alheias onde nunca pôde gritar muito. Começou mesmo no «Casablanca» — que tinha outro nome, — foi depois para o «Serrador» de outros tempos, subiu para o «Monte Carlo», instalou-se outra vez no «Casablanca», seguiu em rentree no «Night-and-Day» e agora acumula o «Beguin» para sair do «Serrador» em dezembro. Vida noturna de cigano, armando barracas em terrenos alheios, sem carta branca definitiva, sem poder gritar como gosta, sem poder formar equipe definitiva, pois, os donos autênticos dos campos onde pousa tem os seus compromissos, as suas opiniões, os seus inimigos faturados. A noite se entrega ao seu trabalho, por conta de uma pobreza terrível de dirigentes do mesmo ofício. Machado passeia dentro da noite livremente, solitariamente, vando alguns pequenos concorrentes desarmados, temerosos, marcados pela gritante falta de mau gosto. O «Copacabana», que poderia ser qualquer coisa de excepcional, de mais arejado e mais limpo, é isso que todos conhecem: um conventão, silencioso e de clima pesado que nos dá de quando em quando uma vez de alegria, como o América F.C. E o resto? A adesão do «Beguin» às armas de Carlos Machado, é um atestado em boa letra, de capitulação por incompetência ou por preguiça de concorrer ou enfrentar. A noite está aí fora e dela Machado é dono, não por ter querido, não por ter requerido a ninguém, mas só e simplesmente porque lhe entregam de mão beijada, numa ganância de lucro certo. A caminhada desse homem tem sido assim, em linhas tortuosas, em planos variados e ele mesmo não nota que já teria tempo para ter um teto e um chão seus, sem perigo de um deslocamento que sempre vem, como aconteceu no «Casablanca», no «Monte Carlo», no «Night-and-Day», e que poderá ser bis também no «Beguin» cujos donos existem e não saíram, conforme muitos da crônica têm pensado.

DORIVAL DO "36"

O baiano da rua do Bangala veio para o Rio há muito. A história da sua vida artística todo mundo sabe de cor. Mas — ele agora é a razão das enchentes do "36" que andava às mosquinhas — segue um rumo muito bom e muito certo como pintor e, depois de ter compreendido duas vezes a "Exposição dos Radialistas" faz uma mostra no próprio "Clube 36", onde muita gente que entende de arte e muita que não entende de nada tem ido ver os seus quadros. Vendendo bem, porque a sua pintura é realmente muito boa.



PARECE UM CARNAVAL NO «HIGH LIFE», mas na verdade é um instante tirado em Paris, no «Carrol's» (1952), quando Linda Batista cantava ali sambas e baiões brasileiros. Está de malas arrumadas para seguir este ano, outra vez, a nossa Linda.



AIDA SALAS, a chilena que aprendeu sambas, ficou muito no Brasil e quase é eleita Rainha do Carnaval. Voltou ao Chile depois de 7 anos de ausência.



ELISETE CARDOSO em busca de um compositor assinando uma boa música. Está fazendo Rio-São Paulo e por enquanto nada de «boite» porque não é de ferro...

★ AIDA SALAS — Uma carta simpática nos chega de Aida Salas. Conta coisas da sua vida artística lá pela Argentina, Chile e Uruguai. Estêve na «boite» «Bodegon Capri» estrelando a revista: «Carmen da Fuego». Uma «revuete» com músicas de Bizet, o vigarismo que atualmente está virando moda. No Chile — onde Aida Salas não pisava desde a sete anos, atuou em rádio e em «boite». Em Buenos Aires estêve na Belgrano e na «boite» «Embassy». Aida Salas fala da sua saudade do Brasil, onde pretende chegar «logo depois de findos os compromissos e bem mais perto do Carnaval».

★ ALOÍSIO — Aloísio de Oliveira depois de muitos e muitos anos nos Estados Unidos, resolveu ficar definitivamente no seu Rio de Janeiro. Veio com vários planos de trabalho e a esta hora já está à frente da direção artística da fábrica de discos «Odeon». Também fôra convidado para dirigir um certo «show» de uma certa «boite» deste Rio. Tudo conversado, tudo apalavrado e, agora já se sabe que ficou o «dito por não dito», não da parte de Aloísio que veio de uma terra onde não se trabalha com essas armas...

★ ARI DECLARA: «Não sou mais boêmio: durante um ano e meio (é o que ele diz), freqüentei a turma boêmia do «Vilarino» e só consegui gastar dinheiro e servir de ridículo para os chamados meus amigos. E o pior de tudo é que não consegui faturar um só amigo novo». É o que diz o nosso Ari, o Ari que todos gostam, que os seus amigos veneram e que esse «brasilzinho» tanto bate palmas. Estava num dia de mau humor. Era véspera do primeiro América e Flamengo. Mas ele já está de volta à base, sem rancor e com o peito cheio de ternura para dar de graça aos seus amigos.

ROTEIRINHO

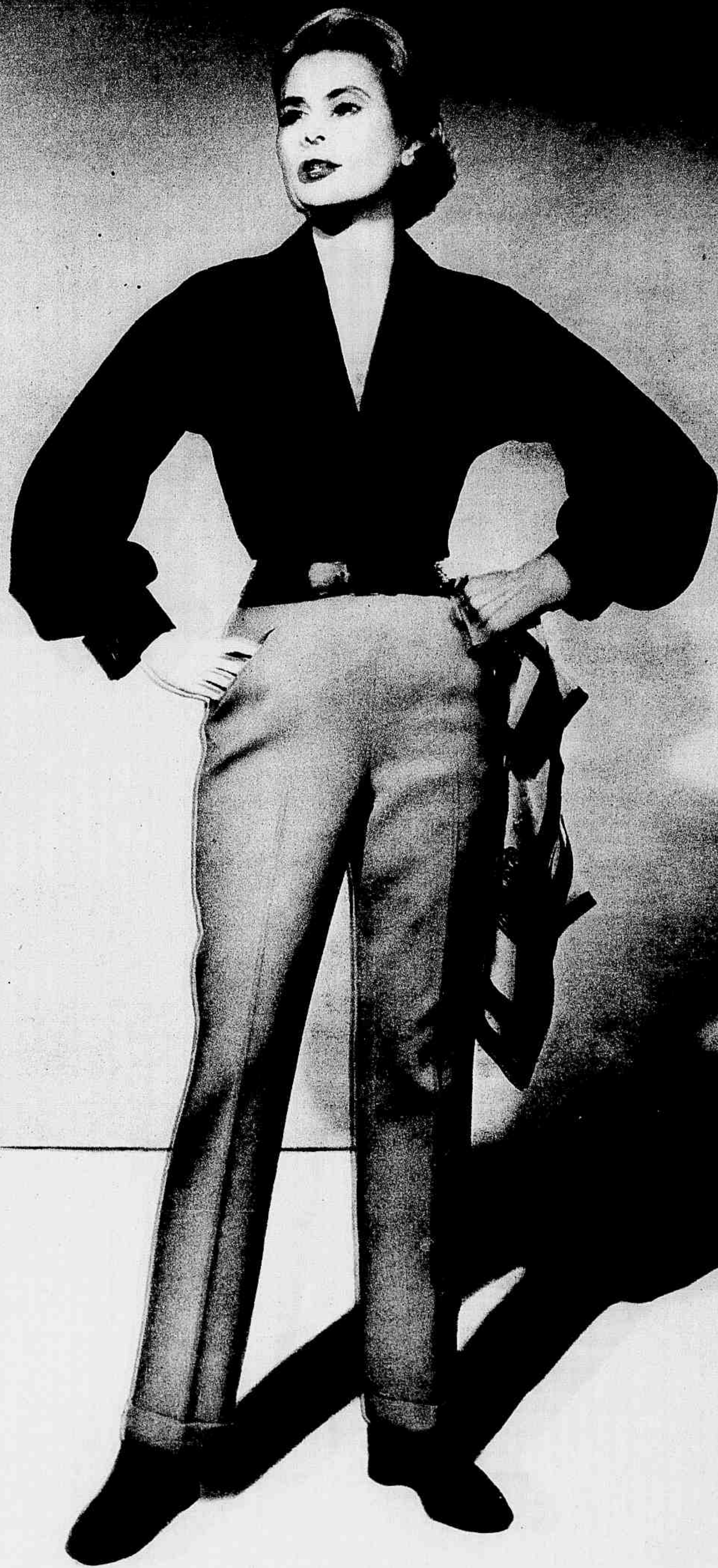
Cuidado com a conta do «Mesblá», está subindo cada vez mais — Vale provar um «Coc au Vin» na nova «La Crémallière» — Cada vez mais quente, cada vez mais gostoso comer lá na Barra da Tijuca — Edith Piaf já no Copacabana — «Petit Clube» com a sua «chicken on the basket», uma maravilha — O «Beguin» não tem planos de grandes «shows», por enquanto — Dizem que será «Uma Viúva Muito Alegre (!?)» a próxima atração do «Night-and-Day» — O «Cangaceiro» foi o primeiro bar a aderir ao movimento por um «uísque melhor» e por preço mais razoável — Terrível a comida em quase todos os restaurantes da beira da praia de Copacabana — Carminha Mascarenhas já volta para o «Sacha's» —

SUA ALTEZA REAL GRACE KELLY

A COSTUMADA ao luxo, desde a meninice, rica, muito rica, sem ter jamais conhecido a pobreza, Grace Kelly nasceu na Filadélfia, membro de uma das famílias tradicionais dos Estados Unidos. Quando desejou ingressar na problemática carreira cinematográfica, seus opulentos parentes puseram as mãos na cabeça. Aquela idéia da quase menina Grace era, positivamente, estapafúrdia. Não estava ela então contente com o que possuía? Desejava ainda ser estrela de cinema? Mas Grace Kelly teimou, e vieram os testes cinematográficos, vencidos de maneira brilhante, e o primeiro contrato, e o primeiro filme — um triunfo completo.

Já artista famosa, vencedora do «Oscar» inclusive, conheceu Grace o príncipe Rainier III, de Mônaco. Amável, insinuante, simpático, não tardou em conquistar o coração da loura atriz americana. O noivado ficou estabelecido. Agora, veio o casamento suntuoso, que lêz lembrar o daqueles soberanos medievais, para os quais se esgotava, até ao último ceitil, o tesouro de uma cidade... Grace Kelly, é agora a princesinha de Mônaco; jovem, rica e bela. Não tem preocupações, e cada desejo, seu, é já realidade. No entanto, não está livre de competidoras... E uma delas é Soraya, a belíssima Imperatriz do Irã, casada com o Xá do legendário país das Arias. Não há dúvida de que só mesmo Soraya pode competir, em beleza, com Grace Kelly. Uma loura, outra morena, ambas jovens, entre elas terá de ser disputado o cetro de A Mais Bela Soberana do Universo, no dia em que algum amalucado «manager» de Hollywood cismar de lançar mais um concurso...

Mas Grace não quer mais saber de Hollywood.





Num país de brincadeira, uma princesa de s
atravessa em cinco minutos, e cujo exército
é governado, agora, por Grace Kelly, ser
Vinte mil habitantes felizes dão as boas vi

DESDE DEZOITO de abril, Grace Kelly é a so-
berana de Mônaco. Seu esposo, Rainier III, so-
berano do pequeno principado, tem trinta e
um anos, e descende da antiquíssima família
Grimaldi di Polignac. Dizem que se não fôsse
o milionário grego Onassis, Mônaco já teria ido
à falência. Onassis é quase um sócio de Rainier.

♦ DOS VINTE MIL habitantes de Mônaco, apenas a décima
ceu efetivamente: os demais são em sua maioria franceses e
na cidade se estabeleceram, e dali nunca mais saíram. Todo
situado em uma área de cerca de 140 hectares, no cimo de
abrupto. O Exército de Mônaco conta com sessenta e cinco m
dos apenas de fuzis: não é preciso mais para manter a tran
habitantes, que, de resto, são ordeiros e pacatos. Rainier III,
pouco obeso mas dado ao esporte, é o soberano da cidade
pouco, faziam-se as mais diversas conjecturas sobre o seu fu
tal, ora dando-o como noivo de determinada princesa italia
tando-o como irremediavelmente ligado a uma jovem da c
americana. Agora, sabe-se que Grace Kelly foi quem verda
impressionou; tanto, que o príncipe, deixando de lado as
de Nice, ou de Montecarlo, os banhos de mar e as tempora
de sua bela e pitoresca cidade, acaba de casar-se com a no
em uma cerimônia que lembrou os solenes casamentos e
reis e altos dignatários, durante a Idade Média.

OS HABITANTES DE MÔNACO ESTÃO TOTALMENTE DISPENSADOS DO PAGAMENTO DE IMPOSTOS. A GRANDE FONTE DE



a, uma princesa de sonho. Mônaco, país de opereta, que um carro
nutos, e cujo exército consta de somente sessenta e cinco homens,
por Grace Kelly, sem dúvida a mais bela soberana do mundo.
elizes dão as boas vindas à ex-estrela que brilhou em Hollywood.

Kelly é a so-
rainier III. so-
em trinta e
sima família
se não fosse
o já teria ido
do Rainier.

es de Mônaco, apenas a décima parte ali nas-
são em sua maioria franceses e italianos, que
e dali nunca mais saíram. Todo o Estado está
rca de 140 hectares, no cimo de um penhasco
co conta com sessenta e cinco militares, arma-
preciso mais para manter a tranqüilidade dos
o ordeiros e pacatos. Rainier III, um jovem um
esporte, é o soberano da cidade-país. Até há
versas conjecturas sobre o seu futuro sentimen-
o de determinada princesa italiana, ora apon-
ente ligado a uma jovem da alta burguesia
que Grace Kelly foi quem verdadeiramente o
príncipe, deixando de lado as noites alegres
os banhos de mar e as temporadas de ópera.
ade, acaba de casar-se com a norte-americana,
embrou os solenes casamentos efetuados entre
ante a Idade Média.

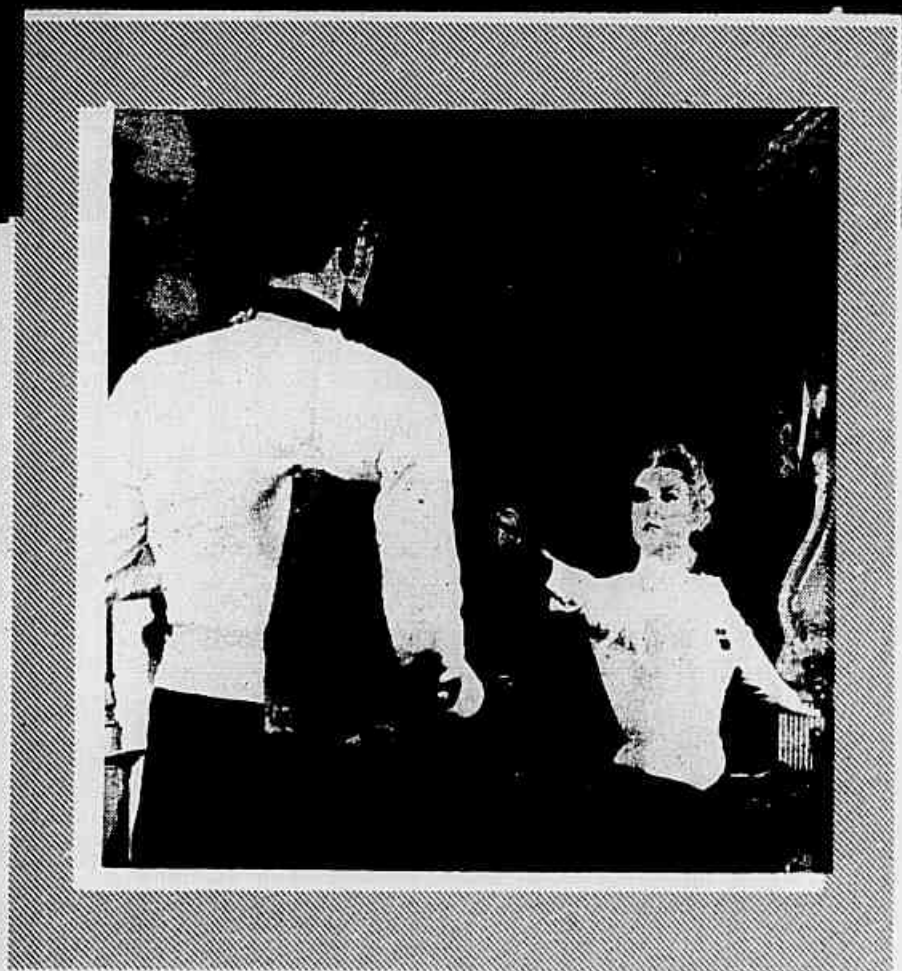


UM SÊLO postal, (e os de Mônaco são justamente co-
nhecidos pela sua beleza) e cartões postais de todos
os feitios e tamanhos foram postos em circulação no
dia do casamento, para gáudio dos numerosos co-
leccionadores espalhados nos quatro cantos do mundo.

MONSENHOR BARTHE celebrou o casamento de
Grace Kelly com o príncipe, casamento que foi
o mais suntuoso dos últimos anos. Eis o alto dignatá-
rio da igreja mostrando o manto com o qual oficiou a
cerimônia. Grace e Rainier são católicos praticantes.

A GRANDE FONTE DE RENDAS DO PAÍS CONTINUA SENDO MONTECARLO, A DESPEITO DOS ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS





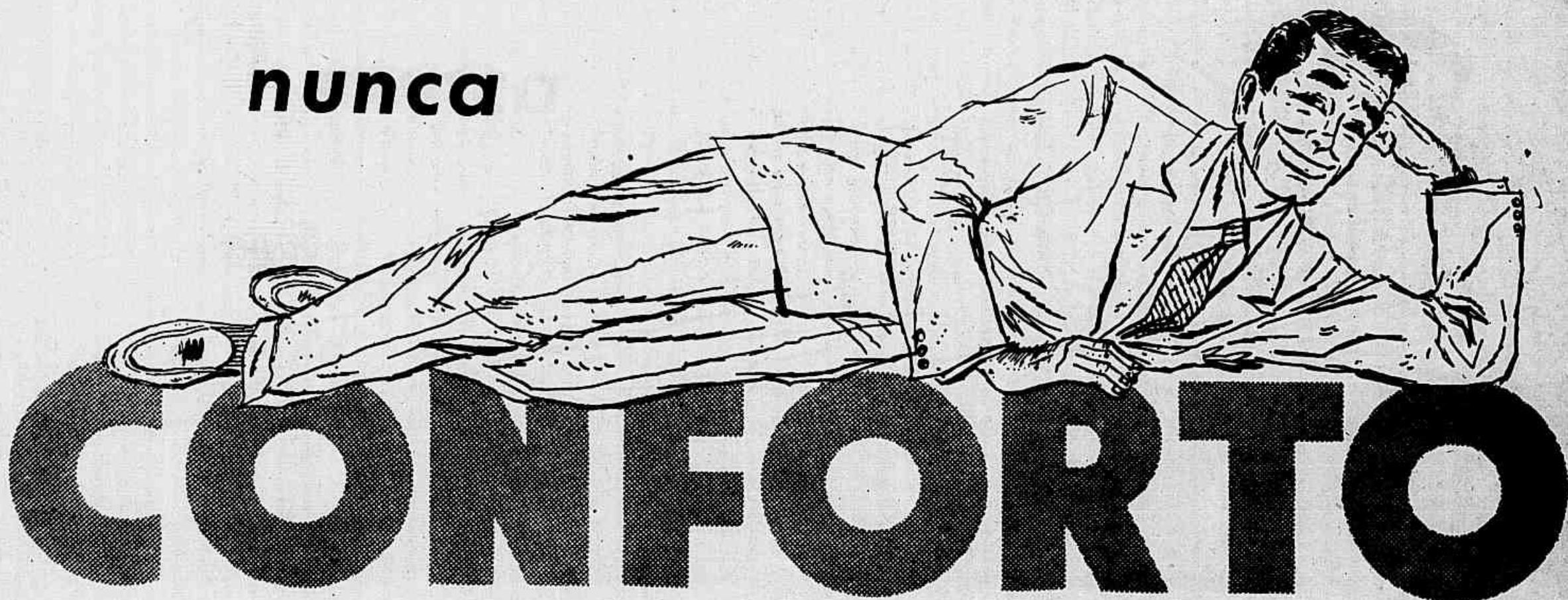
ACIMA E AO LADO, cenas de «The Swan», último filme de Grace Kelly nos EE.UU. Louis Jourdan e Alec Guinness são seus companheiros nesta película. Abaixo, Grace ao lado de Rita Gam, dias antes do casamento. Rita foi madrinha de Grace. Sempre foram amigas.

GRACE KELLY

♦ O ÚLTIMO filme de Grace Kelly nos Estados Unidos foi «The Swan» (O cisne real) em português. Nêle, aparece a loura atriz ao lado de Louis Jourdan e de Alec Guinness. Ainda há pouco, deram os telegramas internacionais a notícia de que o conhecido ator britânico se convertera ao catolicismo, pouco depois daquele filme concluído. Não sabemos se entrou a mão da católica Grace Kelly, mas, em todo caso, vai a malícia... Grace- ao que se comenta, deixará definitivamente o cinema: pretende dedicar-se unicamente ao príncipe Rainier, ao seu museu oceanográfico, ao sumptuoso museu que é o Palácio Real, às noites de Ópera no teatro famoso de Montecarlo.

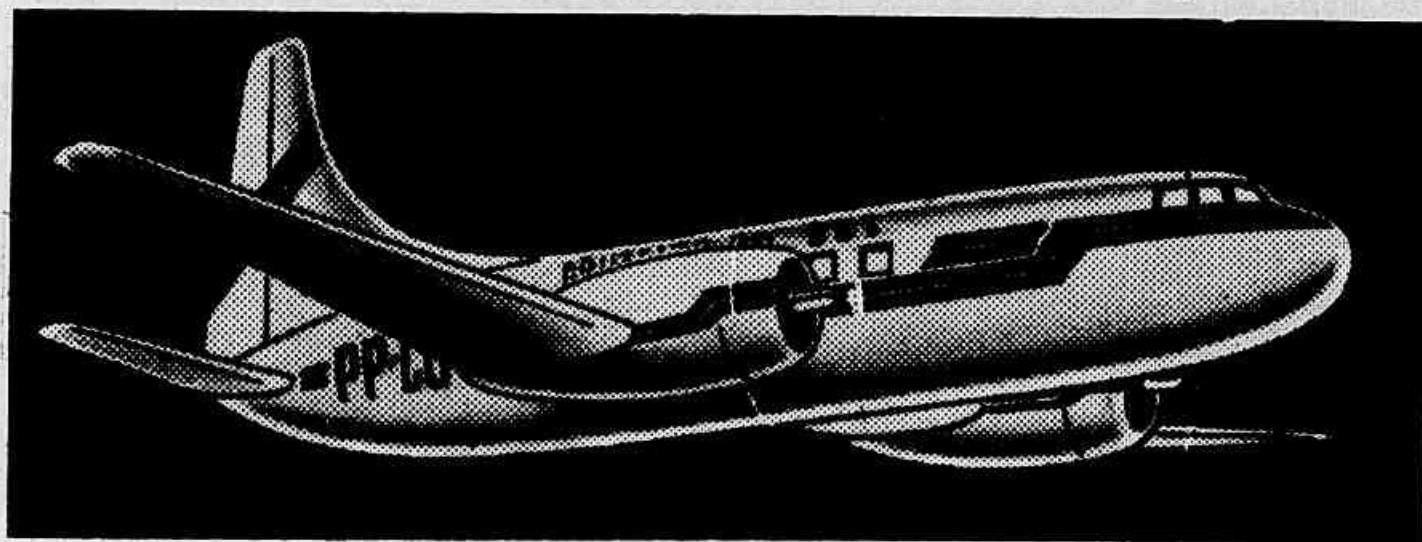


nunca



**significou tanto
em aviação**

Conforto significa muito mais quando se trata de uma viagem pela Cruzeiro do Sul. Em aviação, consulte os fatos, veja a extensão das linhas servidas pelas nossas aeronaves. Observe os serviços de terra e do ar e o pessoal que opera a maior rede aérea doméstica do mundo. Você, como a maioria, preferirá também conforto de fato, sem aumento de tarifas.



Para sua próxima viagem à São Paulo, Porto Alegre, Buenos Aires ou Fortaleza, Recife e Salvador, reserve suas passagens pela Cruzeiro do Sul. Conheça imediatamente um sentido completo de conforto em aviação.



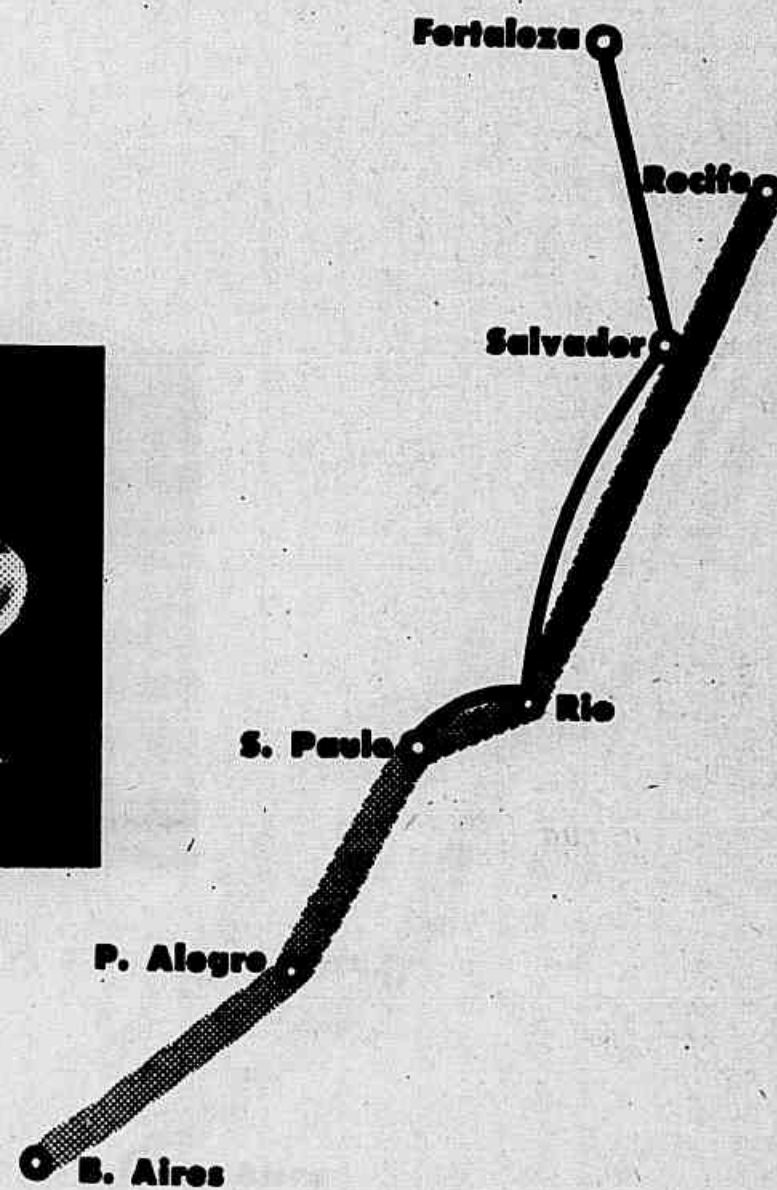
SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL

RIO DE JANEIRO: Av. Rio Branco, 128 - Tel.: 42-6060 - Av. Nilo Peçanha, 26-A - Tels.: 32-7000 e 42-6060 Ramal 206

Para suas viagens entre

RIO e SÃO PAULO
PORTO ALEGRE
BUENOS AIRES
ou FORTALEZA, RECIFE,
SALVADOR

Prefira os rapidíssimos
Convair-340 da Cruzeiro do Sul



CONVAIR-340: 44 passageiros - 450
quilômetros horários (vôo de Cruzeiro)
- Piloto automático

A CIÊNCIA DO CONTRÔLE DO PENSAMENTO

Por LAUREN SOTH

Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA — Copyright UNITED PRESS

♦ BERLIM. Alemanha.

STALIN morreu. Seu corpo mumificado (ou uma máscara de cera) jaz em uma caixa de vidro, hermeticamente fechada, lado a lado com o de Lenin, em uma espécie de pequeno museu, na Praça Vermelha de Moscou, museu visitado por milhares de pessoas, todos os dias.

O stalinismo, porém, ainda não morreu. O sistema de controlar o pensamento de um povo, de hipnotizar toda uma sociedade, que o genial ditador concebeu e fez atingir o seu máximo aperfeiçoamento, continua a funcionar, em pleno vigor, em toda a União Soviética. E quanto tempo, ainda, possa ele funcionar, é uma questão que diz bem de perto respeito aos americanos e aos europeus.

Hoje em dia, a União Soviética é uma ditadura sem ditador. Porém, as massas disciplinadas não dão mostras de quererem disputar a Moscou a liderança do país. Liderança coletiva, indeterminada.

Durante as cinco semanas que durou minha viagem pela Rússia, com a delegação de agricultores norte-americanos, não vi um só sinal de dissentimento do povo com a política dominante.

Naturalmente, é verdade que nossa viagem foi orientada inteiramente pelas autoridades soviéticas, e só conseguíamos falar com aquelas pessoas consideradas não perigosas pelo regime.

De qualquer modo, se houvesse qualquer oposição às idéias do regime vigente, pelo menos algumas pessoas que considerassem Khrushchev e Bulganin errados, e nós as teríamos encontrado.

AINDA PODE HAVER UM COLAPSO

Algumas pessoas, nos Estados Unidos, pensaram, quando da morte de Josef Stalin, que isso falta forçosamente iria influir no sistema soviético, que sofreria um colapso. Esse colapso ainda pôde se verificar.

Final de contas, em 1941, milhares de ucranianos saudaram as tropas invasoras alemãs, porque odiavam ainda mais os arautos de Stalin. Um conhecido general russo chegou a organizar, pouco depois, um corpo de exército destinado a combater não a sua própria pátria russa, mas o comunismo que nela se instalara. É de se presumir que, atualmente, a situação não difira muito da de dez anos antes. Contudo, na nossa viagem nada vimos que pudesse traduzir esse estado de coisas.

Seria um erro terrível basear a política norte-americana na esperança de que um colapso viesse a dar-se na estrutura interna da União Soviética, ou na fé de um possível crescente liberalismo dos governantes soviéticos.

CONVERSAS COM INTÉRPRETES

Durante travessias em automóvel, mantive longas conversações com alguns intérpretes. To-

dos eles eram educados, inteligentes e instruídos. Pensei que, à medida em que nos fôssemos conhecendo mais intimamente, confiaríamos os intérpretes a mim sua opinião própria a respeito dos governantes soviéticos, e da política de seu país. Puro engano. Nunca, em nenhuma ocasião, me confiaram eles qualquer indicação menos lisonjeira a respeito do que eu desejaria saber. Parecia inclusive que os citados senhores nem acreditavam que seus chefes podiam um dia incorrer em algum equívoco...

Talvez, é claro, eles tivessem sido escolhidos para trabalhar conosco justamente por causa de sua lealdade. Um dia, perguntei a um deles — rapaz ainda moço, e de olhar inteligente — se os comunistas acreditavam por acaso no Criticismo. Disse-lhe que o Partido Comunista não se cansa em falar nas vantagens do auto-criticismo, e do criticismo de grupo, porém, pessoalmente, eu jamais encontrara, na União Soviética, em seu povo, em suas idéias, em seus governantes, qualquer criticismo.

Disse-lhe ainda que, tendo percorrido, naquelas cinco semanas de visita, inúmeras cidades russas, nas mais diferentes regiões do país imenso, justamente numa época em que novas políticas estavam sendo postas em prática pelos dirigentes, nunca ouvira uma só boca dizer coisa alguma contra os semi-deuses do Partido.

O intérprete me escutou em silêncio, e após algum tempo de reflexão, retrucou-me, singelamente, de que o fato de não existirem críticas demonstrava sobejamente que as políticas colocadas em prática estavam certas...

Visitando fábricas e fazendas coletivas, tudo fizemos para que alguém criticasse, de leve que fosse, qualquer gesto ou discurso, ou medida que tivesse sido posta em prática pelas autoridades. Ninguém se lembrou de dizer que as tarifas pagas na Rússia eram muito altas, ou que a sua política agrária era antiquada. Ninguém. Porém, após muito tempo perdido, conseguimos o que desejávamos.

Durante os últimos anos, o Governo e o Partido têm encaminhado, às fazendas coletivas, jovens técnicos agrícolas recém-saídos das Faculdades. Em nosso giro, encontramos com dois desses jovens peritos agrícolas, ambos graduados por uma Escola Superior de Agricultura, e ambos trabalhando, há cerca de dois anos, em fazendas coletivas.

UM INFELIZ

Perguntamos-lhes se acaso gostavam de seu trabalho. Que respondessem o que pensassem, sinceramente. Se não quisessem responder, também não era preciso.

Pareceu-me, que um deles, particularmente, se sentia infeliz. Sua fazenda era pobre, e situada numa zona extremamente seca. Os prejuízos, aquele ano, tinham sido terríveis. O máximo, porém, de crítica que esse jovem admitira, fora a do partido contra a sua pessoa. Por isso, voltava à Universidade, a fim de aperfeiçoar-se em agricultura...

Observamos poucos sinais evidentes de controle policial das opiniões públicas, ou de disci-

plina partidária. Mas nossos acompanhantes russos certamente seguiam por inteiro a linha de seu chefe, Ivan Streltsov, do Ministério da Agricultura da União Soviética. Em todos os lugares em que comparecíamos, os oficiais, os funcionários e os simples cidadãos pareciam estar profundamente compenetrados de sua posição no seio da coletividade. Tinham consciência de classe e de posição.

ORDENS CERTAS

Todos eram sempre muito respeitadores no que dizia respeito a ocupar determinado lugar numa procissão, num banquete ou num automóvel, mesmo. Achávamos aquilo muito divertido, pois, afinal de contas, descobríamos que os membros daquele «mundo sem classes» levavam muito mais a sério a sua própria categoria do que os corruptos componentes do mundo capitalista...

É difícil de combater esse sistema verdadeiramente impressionante de domínio da opinião pública, porque é invisível, ao menos aos olhos de um viajante, e no prazo de mais ou menos um mês. Pareceu-nos porém evidente que, nos pequenos centros, é da Divisão de Tratores que emanam todas as ordens.

Essas Divisões controlam não apenas as maquinarias utilizadas nas fazendas coletivas, bem como os estoques de cereais produzidos nos campos russos, mas parecem inclusive desempenhar papel preponderante no próprio mecanismo do Partido.

EDUCAÇÃO PARTIDÁRIA

Em uma delas, soubemos que dois operários empregam todo o seu tempo ensinando educação partidária nas várias fazendas servidas por sua unidade. Em cada uma dessas fazendas, os dois líderes operários escolheram seus assistentes, através dos quais dão ordens (por sua vez recebidas de cima) aos demais trabalhadores.

Os diretores das fazendas coletivas, ao que parece, são eleitos pelos membros das próprias fazendas. Todavia, é mais do que evidente que os trabalhadores não têm muito o que escolher, limitando-se a confirmar o técnico Fulano, ou o funcionário Beltrano, na direção, que lhes é dada pelos dirigentes do Partido.

É mais do que fora de dúvida que não há diretor de fazenda coletiva que, antes, não tenha sido aprovado pelos chefes comunistas.

Uma das principais chaves da propaganda soviética, como já atrás, em outros capítulos, ficou dito, é a aposição de grandes retratos dos chefes comunistas em edifícios e em praças, em todo o país.

LENIN E STALIN

É claro que Lenin e Stalin estão em todos os cantos. Os demais componentes da interessante galeria, porém, variam um pouco. Nas fazendas coletivas, por exemplo, notei que o retrato de Khrushchev aparece mais vezes do que

o de Bulganin. Nas lojas, ambos se equiparam em número. Em número menor do que as desses dois, vêem-se na Rússia efígies de Molotov, Zhucov, e outros grandes do comunismo.

CONCLUSÕES

Os dirigentes soviéticos, nesses últimos tempos, têm-se virado decididamente para o problema agrícola. Acreditam que de pouco servirá a industrialização, se as fazendas não podem produzir mais alimentos para uma população cada vez maior. Tal ponto de vista sobre a política agrária é, fora de qualquer dúvida, a principal razão pela qual a Rússia nos últimos meses vem abrandando suas relações com os vários países do mundo ocidental. A União Soviética realmente necessita de paz, para realizar as grandes reformas que tenciona levar a efeito no campo da agricultura.

Os chefes comunistas, compreenderam afinal, que muito podem aprender em agricultura do restante do mundo, principalmente dos Estados Unidos da América. Por essa razão é que eles permitiram a vinda à União Soviética de uma missão agrícola americana, ao mesmo tempo em que um grupo de técnicos e agricultores soviéticos percorria os Estados Unidos. No mesmo setor de intercâmbio, muito desejam ainda fazer os chefes russos. Durante nossa recente viagem, ouvimos muitas vezes os oficiais que nos acompanhavam dizer que sinceramente desejavam que aquele fosse apenas o primeiro marco de um intercâmbio que, esperavam, mais e mais se intensificasse.

ESTABILIZAÇÃO

A produção de trigo, na União Soviética, estabilizou-se, desde 1930, após uma grande crise superada pela tenacidade de Stalin, com a coletivização das fazendas, em cem milhões de toneladas.

De vez que a população vem aumentando em cerca de três milhões de elementos anualmente, é claro que muito em breve essa quantidade de trigo será irrisória para o consumo do povo. As exportações, por exemplo, já não são mais possíveis.

Problema ainda mais sério é o da criação de gado. O número de cabeças de gado ainda é inferior ao existente em 1928, antes da coletivização das fazendas.

Seria grosseiro erro, porém, considerarmos os Estados Unidos que a Rússia está em situação desesperadora, do ponto de vista agrícola. Há imensas possibilidades de a União Soviética resolver, e do modo mais satisfatório possível, seu problema agrícola.

O país, por exemplo, possui mais solo de primeira qualidade do que qualquer outro, no mundo. A Ucrânia, a Rússia Européia, a Sibéria Ocidental, onde muitas de tais terras estão situadas, são escassas de grandes chuvas durante a maior parte do ano. E a estação apropriada ao crescimento dos cereais, em Kharkov, é curta.

A despeito de tudo, essa terra pode produzir uma quantidade incrivelmente maior de cereais. Partes dela sofrem certas crises atmosféricas e climáticas, porém, o restante, que goza de clima incomparável, é tão grande, que aquelas situações desfavoráveis mal pesam no cálculo geral.

Cerca de setenta milhões de acres de terra própria para a cultura do trigo estão sendo preparadas, na Sibéria e em Kazakhstan. São as chamadas «terras virgens». Se necessário, ainda podem os russos lançar mãos de outras regiões extensíssimas e praticamente virgens. Seria, é claro, trabalho árduo, pois as terras ainda não estão preparadas para a agricultura.

Porém, a maior possibilidade de expansão agrícola na União Soviética é a adoção de métodos já experimentados em certas fazendas coletivas da Ucrânia e da Rússia Européia.

O lucro de cada trabalhador agrícola, hoje em dia, é irrisório. O uso de mais fertilizante aumentaria consideravelmente a produtividade do solo. E maiores verbas aplicadas à criação de gado terminariam por aumentar de maneira enorme os rebanhos russos, que atualmente mal servem para os usos a que se destinam.

Com freqüências russos estão encorajando a iniciativa individual, no que se refere à criação de gado. Reduziram, inclusive, os impostos sobre a cabeça de gado, facilitando o destarte aos fazendeiros criadores a venda de seus produtos no mercado livre.

A julgar pelo que vimos em nossa viagem, os esforços no sentido de aumentar as colheitas e de multiplicar o número de cabeças dos rebanhos russos serão coroados de êxito.

Não há qualquer sinal de revolta contra as determinações emanadas da direção central do Partido, em Moscou. Tanto quanto nos foi possível observar, em nossa viagem de nove mil milhas, a conformidade aos ditames do Partido Comunista é um fato, em toda a União Soviética. E a máquina controladora da opinião pública, no país, parece estar funcionando às mil maravilhas.

Contudo, seria uma presunção leviana acreditar que os patrões do Comunismo russo conseguirão, com sua política agrária, os resultados maravilhosos que esperam colher.

Uma das mais fortes impressões que tive, durante minha viagem através da União Soviética, foi a completa ausência de oposição às determinações do governo, finalidade máxima de um regime totalitário. Os dissidentes ou foram eliminados, ou morreram de velhice. Hoje em dia, a nova geração, que nada sabe sobre o Comunismo, mas que dócilmente aceita as ordens que lhe são ministradas, obedece cegamente a seus chefes de Moscou.

NENHUM SINAL

Há poucos anos atrás, os visitantes ainda podiam ver, em certos lares russos, ícones e imagens religiosas, mesmo quando mais drástica ia a luta de Stalin contra a religião. Nosso viagem foi carinhosamente organizada, é certo, mas tivemos o ensejo de penetrar em casas de camponeses em inúmeras regiões da Rússia. Vi uma imagem de Cristo em uma casa da Ucrâ-

nia, e foi esse o único sinal de religiosidade que descortinei, fora das igrejas.

Algumas igrejas ainda funcionam. Todavia, apenas os velhos as freqüentam. A religião foi de tal modo extirpada do cérebro das novas gerações, que o governo já não tem sequer a necessidade de combatê-la por métodos violentos.

A despeito da absoluta subserviência que existe em todo o país, o contacto reiterado com homens e coisas do mundo livre poderá modificá-lo. Por isso é que acreditamos constituir sério risco uma visita como a nossa, aos dirigentes soviéticos.

IGNORÂNCIA QUANTO A REALIDADE AMERICANA

Os russos ignoram quase tudo sobre a vida norte-americana. E estão curiosos a respeito dela. Embora nossos contactos fossem severamente controlados, todos os homens com quem falamos nos fizeram perguntas sobre os salários pagos aos fazendeiros, nos Estados Unidos, sobre as habitações americanas, tamanhos das fazendas, espécies de cereais cultiváveis, tipo de estradas, educação, etc., etc.

Os Estados Unidos têm muito a lucrar, enviando missões como a nossa à Rússia. Não, é claro, no que diz respeito a informações técnicas sobre agricultura: mas simplesmente fazendo ver aos soviéticos que estão muito mais adiantados em tudo sobre o sistema comunista, bem como demonstrando-lhes, de maneira inequívoca, sua fraternidade e compreensão. Podemos todos ensiná-los algo sobre a Liberdade.

Se os soviéticos permitirem que mais missões semelhantes à essa penetrem na Rússia, a paz será assegurada com toda a certeza. Porém, ainda é cedo, para tanto otimismo.

Porque, a despeito da morte de Stalin, o comunismo, atualmente, está mais forte do que nunca.

F I M



EM MOSCOU, são comuns essas paradas de civis. Carregam flores de papel e retratos imensos de líderes soviéticos. Até há pouco, o retrato de Stalin era o mais difundido.

a

EXPERIMENTE!

ondas curtas — 19, 25, 31 e 49 metros

Stanley - Rio

Otaruk - Rio

REVISTA DA SEMANA — 38

CHUVA

HÉLIO ABREU

◆ Esta quinta-feira foi diferente das demais. A chuva caiu impelida pelo mais impertinente vento noroeste que São Paulo conheceu nos últimos cinco anos. No Braz andaram de canoa e aqui nesta rua Guaianazes a violência do vendaval deu trabalho à Light. Um raio perdido, desprezando o «para-raios» do edifício do Bank of Boston, abriu ao meio um transformador de energia. O Cine Metro interrompeu sua sessão das 20 horas e os bondes deixaram de circular em todo o perímetro central da urbe. Mas não morreu ninguém. Nem sequer um desabamentozinho, graças a Deus. Mesmo os pardais que fazem ninho nos orifícios de ventilação deste prédio, escaparam ilesos. Até o gato preto, mascote indispensável de uma casa de automóveis das proximidades, saiu lampeiro da refrega. Somente a chuva, fria, insistente e de certa maneira imponente, cai do céu e caminha pelas ruas desertas. A cidade parece morta. Não se ouve um simples fononar de buzina, no ar tudo é barulho de chuva caindo e de vento uivando. As portas dos bares e restaurantes estão semi-cerradas (é assim como se o comércio estivesse de bandeira a «meio pau», em sinal de protesto contra o aguaceiro que interrompe os negócios). E a água desce, varre as ruas e faz, graciosamente, a higiene de todos os edifícios.

Mas chuva é chuva em qualquer parte do mundo. Com certeza em Pequim, na distante China, algum mandarim corre apressado buscando fugir de alguma chuvinha travessa... muito menos forte que esta daqui, que vem revestida de tudo o quanto é paulista: grande e forte. Mas

maraicara, pretende formular nova denúncia contra o chefe pessepista. Desta vez trata-se da venda ilegal de três barcas a motor, transação que, no dizer do referido jornalista, seria de inteira responsabilidade do ex-interventor.

FICOU. O general Porfírio da Paz conferenciou com o Presidente Kubitschek, de quem recebeu instruções para apoiar o governo Jânio Quadros. O general esteve por um fio para ser desligado do PTB, em virtude de suas tergiversações durante a campanha eleitoral. Consta que o mesmo foi poupado pelo major Newton Santos, cacique mor do petebismo bandeirante, atendendo a uma solicitação do Presidente da República.

MANIA. Generalizou-se na câmara estadual de São Paulo a mania dos apelidos. A coisa virou um verdadeiro «hobby». Tanto assim que, há poucos dias, o deputado Franco Montoro deixou cair do bolso um papelzinho onde estavam escritos os apelidos de três dos mais proeminentes parlamentares de São Paulo. Segundo o referido papelzinho, surge o deputado Ferreira Keffer como autor do apelido do seu colega Amaral Furlan que, na referida lista, consta como sendo o Jack Palance brasileiro. O de-



Adhemar de Barros



Hugo Borghi



Victor Costa



Cunha Bueno



Porfírio da Paz



Jânio Quadros

nossa curiosidade mais se aguça ao pensar no que estarão fazendo agora o Menotti Del Picchia, o comendador Ítalo Franceschi, o governador Jânio Quadros, o sr. Lucas Garcez, etc. Pode ser que estejam trabalhando, mas... para mim, eu os vejo todos debaixo de alvos lençóis, dormindo ao som desse barulho melodioso de água caindo, o sono dos justos e dos madrugadores.

INVISÍVEL. Ainda desaparecido o sr. Waibo Chamma, simpático «contact-man» da Mineração Geral do Brasil. Dizem que à última vez em que o mesmo foi visto, tratava ele de fazer o regime de emagrecimento ditado pelo prof. Klausen Milkos, célebre nutricionista, autor do famoso livro «Emagrecça de Barriga Cheia».

RESISTÊNCIA. Grupos econômicos franceses que por ocasião da visita do sr. Juscelino Kubitschek à Europa, manifestaram desejo de inverter capitais no Brasil, estão desgostosos com a ausência de um serviço de informações governamental capaz de dizer, de maneira concreta, as possibilidades oferecidas por nosso país. Sabedor do que ocorria, consta ter o Presidente Kubitschek determinado ao Itamarati fornecer aos referidos grupos todas as informações necessárias. Um deles chegou mesmo a mandar a São Paulo o sr. Jean Lambert Abrial.

SENADOR. Correm rumores, carregados de certa insistência, de que o sr. Jânio Quadros sairá dos Campos Elísios antes do término do seu mandato. E' que, ao que dizem, S. Excia. seria candidato a senador na vaga a dar-se dentro de dois anos.

CENTENÁRIO. Chegou a vez de São Carlos, próspera cidade do interior paulista, comemorar o seu primeiro centenário. A data é 28 de outubro. Uma comissão já foi constituída para idealizar o modelo de um selo comemorativo.

ELOGIO. Por sua vez como mediador no caso do reajustamento de salários do pessoal ferroviário da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, recebeu o sr. Paulo Marzagão significativa mensagem do sr. Harry Normanton, presidente do Sindicato de Trabalhadores Ferroviários da Zona Paulista. A mensagem chegou às mãos do delegado regional do Trabalho em nome de cerca de 17 mil ferroviários da chamada Zona Paulista.

VÍTOR COSTA. A situação financeira da Organização Vítor Costa é considerada excelente. Recentemente Vítor adquiriu mais uma emissora, desta vez em Curitiba.

TODOS A ELE. Estamos seguramente informados de que o jornalista Paulo Duarte, o mesmo que apresentou o sr. Ademir de Barros como peculatório nos casos dos Chevrolets e urna

putado Luciano Nogueira aparece como sendo o «camaleão». O terceiro da lista é o apelido do próprio Ferreira Keffer, lamentavelmente impubescível...

BORCHI. Há muito afastado das lides políticas, presentemente o sr. Hugo Borghi dedica-se ao negócio de vender terras (de Goiás) aos americanos. Com efeito, o antigo líder «mar-miteiro» encontra-se em Nova York, de onde, através de um bem montado escritório, vende fazendas goianas a preços astronômicos aos filhos de Tio Sam. O sr. Hugo Borghi está em dia com o pagamento de seu débito ao Banco do Brasil.

BANQUEIRO. O sr. Antônio Sílvio da Cunha Bueno, anjo rebelde do PSD paulista ora em acomodação, foi eleito diretor de um estabelecimento bancário. O sr. Cunha Bueno é um dos mais dinâmicos políticos de piratininga, tendo a seu crédito um lastro eleitoral ponderável.

MAQUINAS. Depois da «Leonam» e da «Singer», a «Vigorelli» é a nova marca de máquinas de costura inteiramente fabricadas no país. Vale ressaltar o formidável esforço dessas indústrias no sentido de libertar o Brasil do ônus da importação. Uma delas, a «Leonam», tem uma história de lutas e sacrifícios que vale por uma epopéia. Seu realizador é o sr. Manoel Ambrósio Filho.



EIS A DERRADEIRA foto de Mussolini em vida. Foi tirada a 25 de abril de 1945, em Milão. Mussolini está prestes a subir ao auto que o transportara a Como, e daí a Dongo. Aparecem o prefeito Daquanno, de Milão, o ministro Zerbino, e o comandante da escolta alemã. A viagem, todos sabem, foi interrompida bruscamente.

O DITADOR FASCISTA DIA ADIA READQUIRE SEUS ANTIGOS ADEPTOS. TÔDA A IMPRENSA ITALIANA PREOCUPADA EM ESCLARECER OS ÚLTIMOS DIAS DO HOMEM QUE DOMINOU, POR TANTOS ANOS, SUA PÁTRIA

Texto de HAROLD GREEN

PARECE ter sido um jornalista norte-americano quem, ao retornar de uma viagem à Itália, escreveu nas colunas de seu periódico: «Vi, na Itália, muitos comunistas e muitos fascistas. Aonde é que estão os democratas italianos?»

Essa frase parece verdadeira, sobretudo àqueles que, tendo estado na Itália, travaram contacto com os grupos de bolchevistas, e com os cada vez mais numerosos saudosistas, que se obstinam em lamentar a morte de Benito Mussolini.

Em Roma, em 1954, mais de uma vez escutamos de populares, amigos ou conhecidos nossos, frases cheias de nostalgia para com o sistema fascista, varrido da Itália em fins da Segunda Guerra Mundial, porém, novamente em rearticulação, ao que parece. De um desses conhecidos, escutamos isto:

— No tempo do «Duce», não passávamos fome, e a Itália era considerada como uma das primeiras nações do mundo. Hoje, é o que se vê. Quanto a mim, preferia viver sob a ditadura de Benito Mussolini a ter de suportar a desorganização dessa democracia em que vivemos. E como eu, quase todos os meus amigos.

Vê-se, assim, que grande parte do povo italiano, ignorando que os tempos mudaram, e que atualmente outro é o rumo seguido por alguns países outrora poderosos, mas hoje reduzidos a viverem de recordações atribui a relativa diminuição do prestígio da Itália no Universo, não aos tempos novos e às novas idéias, mas unicamente à queda do regime ditatorial italiano, à cuja frente se colocava Mussolini.

♦ **MUSSOLINI E A IMPRENSA** — Mussolini sempre constituiu um bom assunto para os jornalistas do mundo inteiro. Seu retrato, em poses tea-

MUSSOLINI AINDA VIVO NA

trais — pois, como Nero, Mussolini fazia questão de **representar** muito bem... — de 1922 ao ano de sua morte correu o mundo inteiro. E quando o sem dúvida alguma bárbaro assassinato do ditador foi proclamado, mais ainda aumentou o interesse pelo malogrado condutor do povo italiano, que agora aparecia revestido de um novo brilho, até então insuspeitado em sua figura pouco propícia às expansões amorosas: o romântico, confirmado pelo sacrifício de Clara Petacci, a mulher que preferiu seguir o amante até à morte horrível às mãos da população enraivecida.

Agora, tantos anos passados, e após um período de certo olvido, começa a imprensa italiana, particularmente, a dedicar largos espaços de seus periódicos à figura do ditador, entrevistando pessoas que o conheceram em seus últimos momentos, rememorando seus tempos gloriosos (que foram também, não há como negar, tempos de progresso para a Itália), tecendo comentários que, se não abertamente favoráveis, também desfavoráveis não são à memória de Benito Mussolini. E isto, por quê? Justamente porque reconheceu, a imprensa, que o povo italiano, algo decepcionado com seus últimos governos, começa novamente a encarar Mussolini como uma espécie de Enviado dos Deuses, incumbido de salvar a Itália das garras de seus inimigos, o qual, ao morrer, deixou-a praticamente sem defesas contra a ambição e a cobiça deles.

♦ **A MORTE DE MUSSOLINI** — Nesse mesmo momento, o periódico milanês «Oggi» consagra um vasto artigo ao exame das três versões apresentadas pelo coronel Valério — ou seja, por Walter Audisio, o homem que tanto influiu na morte de Mussolini — para historiar o acontecimento. Essas três versões diferem essencialmente entre si, dizendo os entendidos que talvez nenhuma delas seja a autêntica.

Pela primeira versão, de 30 de abril de 1945, «Mussolini colocou-se contra o muro, no lugar a ele indicado, tendo à direita Clara. Silêncio. Depois, pronunciou-se a sentença que condenava o ditador: «Por ordem do

Comando Geral do Corpo de Voluntários da Liberdade, estou encarregado de fazer justiça ao povo italiano». Mussolini parecia aniquilado. Com a frase «Não deve morrer!» Petacci o segura pelos braços. Dizem-lhe então: «Volta ao teu lugar, se não queres morrer também». Com um salto, Petacci volta a seu lugar. De uma distância de três passos, disparam cinco tiros contra Mussolini, que tomba sobre os joelhos, com a cabeça vergada ao peito. Depois, foi a vez de Clara».

Já na segunda versão, diz Valério, as coisas se teriam passado de modo diferente: «Depois da leitura da sentença, Mussolini parece aniquilado. Diz apenas: «Mas, senhor coronel...» Por precaução, experimentara eu, pouco antes, minha arma, e assim, tranquilamente me postei a três passos de distância, pronto para atirar. No momento, minha arma engasgou. Tomo então a pistola, mas também essa não atira. Mussolini parece não dar atenção a mais nada. Empunho então o fuzil pelo cano, prestes a usá-lo como uma clava, e peço a «Bill» que me dê seu fuzil-metralhadora. Com essa arma dei em Mussolini (que tremia sempre) cinco tiros no coração. Como não morresse logo, dei-lhe mais quatro».

A segunda versão foi dada em dezembro do mesmo ano de 45. Dois anos depois, como «Bill» desmentisse sua participação na morte do «Duce», Walter Audisio narrou pela terceira vez como se passara tudo: «Peço a «Guido» uma arma, chamo o comissário do 52º, «Móretti», que me dá seu fuzil-metralhadora».

Há pontos controversos em todas as declarações de Walter, como se pode ver facilmente.

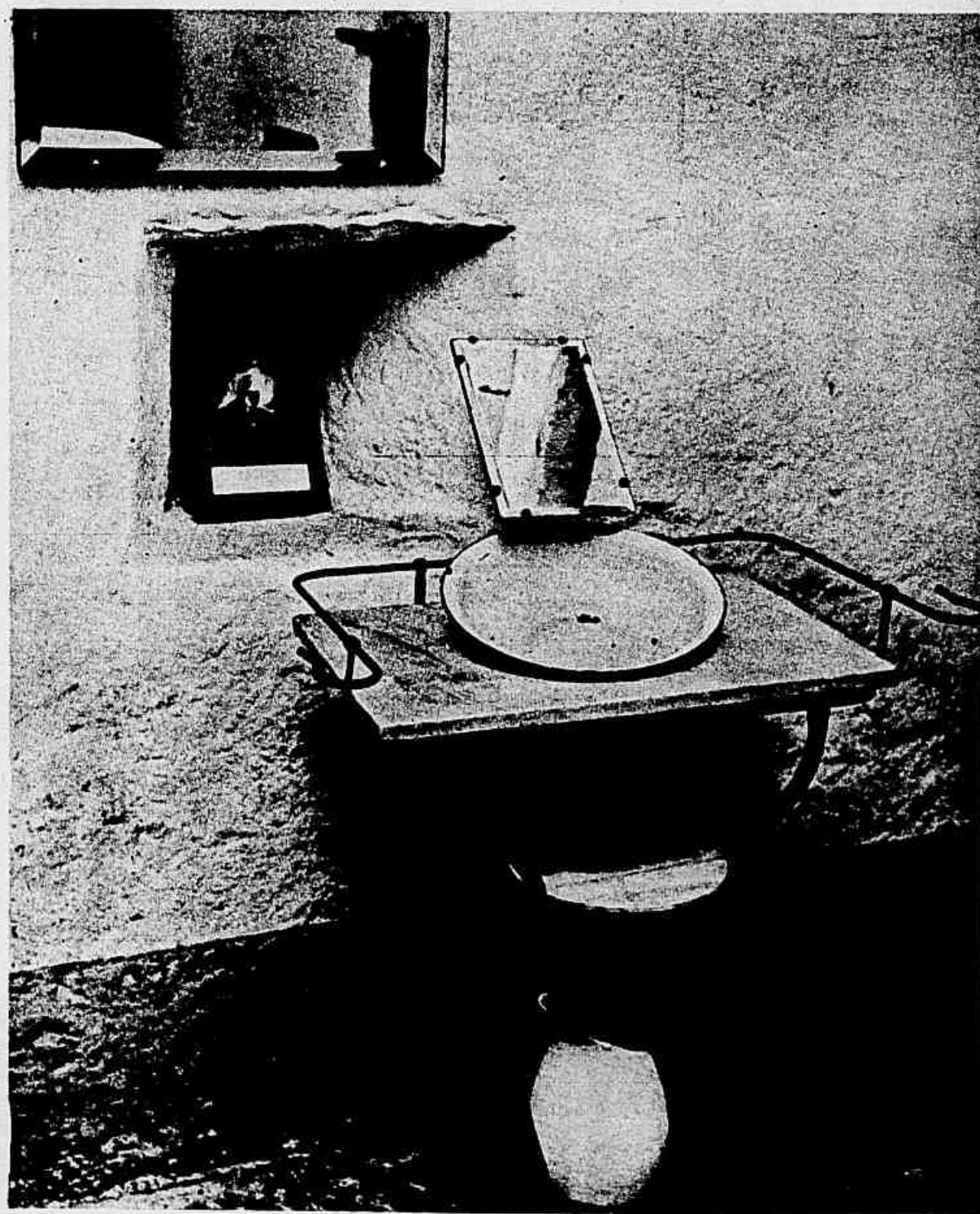
♦ **QUEM MATOU MUSSOLINI?** — Mussolini era esperado pelo general Onori, chefe de 3 mil legionários, para, com tais tropas, tentar um último e desesperado esforço, no chamado «Reduto Alpino». Sabe-se que seis foram os assassinos de Mussolini e Petacci, e em 1947 o Partido Comunista Italiano — que ordenara a execução — lhes declinou o nome: Walter Audisio, Aldo Lampredi, Michelo Moretti, Luigi Canali, Giuseppe Frangi e

A última paisagem



Foi essa a última paisagem entrevista por Mussolini, antes de morrer. Em Giulino di Mezzegra o ditador passou sua última noite. Ao longe, aparece o lago de Como, testemunha silenciosa.

O último "toilette"



No rústico banheiro da Casa de Maria, em Giulino di Mezzegra, a bela e infeliz Clara Petacci pela última vez embelezou-se, antes de seguir em direção a seu destino adverso.

LEMBRANÇA DOS ITALIANOS



A última morada

Aqui, em Casa de Maria, tísica estalagem da vila de Giulino di Mezzegra, às margens do romântico lago de Como, estava escrito que Benito Mussolini e Clara Petacci passariam suas últimas horas. O pórtico ao alto, à direita, foi o utilizado por eles como quarto. Dali, só sairiam mesmo para a morte terrível.

Guglielmo Cantoni. Dois desses matadores já tinham sido, por sua vez, mortos, em circunstâncias misteriosas: Frangi, em maio de 1945, e Canali, pouco depois.

Uma coisa é certa: não foi «Valério» quem matou Mussolini. Como cair em tantas contradições o protagonista de história tão sensacional?

Cantoni, um dos seis presentes à morte de Mussolini, em recentes declarações, afirma que quem matou o ditador não foi Valério, e sim Michele Moretti.

◆ ONDE ESTÃO OS RESTOS DO «DUCE»? — O jornal «Tempo», que se edita em Roma, publicou recentemente, com grande estardalhaço, que os restos mortais de Mussolini, que se encontravam no santuário de Monte Paolo, numa gruta, sob a imagem de Santo Antônio de Pádua, envolvidos em um cobertor militar, foram dali retirados, e estão agora no altar-mor do mesmo santuário. Essa mudança de local, dos despojos do Duce, de um subterrâneo para um altar-mor, não ganhará, a nossos olhos, uma aparência de símbolo, querendo significar a revalorização, ante o povo italiano, do famigerado ditador?

Grupo com o matador



Grupo em que aparece, entre vários outros membros do 52ª Brigada Garibaldina, o matador de Mussolini e de Clara: Michele Moretti, um dos chefes do comunismo italiano, na foto assinalado pela seta branca.

Local da chacina



Em Giulino di Mezzegra, Guglielmo Cantoni — um dos seis «partigiani» presentes à execução de Mussolini — aponta o local onde tombaram os corpos sem vida do ditador e de sua companheira, faz onze anos.



Flagrante colhido por ocasião da visita que o Professor Ulrich Haberland fez ao Presidente Juscelino Kubitschek acompanhado do embaixador da Alemanha, Sr. Fritz Oellers, e do Delegado Técnico da Farbenfabriken Bayer, Dr. Karl Schulz.

BAYER FUNDA A INDÚSTRIA QUÍMICA BÁSICA NO BRASIL

DOIS meses depois de ter discutido em Bonn, com o Presidente Juscelino Kubitschek, as possibilidades de uma colaboração estreita da Farbenfabriken Bayer com o Brasil no campo industrial, chegou ao Rio de Janeiro para a coordenação e intensificação dos trabalhos de instalação de importantes estabelecimentos de indústria química básica o Presidente daquela famosa organização alemã, o Prof. Dr. Ulrich Haberland. Este fato alcançou enorme repercussão, por se tratar do primeiro resultado das demarches promovidas na Alemanha Ocidental pelo Presidente Kubitschek, e por significar um passo importante no progresso industrial brasileiro dentro de um ambiente de colaboração com a indústria alemã.

A BAYER já possui seis organizações no Brasil, industriais e comerciais, e vai levar a efeito em Belford Roxo, a quarenta quilômetros do Rio, a construção de quatro fábricas de indústria química básica de que muito necessita o Brasil. Os produtos a serem fabricados nesses quatro estabelecimentos são, na sua maioria, ainda importados. A sua fabricação no país aliviará a nossa balança comercial anualmente em muitos milhões de dólares.

♦ UM NOTÁVEL EMPREENDIMENTO

A primeira fábrica será uma moderníssima instalação de anilinas para tecidos, couros e papel, em complemento e para aumento da produção da existente da Aliança Comercial de Anilinas S.A. (ACASA). A segunda será uma fábrica de produtos intermediários para a fabricação de anilinas, aproveitando sub-produtos da coqueria da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda, também para aumento da produção atual de produtos intermediários da CIDASA (Corantes e Inseticidas, Comércio e Indústria S.A.).

♦ A PRIMEIRA NA AMÉRICA LATINA

O terceiro empreendimento reveste-se de características especiais e será constituído por uma fábrica moderníssima de Cromatos, Bicromatos,

Acido Crômico, Sais de Cromo e sub-produtos correlatos, a primeira grande fábrica deste gênero não só no Brasil mas na América Latina, com capacidade suficiente para abastecer integralmente as indústrias nacionais de curtume, tecidos, lacas e vernizes, bem como as oficinas de cromagem, fábricas de automóveis, etc., e com reserva bastante para fazer face ao aumento constante de consumo destes produtos nos próximos anos. Nesta fábrica aproveitar-se-ão pela primeira vez, em grande escala, os minérios de cromo do Estado da Bahia, para fins químicos.

A quarta fábrica produzirá inseticidas, formicidas, fungicidas e herbicidas, de mais alta qualidade, empregando-se os processos mais modernos de fabricação. Estes produtos beneficiarão grandemente a nossa lavoura. Além destas quatro fábricas, já em vias de execução, estão prontos os planos para a construção de estabelecimentos fabris visando a produção de resinas sintéticas, matérias plásticas, tanantes sintéticos e outros, baseando-se sempre no aproveitamento de matérias primas nacionais.

♦ UM VISITANTE ILUSTRE

A visita do Prof. Dr. Ulrich Haberland foi motivo de grande satisfação nos círculos industriais e sociais. Em companhia do Embaixador da Alemanha, Sr. Fritz Oellers, e do Delegado Técnico da Farbenfabriken Bayer, Dr. Karl Schulz, o Prof. Dr. Ulrich Haberland visitou o Presidente Kubitschek, de quem ouviu expressões animadoras em torno do projeto. Numerosas indústrias no Rio e em São Paulo foram visitadas pelo ilustre professor da Universidade de Bonn, economista, técnico e financista, que se despediu da sociedade carioca com um cocktail no Hotel Glória onde se reuniram destacadas figuras, entre as quais o Governador Miguel Couto Filho. A notícia do empreendimento da BAYER no Brasil, fundando a indústria química básica, foi recebida com o maior agrado geral.



Na foto vê-se o sr. Alcides Hipólito dos Santos, diretor de AJAX, ladeado pelos srs. Walter Guerra, outro diretor da firma, e dr. João Ursulo, deputado federal e presidente do Banco Aliança do Rio de Janeiro.

Ajax — Uma organização modelar

◆ Teve grande repercussão nos círculos comerciais e industriais desta cidade a recente inauguração da moderna organização AJAX — MÁQUINAS PARA ESCRITÓRIOS LTDA., instalada à rua da Quitanda, 62-B. A reportagem da «Revista da Semana» teve oportunidade de verificar que se trata realmente de um estabelecimento modelo, dispondo de pessoal técnico de alta capacidade e de grande variedade dos mais modernos aparelhos e artigos para escritórios, do ramo que explora. Ilustramos esta notícia com dois aspectos dos mais expressivos colhidos pela nossa objetiva no ato inaugural.



Neste flagrante destacam-se as figuras do chefe da novel organização, sr. Alcides Hipólito dos Santos, sua exma. esposa e filhinhos Lília Maria e Eduardo, ao lado de Frei Patrício.



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 60,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editora Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa

ARTES

JOSÉ ROBERTO

Arcimboldo, pintor fantástico

◆ Em 1521, algumas telas do pintor Jheronimus Bosch foram ter às mãos do Cardeal Grimani, em Veneza: eram um «Inferno» e um «Paraíso», além de dois outros painéis (1). O conhecimento do estilo incrivelmente fantástico do artista holandês de imediato conquistou a admiração de vários italianos, e mesmo Rafael, segundo a opinião abalizada de René Huysshe, conservador chefe de Pintura do Museu do Louvre, em livro recente (2), deixou-se, mais de uma vez, impressionar por sua arte bizarra. Mais do que Rafael, porém, se deixaram cativar pelos «fuochi», diavoli e cose somiglianti» de que fala Vasari (3), referindo-se a Bosch, os Dossi, pintores de Ferrara. Há, no Museu de Dresde, um «Sogno», de autoria de um destes artistas, que se ressentia profundamente da influência boschiana.

◆ Giuseppe Arcimboldo (4) deve ter conhecido as obras de Jheronimus. Nascido por volta de 1527, em Milão, ao que se presume, tivera ele a oportunidade de percorrer a Itália, tendo estado, muito provavelmente, também em Veneza. Ali, no Palazzo Ducale, ou — se se tiver dado o caso de não ter estado o pintor em Veneza jamais — mediante gravuras, então muito difundidas, pôde Arcimboldo ter tomado contacto com a obra de Bosch. Não que o italiano tenha conservado o sentido moralista, teológico, do artista de s'Hertogenbosch: mas para todo o sempre ficaram gravadas em seu cérebro as figuras monstruosas de Bosch, semi-humanas, semi-animalescas, semi-vegetais, semi-animais, as árvores antropomórficas, as casas que possuem rosto (5), etc. Foi para a Corte de Praga, entre 1560 e 1587, que Arcimboldo pintou suas «Cabeças Compostas», de que hoje restam apenas cerca de uma vintena, entre retratos e alegorias. Entre as Alegorias, figuram as do Inverno, da Água, do Fogo, etc. etc.

◆ Conta-se, entre os retratos — todos existentes hoje em dia na Suécia —, o de Calvino, identificado por Doumergue. Foi Maximiliano II da Tchecoslováquia quem encomendou ao artista estas reproduções, que abrangem desde o seu cozinheiro até ao seu chanceler. Já dissemos que Bosch está entre os artistas que influíram sobre o procedimento artístico de Arcimboldo; não há, porém, como subordinar o italiano totalmente ao gênio do holandês. Existem diferenças essenciais entre um e outro: Bosch, por exemplo, é um predador medieval; Arcimboldo, pelo contrário, já pertence aos tempos modernos. Bosch reúne em uma só figura, elementos pertencentes a coisas ou pessoas as mais dispares; Arcimboldo recruta em um só campo os vários elementos utilizados em suas figuras híbridas. Assim, por exemplo, seu «Bibliotecário» é inteiramente formado de livros.

Além do que, não se deve esquecer que Leonardo da Vinci, em suas notas artísticas, escrevera: «Se queres dar aparência natural a uma bête imaginária, digamos: um «dragão», toma a cabeça de um perdigueiro ou de um mastim, os olhos de um gato, as orelhas do ouriço, o focinho do galgo, as sobrelanceiras do leão, as têmporas de um velho galo, e o pescoço de uma tartaruga» (6). De tal receita talvez tenha nascido grande parte da concepção artística dos Maneiristas, de que Arcimboldo, sem dúvida alguma, foi a figura mais importante.

Notas

(1)—Já nas «Notizie d'opere di Disegno», do Anônimo de Morelli, se trata de uma tela representando monstros, «fo di mano di Hieronimo Bosco» existente em Veneza.

(2)—«Connaissance de la Peinture», Edição Flammarion. Paris, 1955.

(3)—«Abile in far fuochi, notti, splendori, diavoli, e cose somiglianti», Giorgio Vasari, «Vite», 1550.

(4)—Arcimboldo, vulto de primeiro plano na História das Artes, foi descoberto e valorizado, tal qual Bosch, há poucos decênios, graças aos esforços de alguns abnegados historiadores, entre os quais Casati, e mais recentemente, a dupla Legrand-Sluis.

(5)—Segundo «Giuseppe Arcimboldo et les Arcimbolques», de Legrand-Sluis. Paris, 1955.

(6)—Legrand-Sluis, op. cit., página 71.

Domingo, 22 de abril de 1906.

CARTAS DE UM TABAREO

♦ Rio, 3 de abril de 1906

... Querido Compadre: As cousas por aqui, meu bom compadre, não estão muito para que digamos bem. A tal historia de Taubaté tem provocado uma celeuma de seletos... que não te conto nada. Dizem que agora, com a abertura do Congresso é que se vai ver quem tem garrafas vazias, isto é, em que param as modas...

Auguro muito mal de tudo isto. A meu ver isto ainda dá em agua suja... O que te posso garantir é que nunca vi campanha tão cerrada contra qualquer gestão. E não se diga que tenha havido muita descompostura, como soe acontecer quasi sempre: a discussão tem se travado no terreno dos algarismos, no duro, como costumamos dizer.

Terá o Congresso, além da preliminar do reconhecimento de seus membros, a apuração da eleição presidencial, o que quer dizer, que n'essa panqueca, mais do que nas passadas sessões, teremos malandrice a valer, para quando chegar ao fim do anno, depois de uma serie de prorrogações, começarem a levar a cousa no embulho, sem attenção nem cuidado. Apesar dos pezares ainda nutrimos, entretanto, a esperança de ver o Congresso fazer alguma cousa só para ser agradavel... ao sol que nasce.

Continuam os preparatorios para o Congresso Pan Americano, fallando se n'este ou naquella nome para fazer parte d'esse comicio. Ao que consta, a nossa amiga Argentina bateu o pé e parece que prevalecerá a sua vontade, sem o que não se fará representar. Não entro na analyse da justiça que assiste ou não á nossa vizinha, mas o que se não poderá esconder é a mostra de energia e coragem por ella manifestada, não querendo, de forma alguma, representar o papel de Maria vai com as outras.

Em vista da reunião do Congresso, a que acabo de me referir, foi adiado o da Paz; em Haya. Não estou bem convencido da efficacia desses congressos, porque ainda não vi que elles produzissem alguma cousa de bom, de apreciavel ao menos; em todo o caso, como Roma não se fez num dia, aguardemos mais as duas reuniões e depois... fallaremos.

Reuniu-se o Congresso Operário, que discutiu grande numero de questões relativas á classe. O "Jornal do Brasil", que indubitavelmente foi a primeira folha a franquear suas columnas para a respectiva propaganda, publicou desenvolvidos resumos das sessões, pelo que me abstenho de te dar o resultado para te obrigar a reler o popularissimo, com o que nada perderás.

Mais uma desgraça deste malfadado 1906: a cidade de S. Francisco da California acaba de ser arrasada por um terremoto. Que horror! Adeus. Teu, Bermudes.

— Paris, 12 de março de 1906. — A impressão que causou nos centros europeos o desabamento da fachada do edificio do Club de Engenharia, na Avenida Central, foi das mais penosas possiveis. E nem era para menos, pois se tal acontece com uma obra pertencente a uma instituição de proffisionaes, figura-se o que não poderá succeder com tantas que, certamente, não terão a fiscalisação da que desabou. Essa licção deveria ao menos ser proveitosa para nós e para o futuro, e não deveremos confiar tanto na nossa boa sorte, pois é habito antigo de brasileiro dizer: nós temos boa sorte. Essa questão de sorte é, de facto, um bom elemento com o qual quase sempre temos podido contar, mas que n'estes ultimos tempos parece, não nos tem sido muito fiel.

AS CHAVES DA BASTILHA

Uma neta do famoso Annterre, madame Villain, entregou ao museu Carnavalet, que o aceitou oficialmente, um molho de chaves historicas, as chaves da celebre Bastilha, as quaes, a 14 de julho de 1789 foram oferecidas a seu avô pelo povo victorioso.

São as chaves d'aquella terrivel prisão que estava em frente da rua Tournelles, e as da Fortaleza.

A do portão que ficava do lado do Arsenal, foi dada por Lafayette ao governo dos Estados Unidos. Madame Villain offereceu igualmente aquelle museu as algemas de ferro que arreavavam os pulsos do infeliz velho, que, depois de arrancado dos terriveis calabouços da historica prisão, foi passeado pelas ruas de Paris.

POR AQUI E POR ALLI

O desastre do Aquidaban, e a serie de desabamentos do Rio de Janeiro fazem temer que a

REVISTA DA SEMANA



SUBSTANCIA SECRETA NO BALÃO DIRIGIVEL...

♦ Dentro de pouco tempo proceder-se-á a experiencias officiaes d'um novo Aerostato, invento do director do Parque Aerostatico Militar de Paris, coronel sr. Templer, o qual ha cerca de trez annos vem fazendo interessantissimos estudos sobre a navegação aereo, convicto de que acabará por obter um satisfatorio resultado.

Os principaes aeronautas do mundo, entre os quaes se contam o Conde de La Vaulx, presidente do Aero-Club de França, e os srs. Rollo e Frank Butel, do Aero-Club Inglez, já declararam que o invento do coronel Templer poderá dar extraordinarios resultados, sobretudo em tempo de guerra.

O tecido do involucro é muito fino e quasi transparente, feito d'uma substancia que, por secreto processo, se torna tão solida como a camurça.

Dentro de uma barquinha, suspensa por vigorosas cordas, a uma dezena de metros do balão, acham-se os motores a petroleo, que poem em movimento as helices e o leme.

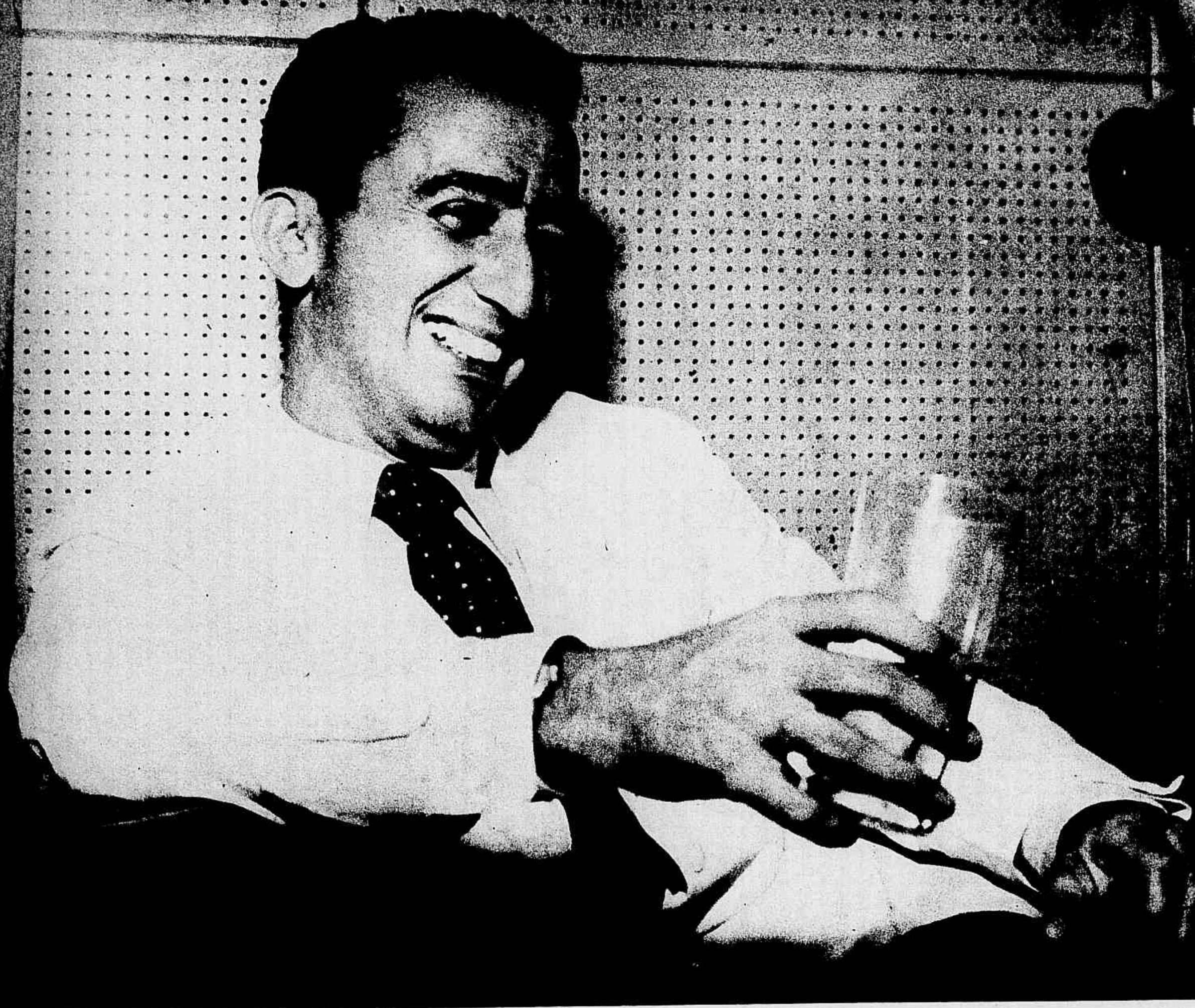
As experiencias já realizadas demonstraram que o aerostato é dirigivel e que, alem de se conservar no ar bastante horas, pode lutar contra impetuoso vento. Aquellas que se vão realizar agora tem por fim observar as posições d'um supposto inimigo, e lançar d'uma grande altura, bombas simuladas para destruir obras de defeza e baterias de artilharia.

Ao que parece, o unico inconveniente d'este balão é ser bom alvo para o inimigo, tornando-se, portanto, necessario eleva-lo a uma tal altitude que muito prejudica a precisão das observações. No entanto, e quanto mais não seja, servirá, admiravelmente, para meio de comunicação entre dois exercitos.

nossa estrela tenha perdido um pouco do seu brilho natural. Demais, não é tambem para descurar o pessimo effeito que isto causa nos centros estrangeiros, onde nada do que nos diz respeito é visto com bons olhos. Ridicularisamos bastante o systema de multiplas fiscalisações e exames, que é adoptado no estrangeiro, com especialidade na Europa, mas havemos de convir que elle é bom, pois si, não obstante essa constante preocupação, dão-se factos bem lamentaveis, figure-se se elle não existisse, como se dá entre nós!

A principio pode parecer uma falta de confiança, de uma constante preocupação de que ninguem é competente, mas se attendermos um pouco aos seus bons resultados, teremos de chegar á conclusão de que como os mais illustres e competentes se podem enganar, essa medida é uma verdadeira segurança para todos, e um meio seguro de se diminuir a porcentagem de tantos descalabros, em todo e qualquer genero de empreendimentos. No Brasil ha ainda uma serie de cousas a adoptar e se de momento ellas podem parecer attentatorias á liberdade e á profficiencia de certos personagens, basta uma simples reflexão para demonstrar justamente o contrario. Ora, se o Club de Engenharia tivesse, por exemplo, uma segura e constante fiscalisação nos trabalhos que encomendou, estamos certos que hoje não teriamos de lamentar nem o desastre em si, nem as vias que custou. Não são bem caras essas licções, e oxalá que nos sejam, por isso mesmo, sufficientemente proveitosas.

F. Mendes Junior



A GREVE de uísque foi furada! E Milor, com o copo do «scotch» na mão, sorri meio amarelo, surpreendido em flagrante pela câmara.

ENTREVISTA [A SÉRIO] COM

VÃO GOGO

COMO MILOR FERNANDES TORNOU-SE
HUMORISTA ★ O BONECO QUE SUPE-
ROU O VENTRÍLOQUO ★ HUMORISMO...

COMPREENSIVO ★ NOVOS RUMOS ★ TEA-
TRO ★ O HUMORISMO NUNCA SE ACABA:
QUEM SE ESGOTA SÃO OS HUMORISTAS

Texto de ANGELO RAIMUNDO

◆ Três e meia da tarde. Milor Fernandes confirmava a hora combinada para a reportagem. Dia longo de sábado, «temperatura em elevação com rajadas frescas». Chover, não choveu. As criaturas passeavam descançadamente, e os automóveis faziam seus percursos com mais calma.

Milor Fernandes estava diante de mim:
— Sente-se. Aqui está melhor.

Fiquei contra a luz e Milor no banco alto de sua prancheta de desenhista. Roupas esportivas, um pouco queimado de sol, gestos desembaraçados e rápidos. Mostrei-lhe a série de perguntas que ia fazer-lhe:

— Pois não...

— Naturalmente, foi desde pequeno que o senhor sentiu inclinação para o humorismo

— Não senhor.

— Quando, então?

— Nunca! Foi acidentalmente que me tornei humorista. Quando eu era pequeno gostava de desenhar. Principalmente caricaturas...

— Talvez já estivesse aí...

— Pode ser... Queria desenhar, pintar. O humorismo, para mim, aconteceu.

— E como foi?

— Trabalhava na «Cigarra», com Freddy Chateaubriand, quando um dia foi necessário encher, à última hora, duas páginas da revista. Não me ocorrendo outra coisa, fiz humorismo — e com simplicidade. O pessoal gostou e eu continuei.

— Interessante.

— Como vê, puramente accidental. E assim continuei durante muito tempo, com a Seção «Poste Escrito».

— Agora, já consciente da sua tendência, sem dúvida...

— Não senhor. Continuei porque tinha de continuar. Era a minha profissão. Tinha de ganhar dinheiro. Poderia ter sido outra coisa qualquer. Puramente um acidente profissional.

Como vêem, nada de poses nem de artifícios para explicar o seu sucesso como humorista. É honesto e direto. Conta simplesmente o que tinha sido simples. Diante de minha insistência em marcar exatamente a época em que se apercebera de seu talento de humorista e da importância do fato em sua vida, respondeu retamente:

— Sau franco. Não me dava conta do fato. E, honestamente, hoje compreendo que me faltavam conhecimento e cultura para ter essa lucidez.

— Mas, há-de ter chegado um dia em que o senhor... — Não me deixou continuar.

— Sem dúvida. Há 4 ou 5 anos. Realmente. O estudo me tinha dado a perspectiva que me faltava, sobre o mundo, meus semelhantes e sobre mim mesmo. Eu, agora, era conscientemente um humorista. Compreendia a função literária e social do humorismo. Compreendia que era uma corrente do pensamento humano. E procurei aperfeiçoar-me sempre.

Já não havia necessidade de perguntar e de insistir. Ele desenvolvia a entrevista, explicando bem o seu pensamento.

— Naturalmente, um humorista não pode ficar preso a um só tipo de humorismo. Tem de escrever seus livros, de exercer a sua profissão sem as restrições impostas por este ou aquele tipo de humor.

— Evoluir continuamente e procurar novos meios de expressão?

— Exatamente. O humorismo nunca acaba. Quem se esgota são os humoristas. É preciso renovar sempre. Não podemos ficar presos a esquemas.

— Como?

— Já me explico... — Demorou a responder. Via-se que procurava um exemplo que esclarecesse bem o que pretendia definir:

— Lembro-me de ter visto um filme inglês, talvez «Do fundo da Noite», ou coisa parecida, versando temas psicológicos. Havia um ventríloquo, no filme, que possuía um boneco com o qual trabalhava. Pois bem: o boneco adquiriu tal personalidade, agigantou-se de tal maneira, que acabou empanando e absorvendo a personalidade de seu criador e animador, a ponto de colocar-se em oposição ao artista. Essa oposição era total e absoluta, interferindo até na vida do ventríloquo, gerando situações dramáticas. O boneco, aqui no caso — aduziu — será o tipo de humorismo a que o artista se deixa prender. Muitas vezes, a personalidade do humorista se desenvolve num determinado rumo, mas o boneco não deixa que se liberte. O «boneco» prende-se, pois, ao artista como a grilheta ao criminoso, surgindo conseqüências que sempre atingem e limitam seu criador.

— O senhor, acha, então, que o humorista deve ser o dono de sua própria personalidade, sobrepondo-se às contingências, estudando sempre e sempre se renovando?

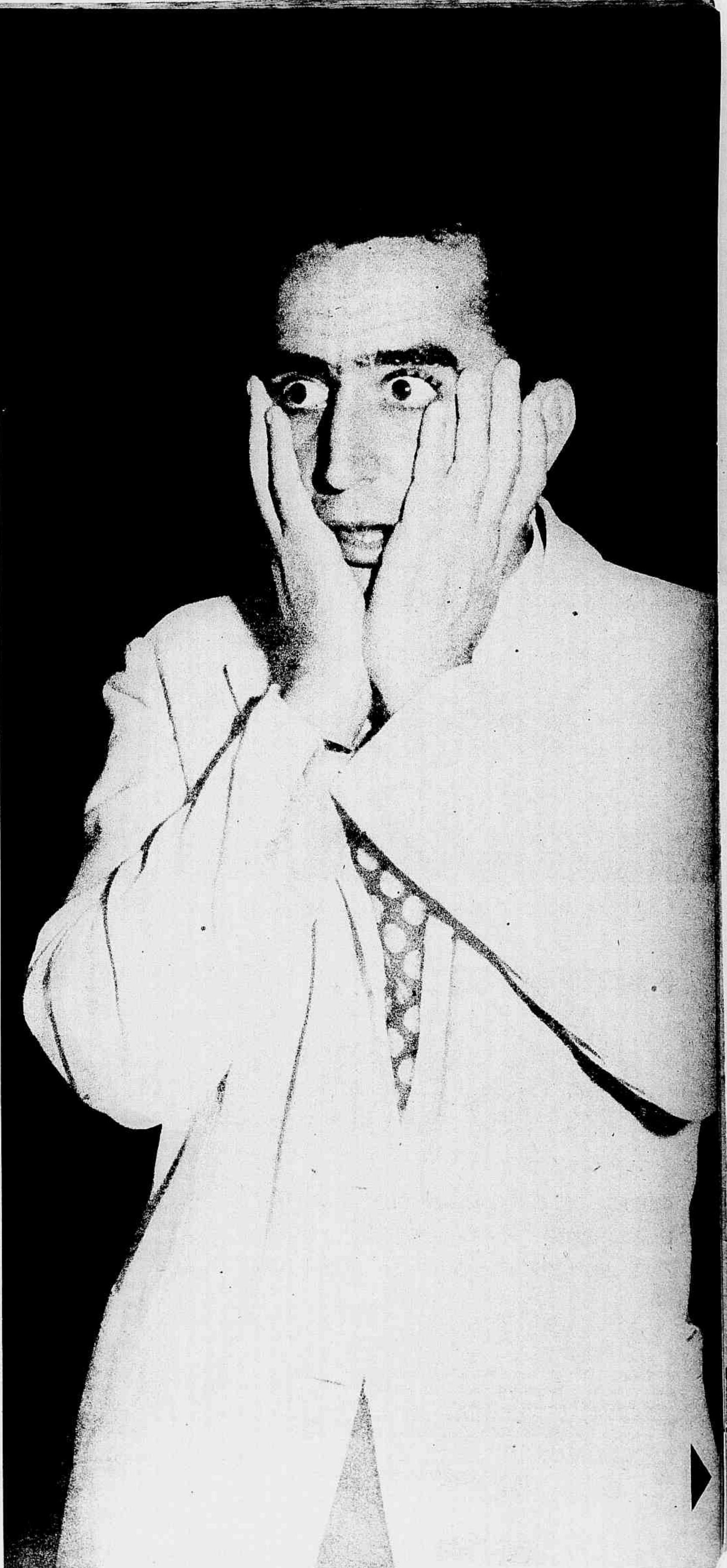
— Perfeitamente. Não para, é claro, criar choques com o meio, ou desajustes, mas a fim de ter o espírito de compreensão do que deve ou não deve fazer, em relação à sua arte.

— Como o senhor sente o humorismo?

— Uma atividade literária muito próxima da poesia, participando do seu lirismo, com um espírito muito grande de compreensão.

— E o aspecto crítico?

MILOR CULTIVA também o teatro, tendo já escrito, com bastante êxito, a peça «Do tamanho de um defunto», e outras. Ei-lo a repetir, para o repórter, uma das cenas culminantes de sua obra. A coisa é séria.



— Sem arestas e sem gumes muito agressivos. Compreensão...

— Compreensão... é uma atitude talvez um pouco distante. Como diz o espanhol: um pouco «aislada»...

— Como eu a compreendo, não cria o isolamento do intelectual que tudo admite, sem tomar posição, na conformidade e comodidade do conforto de sua torre...

— Participa da vida, vive a sua época?

— Compreendo-a... com espírito otimista, sem derrotismo, sem pessimismo. Eu acredito no Brasil. Fazendo humorismo, não quero causticar, destruir. Quero ajudar, cooperar, incentivar. A minha compreensão prende-se ao humano e realiza-se em função do humano, com um pouco de poesia e um pouco de ternura, acreditando sempre que o homem ascende cada vez mais na escala de seu próprio desenvolvimento, apesar de tudo.

— Quer dizer que o intelectual deve ser sempre uma força positiva?

— Em relação ao humano.

— O humano e o político, repare, no nosso tempo se misturam muito. Confundem-se, é difícil separá-los. Antigamente o homem era um animal religioso. Hoje me parece um animal político. O escritor pode ser apolítico?

— Não acredito. Em todas as épocas o escri-

tor foi sempre político, ainda quando o negasse.

Milor Fernandes, apesar da palavra rápida, fala serenamente. Decorrência de uma atitude já sedimentada.

— Há quantos anos faz o «Pif-Paf»?

— Há 11. Desde janeiro de 1945.

— O senhor falou em livros...

Milor Fernandes levantou-se e voltou após com dois cadernos de seu futuro livro «Tempo e Contratempo», a sair brevemente. Bem impresso, com ótimos desenhos, e o seu «espírito» em evolução para a sua nova atitude de pensar. Os desenhos são magníficos, dos melhores que se publicam atualmente, guardando as características de Milor. No primeiro caderno, sob o título: Com quatro estilos — Chapêuzinho será mesmo vermelho? — Estilo de reportagem 1950 (à maneira de David Nasser e Jean Manzoni). A seguir, o mesmo tempo no estilo «metafísico» de Austragésilo de Ataíde, e à maneira de Raquel de Queiroz. Deliciosos, como charges, principalmente a de Raquel de Queiroz. Outros temas, sob outros títulos. A «Seção em Branco», um dos melhores trabalhos, marcando a nova fase, já liberto da equipe. «Diversão Sideral», de desencanto, um pouco pessimista, mas extraindo desse pessimismo, o lirismo da utilidade de fazer rir crianças, ainda que não sejam deste atormentado mundo. «Poesia Matemática», origi-

nal, bem feita, mais do que transição para a nova forma de humorismo. E outros trabalhos demonstrando preocupação de fazer arte no bom sentido de ser útil e universal.

— Este é o meu primeiro livro. Aproveito alguns temas já por mim usados. Este livro é, talvez, um estágio. Outros se seguirão.

— Sempre em linha ascendente?

— Sempre em linha ascendente, salvo se não puder. Sempre estudando e procurando novos meios de expressão.

— Já escreveu uma peça de teatro?

— Sim, uma comédia: «Do tamanho de um defunto».

— Foi bem recebida?

— Penso que sim. Tanto a crítica como o público gostaram. Estou escrevendo mais. Mas, antes, estudo. Procuro obter o máximo sobre teatro. Desde os clássicos aos modernos, leio tudo. Quero, realmente, conhecer teatro, os recursos do teatro, o que se pode fazer com teatro.

— Está escrevendo nova peça?

— Sim. Parafraseando Afonso Celso: «Porque me ufano de Meu País». E dentro daquele espírito de que lhe falei: compreensão... Acredito no Brasil, em seus homens, nos seus recursos. Estamos no limiar de uma etapa gigantesca de nosso desenvolvimento. «Porque me ufano de Meu País», criticando, compreende, — incentiva e tem fé nos destinos de nossa terra e de nossa gente.

— E os humoristas no Brasil?

Colhido de surpresa, medita um pouco, e continuou:

— Para lhe ser franco... penso que o humorismo, no Brasil, é ainda incipiente. É verdade que temos Aporelly. Mas é o único e talvez uma etapa. Talvez Gregório de Matos tivesse sido humorista.

Parou, procurando arrumar as idéias:

— Digamos: uma linha certa, uma progressão natural, não existe, suponho. Aqui e ali, Aporelly. Muitos terão sido humoristas. Sorrir é próprio só do homem... Muitos terão feito humorismo; mas como atividade literária única, não consigo coordenar nomes numa série perfeitamente demarcada.

— E atualmente?

— Atualmente está nascendo uma pequena equipe de humoristas.

— Correspondendo, talvez a um certo estado já latente de receptividade existente no povo...

— Deve ser. Se não, não teria tido êxito. Aliás, o nosso povo, quer seja do Rio, Goiás, Mato Grosso ou Rio Grande do Sul, tem o sentido profundo da alegria. Tem verve, finura, malícia, graça, arte de dizer. E tipos inconfundíveis. O nosso humorismo há-de ser uma resultante de tudo isso. Dentro desse caldeamento maravilhoso de raças. Precisamos criar um tipo de «humor» brasileiro, como existe o inglês ou o francês. Ensaiar os primeiros passos. Até surgir o grande gênio, a síntese de todo um processo que nós começamos agora... ainda engatinhando.

— Ocorre-lhe algum nome, assim, de repente?

— Um seu colega da REVISTA DA SEMANA. O Fortuna. Esse rapaz tem talento e procura realizar-se, quer como humorista, quer como desenhista.

— Interessante... o humorismo, no Brasil, atualmente, parece muito ligado ao desenho...

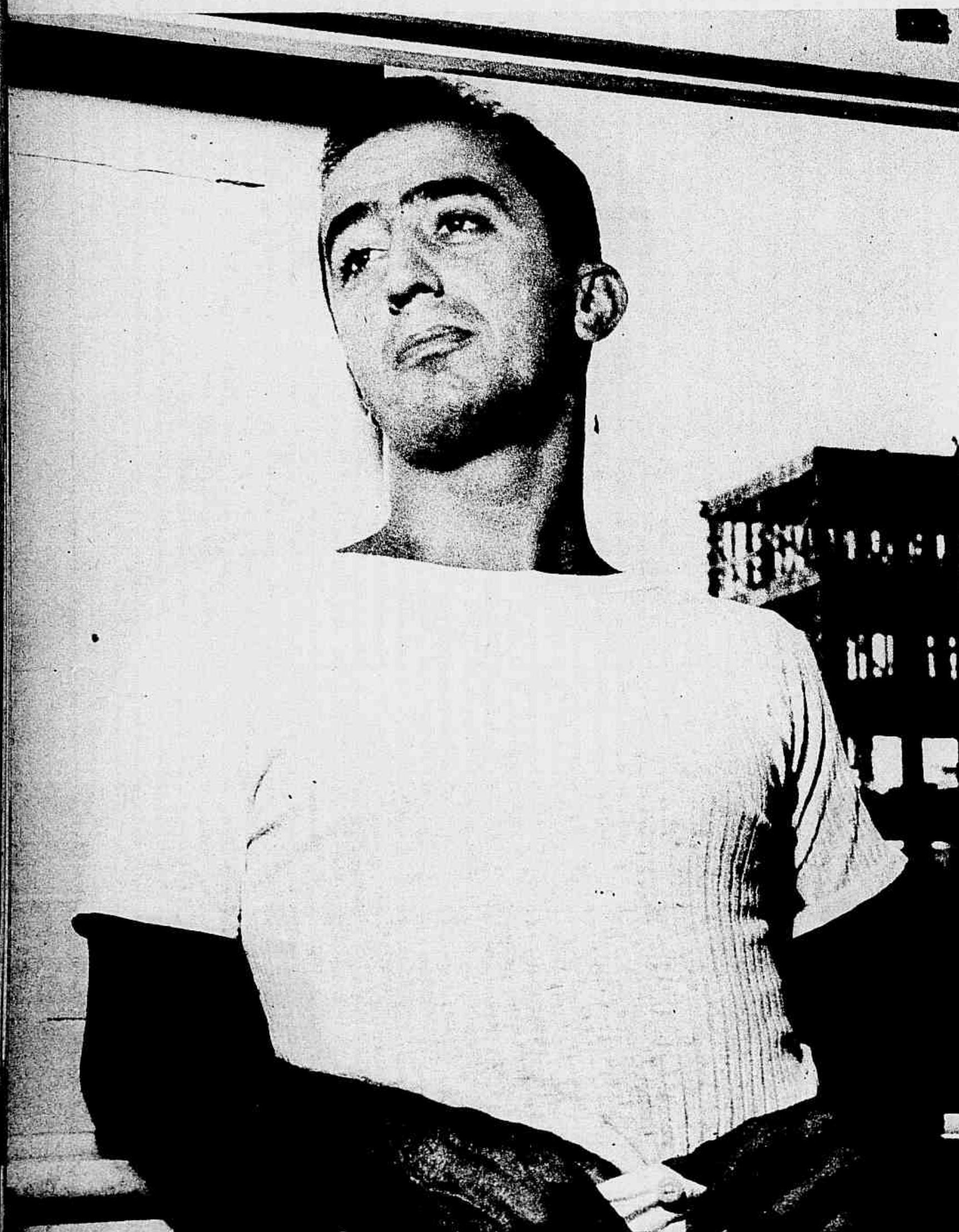
— É a primeira fase. Chegaremos às fronteiras da filosofia.

Já estava ficando tarde. Milor Fernandes, considerado o Papa de nosso humorismo, e com quem eu falava pela primeira vez, correspondia ao tipo humano e intelectual que eu previa. Honesto e inteligente, sem cabotinismos, alicerçado exclusivamente no seu talento. Deixei que alguns minutos se escoassem enquanto tomava notas. Depois falamos sobre o tempo, uma idéia aqui e ali, e chegávamos ao fim da entrevista.

— Muito prazer.

— Igualmente.

Um apêto de mão, e estou novamente na rua, rumo de casa. Começou a anoitecer. Passou uma boneca chinesa de franjinha na testa. Depois uma loura espetacular nuns «blue jeans» muito justos. Depois uma outra, e mais outra, e outras mais. Noite de sábado em Copacabana.



MILOR FERNANDES, isto é, o humorista Vão Gogo, em seu «atelier», em Copacabana. O tipo de humorismo por ele cultivado é já literatura.

A estréia da Temporada de Bailados

◆ Tivemos no dia 3 do corrente a primeira récita da Temporada Oficial de «Ballet», com o corpo de baile do Teatro Municipal e contando como figura principal a da famosa Alicia Markova. A obra escolhida para a estréia da notável bailarina inglesa foi o «ballet» romântico «Giselle», cuja excessiva teatralidade dificilmente deixa perceber, em sua cristalinidade, os movimentos verdadeiramente convincentes do ponto de vista da coreografia. Claro está que falamos assim, porquanto foi esse o primeiro contacto que mantivemos com Alicia Markova. Mas seria vão negar a personalidade do seu estilo, o esfuante dos seus movimentos e a expressividade de seus gestos. A encantadora leveza de certos momentos sucedia-se o sombrio das situações dramáticas, contraste que foi salientado com clareza e força emotiva.

○ «Partenaire» — Oleg Briansky — esteve à altura, demonstrando ser possuidor de uma técnica excepcional, sempre revestida de uma profunda exteriorização, o que representa uma virtude, sobretudo se levarmos em conta a sua juventude.

A seguir tivemos o «Pas-de-Deux» da suite «Quebra-Nozes» de Tchaikowsky, em cuja interpretação salientou-se a brasileira Beatriz Consuelo, a atual primeira bailarina do «Ballet do Marquês de Cuevas». Eis uma bailarina que nos parece definitiva. Pena que a obra escolhida para a sua apresentação não fôsse dotada de maiores possibilidades, a fim de termos uma idéia mais perfeita de suas qualidades.

O último número foi «Gaité Parisienne», com música de Offenbach. Trata-se de um arranjo demasiado superficial para requerer equilíbrio. A movimentação excessiva da coreografia talvez seja o fator impeditivo de tal requisito que, não obstante, o público e os críticos insistem em que seja respeitado. Não chegamos a tal ponto, pois, afinal de contas a seriedade tem um limite.

Quanto ao corpo de baile do nosso Teatro Municipal, apresentou-se como sempre. Nem melhor, nem pior. Em suma, demonstrou equilíbrio, firmeza, e desenvoltura — justamente o que todo e qualquer público exige de um conjunto coreográfico.

Discos

PASSATEMPO MUSICAL — Uma das mais interessantes gravações recentemente lançadas é, sem dúvida alguma, um feliz empreendimento da Copacabana. Esse Long-Playing, de 12 polegadas, apresenta 100 famosos temas de 48 grandes compositores. Os referidos temas são retirados de ouvertures, sinfonias, concertos, peças descritivas, trechos de «ballet», música característica de vários países, e sons dos instrumentos da orquestra, salientados através de melodias célebres, como, por exemplo, o da trompa no «Concerto n° 1 para trompa e orquestra», de Mozart, ou o do alaúde na «Gavota» de Francisque.

A gravação é interessante, sobretudo como divertimento de salão, pois vem acompanhada de instruções que ensinam como devem ser testados os conhecimentos musicais dos vários ouvintes em competição. Os trechos interpretados são curtos, de modo que a identificação dos mesmos requer, não apenas conhecimento, mas também memória. Essa gravação, que constitui uma novidade entre nós, é a primeira de uma série a ser lançada pela Copacabana. E tão grande vem sendo o interesse despertado que o Sr. Brício de Abreu acaba de remeter vários exemplares para os principais comentadores de discos de Paris. — C L P — 15004. (Copacabana).

CONCERTO N° 1 PARA PIANO E ORQUESTRA — OPUS 11 — DE CHOPIN — Disco de 10 polegadas com uma refinada e sutil interpretação do famoso Concerto de Chopin. A novidade desse lançamento consiste em apresentar para o nosso público a, sob todos os aspectos, excepcional Orquestra Sinfônica da Holanda, dirigida por Walter Goehr. Este famoso regente passou grande parte da sua vida na Inglaterra, onde dirigiu a Orquestra Sinfônica de Londres e a British Broadcasting Symphony. Desde então, vem obtendo estrondoso sucesso à frente dos maiores conjuntos orquestrais da Europa. Enquanto o solo está a cargo de Newton Wood, pianista australiano, cuja grande sensibilidade foi reconhecida por Sir Thomas Beecham, que o trouxe para a Inglaterra, onde obteve calorosos aplausos, especialmente pela sua discutidíssima interpretação do Concerto N° 3 de Beethoven. — C L P — 4000. (Copacabana).



AVENIDA
SANTOS DUMONT, 894
NOVA IGUAÇU
ESTADO DO RIO

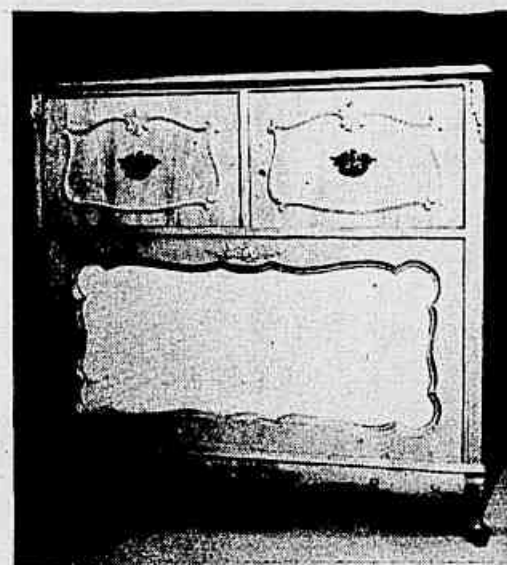
FABRICANTES especializados de caixas e móveis
para rádios e vitrolas nos estilos clássicos

CHIPENDALE

RÚSTICO

COLONIAL

bem como de novas linhas
modernas em Pequia Marfim
ou Imbuia, nos gêneros
FRANCÊS, RETANGULAR, etc.



QUALIDADE, DURABILIDADE, Magnífica apresentação

Tôdas as nossas caixas

(HI — FI) ALTA FIDELIDADE

A venda nas melhores casas do ramo

A PARTIR DO PRÓXIMO NÚMERO:

O QUE SABEMOS DAS GRANDES RELIGIÕES?

NOVA E SENSACIONAL SÉRIE DE
ARTIGOS DE INTERESSE GERAL

●
O QUE É UM JUDEU? ★ UM CATÓLICO?
★ UM CIENTISTA CRISTÃO? ★ UM BAPTISTA? ★ UM METODISTA? ★ UM ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA? ★ UM LUTERANO? ★ UM PRESBITERIANO? ★ UM MORMON? ★ UM QUAKER? ★ UM DISCÍPULO DE CRISTO? ★ UM BUDISTA? ★ UM MUÇULMANO? ★ UM EPISCOPAL?

●
ENSAIOS ESCRITOS POR AUTORIDADES EM SUA ESPECIALIDADE

VINDITA

O pé de pau testemunhou. Zinho e Nízia entendiam-se entre conversas de faz isso e faz aquilo sem segundas intenções nenhuma. Queriam-se através de silêncio que nem tinha mais por onde ser conveniente: tôda a galhardia quieta, auscultante, concedendo de si apenas uns chilros esparsos de coleiros. Desde a exudação das árvores em madrugada, vidrilhadas no rerejar dos troncos, até o meio-dia incidente pela translúcida ramagem — era tudo ausência de sons no chão debaixo dos pés morenos de poeira, confundidos com raízes e gravetos, de que surgiam como frutos brotados de súbito.

Colhendo coisinhas, coçando-se de formigas, Nízia se adelgaçava nos quatorze anos de músculos ágeis; Zinho, a juntar lenha de levar à tarde, se elastecia no atletismo da primavera unânime por todo o corpo e pelos olhos de muito ver. E assim realizavam os dois dentro da capoeira o máximo dos movimentos requeridos pela espontaneidade. Motivo por que Zinho sentia-se gigante pela própria natureza, bem longe do Grupo Escolar.

— Vamos, Nízia?

— Vam'embora!

E de tal modo seguiam: mão na mão, entrosamento confiante dos dedos, semigrito de exultação dos lábios dela, donde pendia a flor rubra do destino de ambos, mais o riso volátil entre os dentes perfumados a frutos — o que tudo causava desejo de fitar altivamente os campos e as suas linhas horizontais de silêncio. E então, uma corridinha safada, um ofêgo, apoio necessário no pé de pau,

e o beijo resvalado pela face abaixo, os olhos postos no chão, enquanto uma das mãos esquerdas descascava o tronco em suas cerdas mais frouxas, encabulada um pouco só. Eis o que mais não queriam: brincos e mais brincos; madrigais e madrigais de mudez e consentimento, estando o sol a aquecer a pele e a colheita.

Depois, quando chegava uma veneta, Zinho aplicava na companheira um passa-rápido, que é assim: mão na cintura, olha o pé em baixo e revira tchibum! Mas Nízia aparava a rasteira com a tampona que abrasava o rosto do rapaz, logo refrescado pelo hálito seu, de demora longa, longa, e disfarçada porque o sol olhava...

— Vamos, Zinho?

E já se iam, antes que a voz ecoasse no ôco de uma clareira. A anca avançava com maior ímpeto brincalhão de fuga, e a seguir ela ondulava os cabelos incendiados pelo dia, deixava-os cair em mechas recurvas e interrogantes sobre o olho sorridente.

— Vamos!

Nízia caminha à frente tal um mastro, os cabelos tremulantes ao vento. De passos a passos, Zinho dava-lhe por trás um pontape que ardia e excitava a uma gargalhadinha alva.

Pois desta maneira, se meneando como dançarinos obedientes ao ritmo sincopado do sentir, iam até a casa, onde o resumo fresco do corpo de cada um denunciava que o cansaço da caminhada só ficaria na roupa. Dali a um tico já estariam par a par. Comiam, então, papa de milho verde numa tijela comum, viam juntos os porcós fazerem pipi, bei-



JERONYMO
RIBEIRO



JERONYMO
RIBEIRO

jocavam o mesmo santinho, apostavam, beliscavam-se a todo momento com raiva sadia, expandindo-se em zangas entremeadas de risos e cusparadas. E iam vivendo.

O pé de pau foi testemunha, mas já agora novos olhos, mais severos que os da árvore também enxergavam a evidência daquele escândalo de pureza e camaradagem, com vários tapas dados logo no macio, ali à frente de todos. Uns animaizinhos do diacho! Havia conselhos dados aos pais dos dois, dois doidos — diziam. Conselhos, cochichos, conciliábulos. Zinho e Nízia permaneciam naquilo mesmo, até estalar-se um beijo em demasia asfixiante e suspirado, surpreendido por uns parentes, que são dos dentes, carne de cobra e malícia tanta. Confabulou-se, definitivamente: Zinho pra lá, Nízia pra cá. Desfazer logo a parceria do mal, com o rapaz enviado para a cidade, a extinguir aquêle despropósito de sem-vergonhice sem saber.

Foram despedir-se a furto e a sós, com os olhos ardendo de uma saudade antecipada, bem em baixo do pé de pau.

— Zinho...

— Que é?

— Por que vão fazer isso com a gente? Esses malvados...

— Olhe, sabe de uma coisa?

— Hum?! O quê?

— Queria era dar uma lição nêles. Eu queria era botar uma raiva braba em cima dêles.

— O que é, hein?

— Não sei... Eles pensam que somos não sei o quê. O que eles pensam, hein?

— Que somos uns animais... Nem sei o que eles pensam...

— Nízia?!

— O quê?!

— Os animais andam sem roupa...

— Hum?

— Então vamos ser animais mesmo um pouco, só pra enticar.

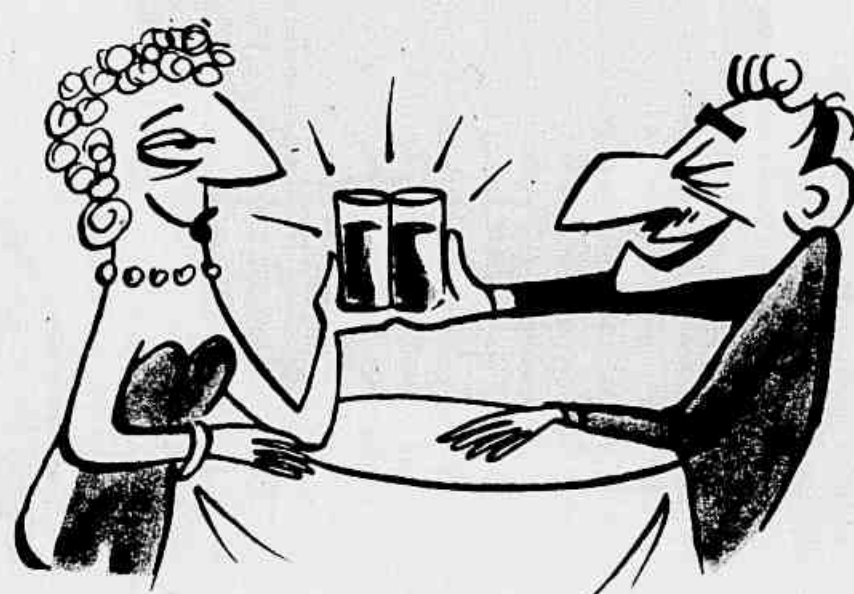
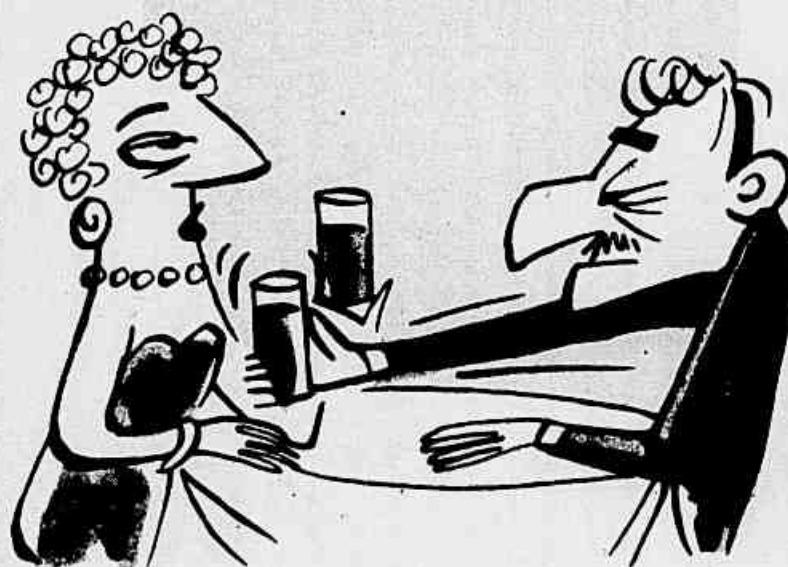
— Olhe, Zinho...

Admirando-se de si, mas resoluta, Nízia desvestia-se serenamente, como quem grimpava uma colina e desvenda horizontes a cada passo. Qual ante um espelho cuja imagem imitava para reconhecer-se, Zinho também lançava fora a roupa, com gestos bruscos e impacientes. E antes que se despedissem de vez, contemplaram por um minuto os contornos proibidos da surpresa e da vingança.

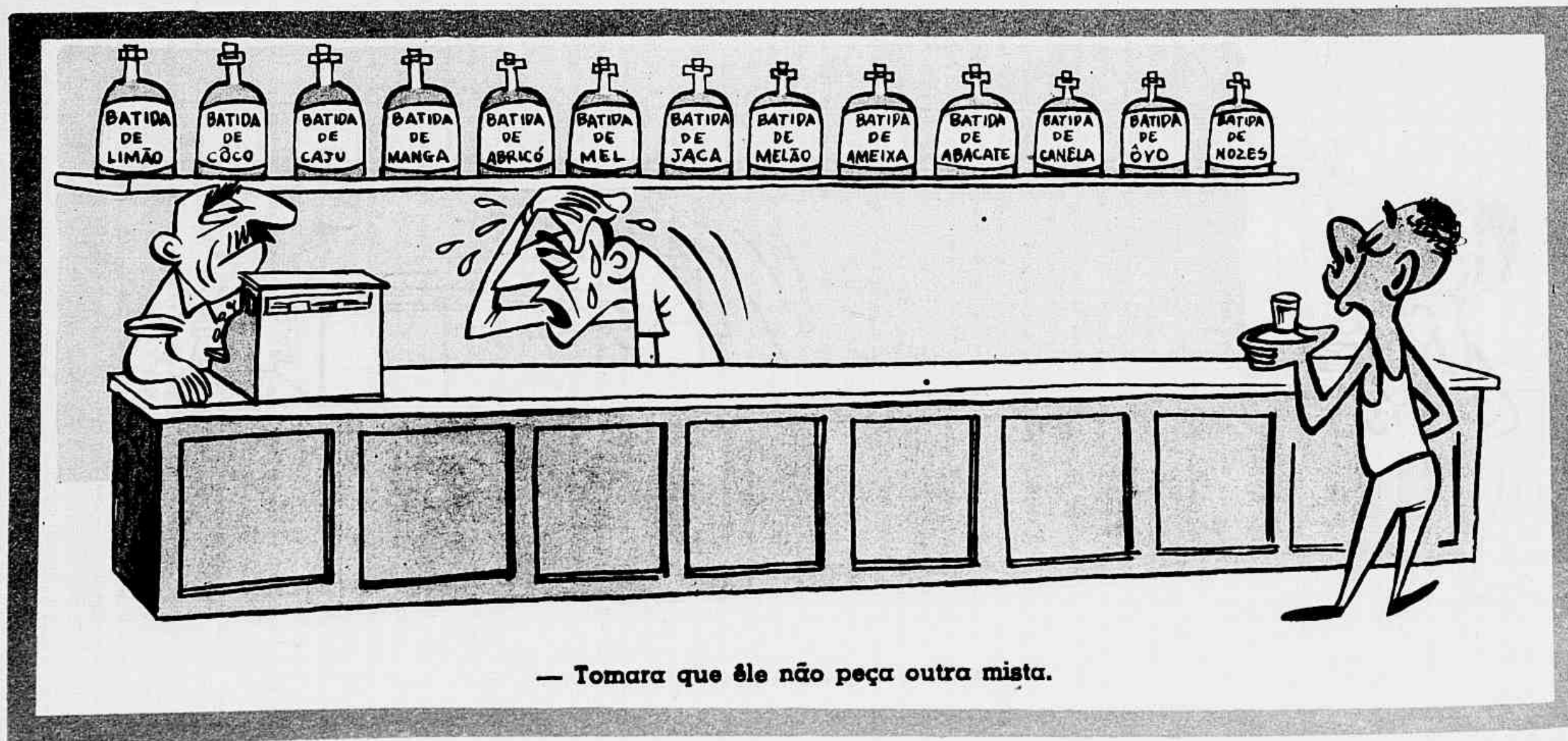
FORTUNA

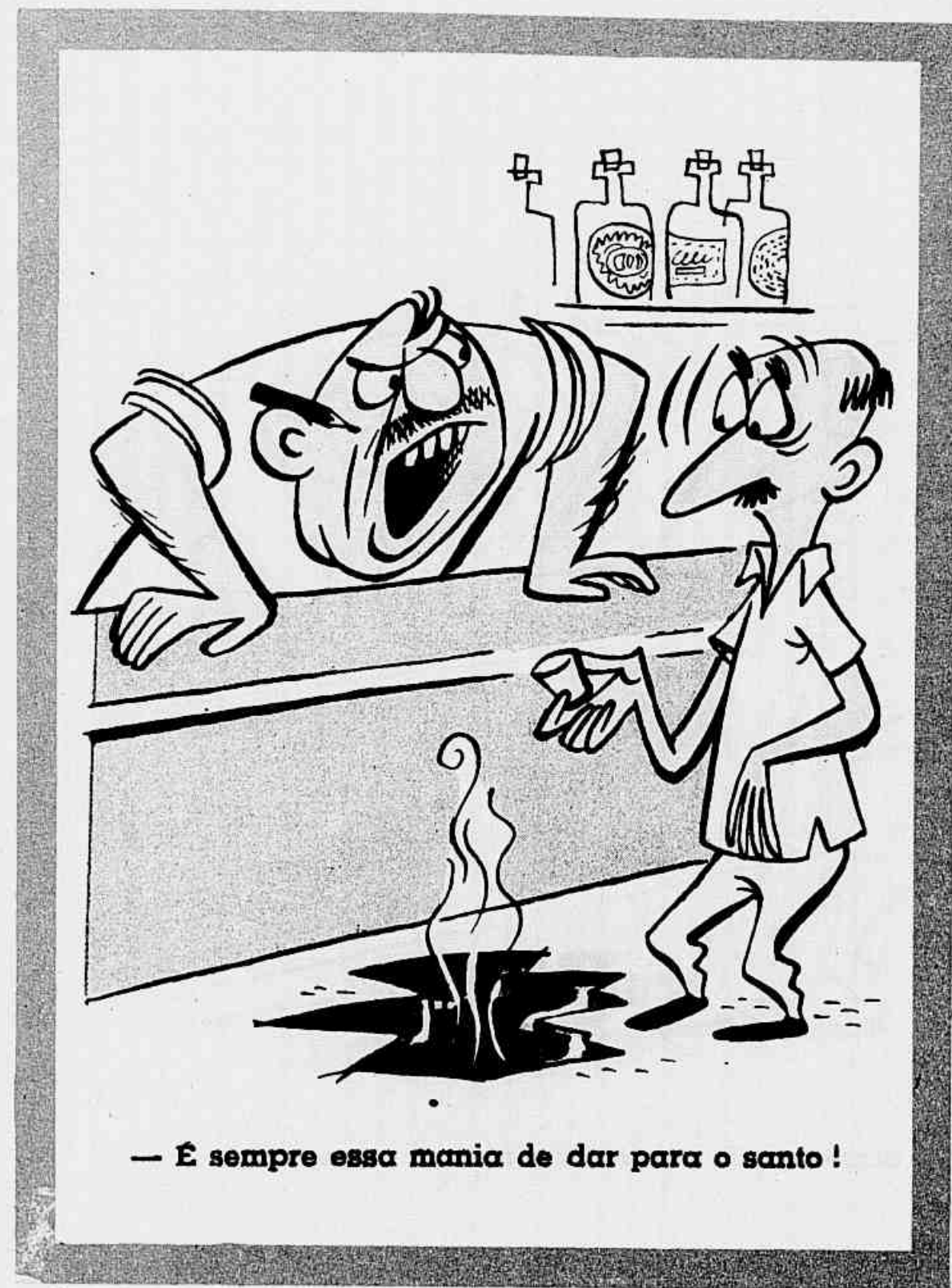
(após muito drincar) APRESENTA

HIC HIC

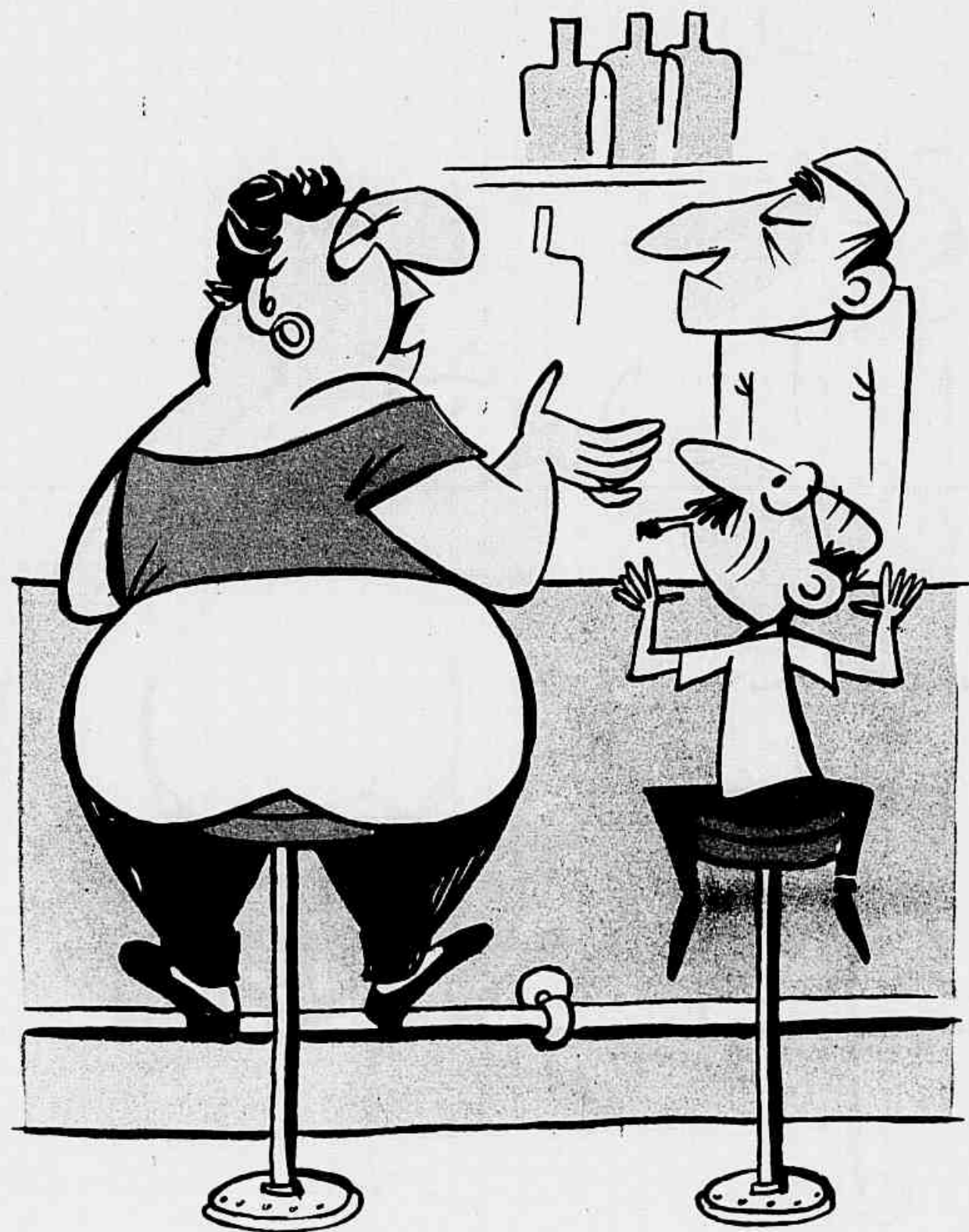


— A saúde !





SEM PALAVRAS



LIGIA JUNQUEIRA

(Desenho de JAIRO)

Não despreze

♦ Não despreze as suas amigas porque são mais modestas, nem os seus maridos porque são menos cultos e inteligentes que o seu, nem os seus filhos por serem menos saudáveis e menos bonitos, nem as suas casas arrumadas com menos gosto que a sua (a seu ver), nem mesmo as suas conversas, que você julga frívolas, desinteressantes e banais. Ricos e pobres, bonitos e feios, incultos e inteligentes «todos caminhamos para o mesmo fim, passando pela mesma estrada», como dizem os ióguis. Ninguém afirma sua personalidade fazendo pouco de seus semelhantes; ao contrário, a melhor maneira de mostrar o seu valor será interessar-se pelos outros e pelos seus problemas, mostrar-se compreensiva e prestava. Desprezo é «sentimento de desaprovação, misto a superioridade». Guardemo-lo para o que é realmente inferior e reprovável.

A importância de ter ordem

♦ Ter ordem não é apenas questão de estética e fator de comodidade, ainda que seja também isso. A ordem exterior, de seu quarto, de sua casa, de seus armários, reflete-se nos pensamentos que se tornam mais serenos e «ordenados». As roupas manchadas, os jornais espalhados pelos cantos, as panelas e louças sempre por lavar, os livros rotos e as gavetas cheias de papéis velhos e coisinhas inúteis acabam por ocasionar uma desordem mais íntima: falta de escrúpulos, pobreza de aspirações, ausência de bons sentimentos. Isso, sem falar no descanso mental e na economia de tempo que proporciona a boa ordem numa casa, para todos que nela vivem.



Week-end na cozinha

♦ Uma das sopas de massa mais gostosas é a que os italianos chamam de «straciatella», isto é: «estarrapadinha», devido à sua aparência: uma porção de trapinhos de massa desiguais boiando no caldo. Experimente, que não é de difícil execução:

1 — Prepare o caldo — com carne ou com extrato de carne, como costuma fazer habitualmente para sopa de massinha. Conserve-o fervendo.

2 — Numa tijela quebre três ovos, junte 3 colheres de farinha de trigo, uma pitada de sal e 3 colheres de parmeção ralado. Ponha um pouco d'água e misture tudo muito bem, unindo, assim, todos os ingredientes.

3 — Derrame essa mistura no caldo em ebulição e misture por alguns minutos.

Sirva bem quente, com mais um pouco de parmeção ralado por cima, e alguns raminhos de salsa para enfeitar.



A NOIVA DO ANO

♦ Faltam poucos dias para que Grace Kelly — a noiva do ano — veja coroados os seus sonhos, ouvindo de «seu príncipe azul» o sim esperado, na igreja de Mônaco. Haverá muita gente, muita festa e muito doce. Grace se sentirá feliz por ter sido a escolhida e muito orgulhosa, pois sabe que seu príncipe teve uma legião de admiradoras que das mais longínquas regiões vinham procurá-lo no seu principado, com ocultos «fins matrimoniais». Apareciam com os mais diversos pretextos: turismo, jornalismo, arte, cinema... e eram sempre bem recebidas. Uma das últimas — antes de Grace — foi uma estudante norte-americana que depois escreveu uma reportagem radiante contando sua aventura. Vai terminar a corrida feminina para o trono de Mônaco? Talvez muitas ainda tenham esperanças que o casamento do príncipe com a atriz seja de pouca duração. Será?

(Foto Paramount)



Baixa ou alta?

♦ **A BELEZA e a elegância não dependem da estatura. Se assim fôsse, a natureza seria culpada de grandes injustiças, pois altura não se modifica, como gordura e outros defeitos físicos.**

BAIXINHA... — As mulheres baixinhas têm um tremendo complexo e procuram aumentar alguns centímetros usando saltos altíssimos. Cansam-se, sem iludir ninguém. No entanto, possuem sobre as outras uma vantagem enorme: sabendo conservar-se esguia, com maneiras e espírito joviais terão por maior número de anos o encanto da mocidade. Um pouco de ginástica pela manhã impedirá que engordem. Mais importante que para as outras é manter as costas bem direitas, a cabeça erguida, os ombros na sua posição correta.

Os exercícios que escolher para a ginástica diária devem ser de preferência de "alongamento" do corpo, como: caminhar com livros na cabeça e na ponta dos pés; procurar tocar os pés com as mãos curvando a cintura (em pé e sentada), e outros no gênero. Importantíssima é a escolha do vestuário. As peles serão postas de lado definitivamente, e nesse ponto, com o nosso clima, não terão problemas. Tanto quanto possível o preto deve ser evitado, pois emagrece, mas também diminui a estatura. Quanto ao mais, de um modo geral, evitar duas peças em cores diferentes, e cintos muito largos.

MUITO ALTA? — Se as mulheres que se julgam muito altas pensassem um momento que as mais célebres manequins dos grandes costureiros têm mais de um metro e setenta, estariam contentes com sua estatura, ou ao menos em parte se consolariam.

Se você é alta, procure conservar-se sempre esbelta que lhe será mais fácil que às outras a elegância. Naturalmente, dê preferência sempre que puder aos saltos baixos. Terão também a vantagem de ser mais confortáveis. Para as altas foram criados os mais bonitos modelos de vestidos, os casacos de pele, os tecidos escoceses, os estampados vistosos. Faça ginástica, para conservar a silhueta mais magra e a posição do corpo bem aprumada.

Folhagens de apartamento

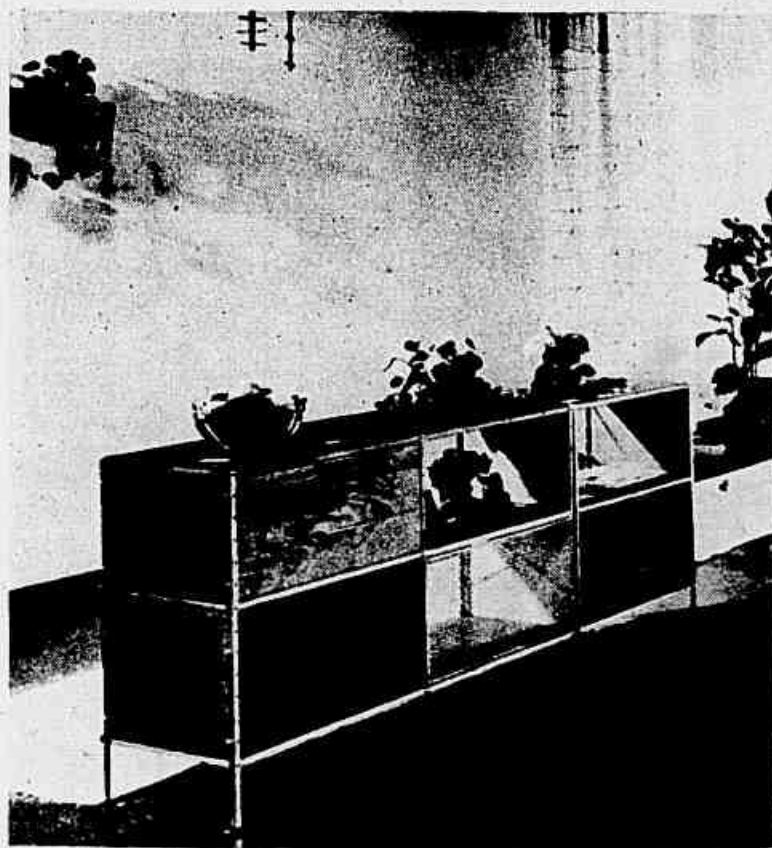
● A mudança de hábitos de vida atingiu de maneira profunda o sistema de moradia. Das casas com jardim e quintal passamos — de bom ou mau grado — aos apartamentos. Porém, não há dona de casa que se conforme em viver sem algumas plantinhas. Antes pelo contrário, a decoração moderna realça o papel das folhagens dentro do lar, como o mais bonito e gracioso dos enfeites.

Porém, nem sempre é fácil cultivar plantas no interior das habitações. Geralmente o ar é demasiadamente seco e a luz deficiente. As folhas precisam de luz e umidade. Com regas freqüentes e exposição de tanto em tanto à luz exterior pode-se remediar. A exposição à luz deve ser feita de maneira rotativa. As plantas se desenvolvem desigualmente em direção ao foco de luz e para que não cresçam tortas deve-se cuidar de girar o vaso periodicamente.

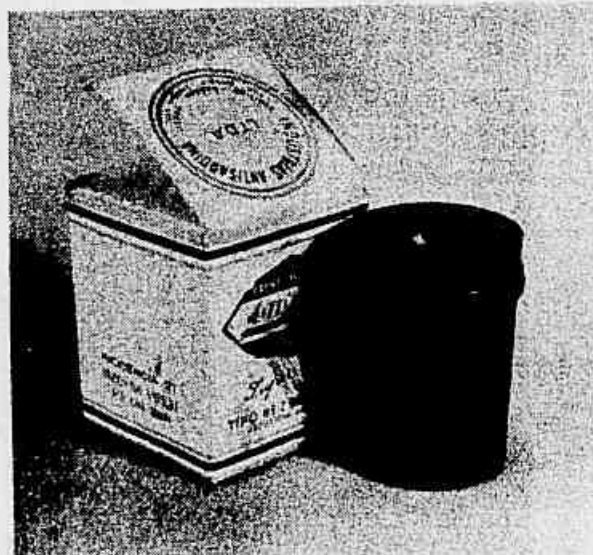
Será preferível regar as plantas com maior freqüência, com um pouquinho de água de cada vez, que irrigações muito abundantes a grandes intervalos. Os melhores vasos ainda são os de barro, comuns e sem pintura. Poderão ou não ser colocados em outros de porcelana ou de metal, de forma porém, que fique sempre um espaço vazio entre os dois por onde circule o ar.

De tanto em tanto as folhas precisam ser limpas com uma esponja macia ou um chumaço de algodão, a fim de libertá-las da poeira ou de parasitas — que atacam com muita freqüência as plantas de interiores.

Quando não se pode obter uma terra bem estrumada recorre-se à adubação artificial, por meio de adubos químicos que se adicionam à água das regas. Existem folhagens que se desenvolvem bem quando colocadas dentro da água. Esta deve ser mudada com freqüência e para evitar que fique com mau cheiro aconselha-se colocar dentro um pouco de carvão vegetal, ou uma pastilha de carvão medicinal. Um pouco de areia no fundo do vaso ajuda a manter a planta fixa. Essa areia pode ser da praia, contanto que muito bem lavada, a fim de retirar todo o sal.



Loira ou morena...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser belas e atraentes
submetendo-se ao método de
beleza do crême ANTISARDINA.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



HORAS DE DESESPERO

(Cont. da pág. 29)

Havia qualquer coisa de maligno no olhar do dono da casa, que agora readquiria seus poderes. Cindy tirara o revólver de Hal, e Dan, cujas forças tinham decuplicado, por causa do ódio, levou Hal aos bofetões até à porta, atirando-o lá fora, como um fardo inútil. Depois, fechando a porta a chave, e tirando da mão da filha o revólver do bandido, ordenou à esposa:

— Apague tôdas as luzes, e vá para o lado de nappie. Alastem-se todos das janelas. Todos três estão do lado de fora...

Fizeram ambas como lhes tinha

dito. Eleanor subiu para o aposento do filho, enquanto Dan nervosamente, ao telefone, chamava pela telefonista. Foi quando a voz aflita da esposa lhe chegou aos ouvidos:

— Dan, desligue o telefone!

Só compreendeu o que se passara quando escutou a voz de Ralphie, que gritava do lado de fora, nas mãos dos celerados. Dan recolocou no gancho o aparelho, enquanto muito pálida, a mulher dizia tudo:

— Levaram Ralphie, Dan! Eles levaram Ralphie!

Cindy correu para a mãe, e abraçou-a com força. Mas Dan, recobrando a calma, pediu que ambas subissem para o dormitório. Se es-

cutassem um tiro, já sabiam o que fazer. Dan esperou até que elas o obedecessem... Depois, saindo pela porta da cozinha, começou a gritar:

— Ralphie! Onde está você?

A resposta do garoto lhe chegou aos ouvidos, muito fraca:

— Aqui, papai...

Depois, foi a vez de Glenn falar:

— Não tente seguir-nos, Dan.

Dan pediu então a Glenn que deixasse o menino. Mas Glenn desejava, em troca, o revólver. Esperou até que Dan retirasse uma peça do revólver, e o atirasse para o lado do bandido. Então, ordenou ao pai que ligasse as luzes novamente, e que voltasse à cozinha. Só então recomeçou Glenn a voltar para casa, procurando, no es-

curo, a arma que Dan lhe atirara Ralphie, soluçando, caminhava atrás de Glenn. A porta da cozinha, o menino, envergonhado, de olhos fitos no chão, sussurrou:

— Eu tentei, papai, de qualquer maneira.

Dan meneou a cabeça:

— Vá deitar-se, meu filho.

Glenn Griffin enfim assomou à porta, de revolver na mão. Virando-se para Dan, ironizou:

— Que garoto valente, que família valente!

Subitamente o antigo tom irado voltou:

— Não partiremos mais à meia-noite, está bem? Desejamos saber até onde vai a valentia de vocês.

Com sumo desprezo, Dan virou as costas para Glenn, dirigindo-se para a sua cama. Num segundo silencioso, sutil, Glenn seguiu o outro, e, erguendo ao alto a corinha de sua arma, desferiu violento golpe na cabeça de Dan. Esse cambaleou. Levantara já o bandido segunda vez sua arma, para acertar Dan, quando viu que o homem estava inconsciente. Nisto, a voz de Hal veio interromper seus pensamentos.

Glenn abriu a porta para que o irmão penetrasse, e ordenou-lhe que trouxesse Kobish novamente para dentro de casa.

(Cont. no próximo número)

CALÇADO



Máximo conforto
garantia absoluta

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Rembolsão Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº _____

NOME _____
RUA _____ Nº _____
CIDADE _____
ESTADO _____

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00

TEATRO

SPECTATOR

◆ As TV. Rio e Tupi, sem medir esforços, tentam apresentar aos espectadores bons espetáculos teatrais e, de fato o têm conseguido. O público apreciador de teatro e que por uma ou outra razão deixa de ver nos palcos os seus artistas preferidos, agora pode apreciá-los através da TV em espetáculo bem encenados e que em sua maioria agradam plenamente. O «Teatro de Comédias», durante alguns meses através do Canal 6, brindou o público com deliciosos episódios da vida cotidiana, ótimamente interpretados por Paulo Autran e Tônia Carrero, tendo ao seu lado Magalhães Graça e Rosamaria Murtinho. José e Mariuzinha e Rosália e Castro, conquistaram grande número de admiradores que aguardavam com ansiedade o dia em que iriam presenciar as suas aventuras. Mme. Morineau, Delorges Caminha, Graça Melo e outros elementos de valor, substituíram com grande brilhantismo as peripécias dos dois casais, embora representando outro gênero.

A TV-Rio, seguindo a trilha das grandes apresentações teatrais, contratou para seus espetáculos Alda Garrido, Cacilda Becker e outros artistas de destaque, que têm alcançado o maior sucesso. O «Grande Teatro» da TV-Tupi encena peças de relêvo de autores nacionais e estrangeiros, proporcionando a todos, apreciadores ou não de teatro, momentos de prazer e sadio entretenimento.

E' portanto dos mais ativos o movimento teatral através das câmaras e essa é uma das mais acertadas medidas que podem tomar as nossas emissoras de TV, pois essa modalidade de programas é das que têm maior número de apreciadores, entre os espectadores de todas as classes. Ao lado dos contratados, devem-se destacar os elementos do elenco permanente das emissoras e que, em espetáculos variados, vivendo pequenos quadros ou aparecendo em novelas (que têm entre os espectadores tantos entusiastas quanto às transmitidas através do rádio), dão também ao público ótimo entretenimento.

Os artistas de teatro profissional contratados para atuar na TV, geralmente estão trabalhando em companhias que realizam espetáculos todas as noites e, portanto, dispõem apenas das segundas-feiras para se exibirem aos telespectadores e o resultado é que, nessas noites, não sabem eles como fazer para assistir a duas ou três representações que se dão quase simultaneamente e têm portanto que revesar, de semana em semana, os lencos que lhes convém apreciar. Pena é que isso tenha que acontecer, pois não é possível prejudicar os artistas em suas outras atividades nos nossos palcos. Do contrário, essas apresentações poderiam ser melhor repartidas durante toda a semana e os espectadores teriam oportunidade de ver trabalhar todos os seus astros preferidos, como vem acontecendo com as exibições de Eva Todor, para a TV-Tupi, às sextas-feiras, pelo menos enquanto não for iniciada a sua temporada deste ano...



A SIMPÁTICA Regina Helena, eficiente locutora da TV-Tupi, tem-se revelado uma boa teleatriz, graças a maneira correta e convincente com que interpreta os papéis a si confiados.

Grau dez:

... Para «O que os pais devem saber», nova apresentação da TV-Tupi sobre puericultura. O programa se propõe a dirigir e orientar os pais sobre a maneira de educar e compreender melhor as crianças e provocar debates e discussões entre aqueles que quiserem comparecer aos estúdios e falar sobre os problemas que lhes afligem. A idéia dessas apresentações é das

mais interessantes, pois as nossas emissoras de TV exibem um grande número de programas destinados às crianças, aliás sem sempre de acordo com as suas mentalidades mas, fazia falta uma audição dedicada aos pais, para orientá-los na educação.

Se os fins a que se destina «O que os pais devem saber» forem rigorosamente observados, temos a certeza de que essas audições obterão grande êxito.

◆ Para Luís Gonzaga, que voltou a apresentar-se na TV-Tupi. O cantor, sempre alegre e irradiando muita simpatia, interpreta números sertanejos e juntamente com os elementos que o acompanham, executa os mais diversos passos de baião e xaxado. Essas audições transcorrem num clima de muita vivacidade.

◆ Para o elenco teatral da TV-Rio, que conta com um novo e destacado elemento, Cacilda Becker, que se apresenta com um pequeno número de artistas, também de valor. Na peça de estréia, «Dois destinos», de Noel Coward, Cacilda teve oportuni-

dade de exibir para os tevidos o seu grande talento, já tão conhecido dos frequentadores de teatro. Ao seu lado, o jovem ator Walmor Chagas, representou também de maneira bastante satisfatória, mas, por vezes, talvez involuntariamente, parecendo imitar Paulo Autran.

Os outros participantes do elenco, entre os quais destacaram-se Glaucete Rocha e Ziembienski, também tiveram corretas atuações. A boa imagem na peça de estréia, bem como as perfeitas tomadas de câmara, concorrem para o brilho do espetáculo, embora o som estivesse bastante deficiente.

Corrigidos pequenos senões, por certo os tevidos assistirão a grandes trabalhos de Cacilda e seu elenco.

◆ Para as audições de Alfredo Simoney, no canal 6. O cantor interpreta de maneira agradável várias canções brasileiras e deve-se ressaltar a forma original pela qual o programa é apresentado, com Alfredo cantando rodeado por pequenas para as quais, alternadamente, dirige as canções que interpreta.



O ELENCO teatral da TV-Rio conta com novo e quase insuperável valor: Cacilda Becker. A grande intérprete de «Maria Stuart» foi uma das melhores aquisições dos últimos tempos, feitas pela TV-Rio.

Vamos melhorar?

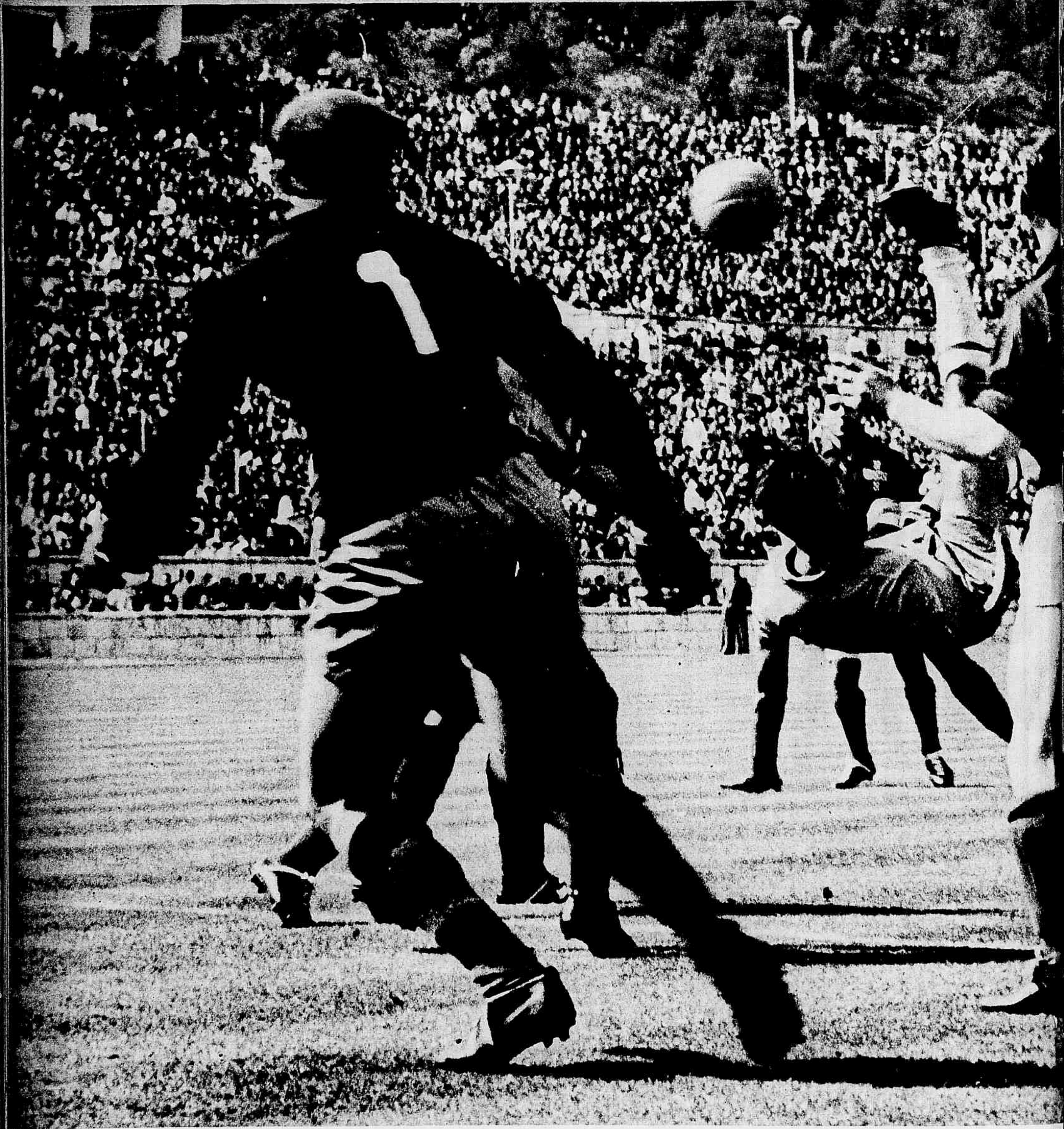
Silvia Autuori há muito tempo brinda as telespectadoras, através do seu «Lar, doce lar», ensinando a fazer deliciosos petiscos de culinária e também algumas novidades em qualquer setor de utilidades para o lar.

A todas agrada a maneira simpática com que Silvia conduz o seu programa e a atenção e gentileza com que responde a qualquer das espectadoras que para ela apela na resolução de algum problema.

Naturalmente a tarefa de confeccionar ante às câmaras os mais variados pratos, em um programa de apenas uma hora de duração, não é fácil. Silvia procura explicar da maneira mais clara possível como executar as receitas, mas, em geral, tem que terminar os pratos apressadamente e por isso não consegue que eles fiquem com o aspecto agradável que seria de desejar. Silvia e sua ajudante poderiam trazer já prontas as massas, cremes e recheios e durante o programa apenas enfeitariam ou comporiam os pratos. Naturalmente as receitas teriam que ser ditadas e explicadas minuciosamente para que ficassem bastante claras para aquelas espectadoras que fôsem menos esclarecidas em assuntos culinários. Mas, desse modo, a tarefa estaria simplificada e as interessadas teriam oportunidade de ver os pratos que lhes foram sugeridos, executados de maneira adequada, e com um pouco mais de calma.

O médico Paulo San Thiago, encarregado do departamento médico de um dos nossos principais clubes de futebol, aos sábados comparece à TV-Tupi e fornece aos espectadores alguns esclarecimentos de grande utilidade sobre a medicina aplicada ao esporte.

O dr. San Thiago, que é bem claro nas suas explicações, em uma de suas últimas palestras, falou sobre a massagem e, para melhor destacar o tema que iria tratar, escreveu em um quadro negro o assunto, da seguinte forma: maçagem. Terá sido um lamentável engano ou o conhecido médico não está muito a par da moderna ortografia?...



O BRASIL estreou na Europa, derrotando Portugal por um tento a zero. Vê-se, acima, o tento de bicicleta conquistado por Gino, e que tanta celeuma provocou. O jogador está alcançando a bola com o bico da chuteira. Pouco depois, ela entrava na meta de Carlos Gomes. Ao lado, De Sordi.

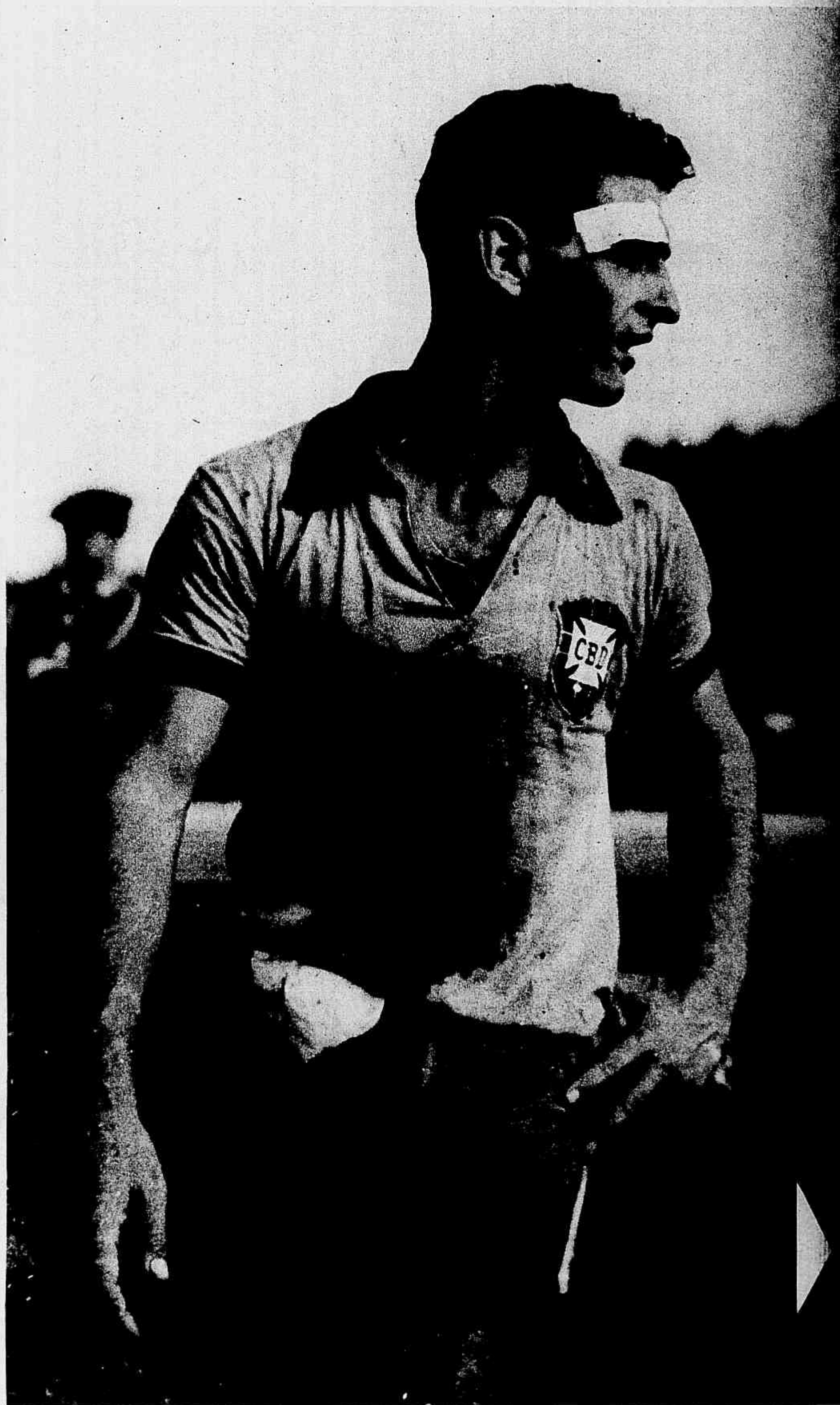
PRIMEIRO TRIUNFO BRASILEIRO

um dos
atingido

NA

BRASIL 1 x PORTUGAL 0

♦ UM GOL de Gino liquidou com a resistência portuguesa, possibilitando aos brasileiros alcançar sua primeira vitória em terras européias. Vitória pouco convincente, que absolutamente não diz o que é o selecionado nacional. A verdade é que, se a defesa atuou de maneira impecável (Gilmar chegou inclusive a defender um pênalti bem cobrado por Matateu), o mesmo não aconteceu com o ataque, que não se entrosou bem, perdendo inúmeras oportunidades de marcar. De Lisboa, os brasileiros seguiram para Zurich, onde empataram por um tento a um com o «scratch» suíço. Essa viagem será uma prova de fogo para os «scratchmen» nacionais, que em pouco mais de um mês terão de enfrentar alguns dos mais aguerridos conjuntos da Europa.



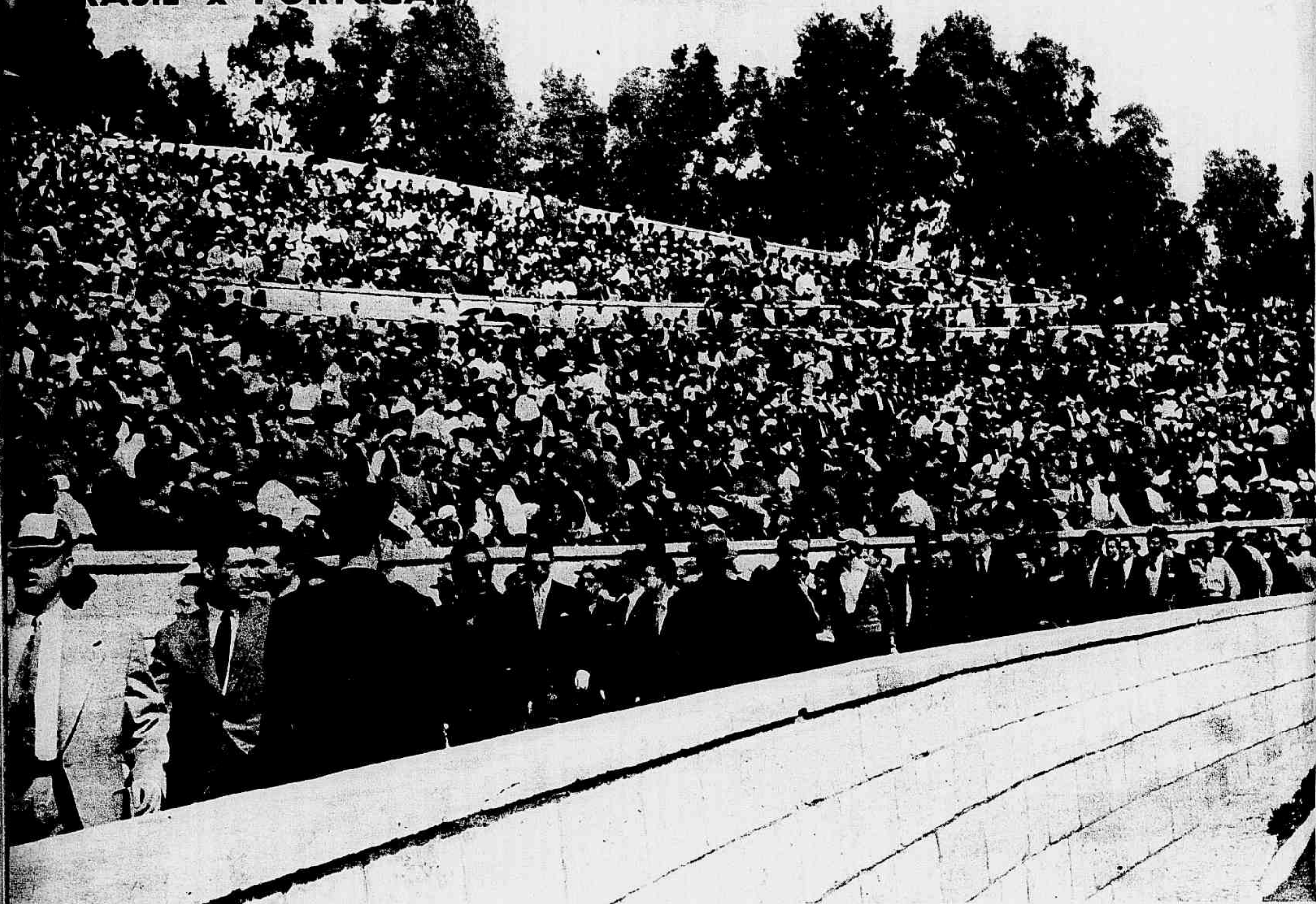
um dos grandes valores nacionais, após ser atingido na cabeça, sangrando abundantemente.

NA EUROPA

anta celeuma
lo, De Sordi.

IRO

BRASIL x PORTUGAL



AO MAGNÍFICO Estádio Nacional de Lisboa, compareceu uma enorme e entusiástica multidão, que não poupou aplausos a nenhum dos dois times. O gol de bicicleta de Gino, foi recebido com reserva.



OS CAPITÃES dos dois quadros trocam um apêto de mãos, às vistas do juiz Mr. Leate (acima). Ao lado, os 22 jogadores, o juiz e seus auxiliares perfilados em campo, momentos antes do início do jogo.



DUAS FAS
Portugal, o
nacionais
comportou
gios, def

◆ NO EST
rante uma
defrontaram
e de Portug
bem pouco
giu um ní
ao brasileir
ros do mun
dor naciona
domínios, s
sua produ
Tem sido a
vez buscan
organizou u
quadro br
serão realiz
E jogos de
dos mais p
sim, talvez
espécie de
que têm d
res de seu
po, vão já
chas europ
sas. A prin
a zero. Vit
se esperar
mente am
próximas e
jam cada

DUAS FASES do encontro entre Brasil e Portugal, que terminou com a vitória dos nacionais por 1 x 0. O ataque não se comportou bem, porém a defesa fez prodígios, defendendo Gilmar um pênalti.

◆ NO ESTÁDIO Nacional de Lisboa, perante uma assistência enorme e entusiasta, defrontaram-se as representações do Brasil e de Portugal. O futebol português, que até bem pouco tempo era bisonho, já agora atingiu um nível técnico considerável; quanto ao brasileiro, todos sabem que é dos primeiros do mundo. Acontece, porém, que o jogador nacional, toda vez que atua fora de seus domínios, sente-se como que constrangido, e sua produção decresce assustadoramente. Tem sido assim, há muitos anos. Agora, talvez buscando remediar a situação, a CBD organizou uma longa e dura «tourné» do esquadrão brasileiro pela Europa: sete jogos serão realizados, em pouco mais de um mês. E jogos de responsabilidade, contra alguns dos mais poderosos «scratches» europeus. Assim, talvez percam os jogadores do Brasil a espécie de timidez que os acomete toda vez que têm de defrontar-se, defendendo as cores de seu país, no exterior. Ao mesmo tempo, vão já travando contacto com as canchas européias, mais duras do que as nossas. A primeira partida foi vencida por um a zero. Vitória pouco convincente. Mas é de se esperar, para o futuro, que, convenientemente ambientados ao clima europeu, as próximas exibições de nosso selecionado sejam cada vez melhores.





Homenagem a Pena Botto

◆ CERCA DE SETECENTOS convivas, quase todos oficiais de nossa Marinha de Guerra (entre eles mais de uma dezena de almirantes), compareceram, no dia 7 de abril — data do nascimento de Saldanha da Gama —, ao Clube Naval, a fim de prestarem uma homenagem ao almirante Pena Botto, recentemente promovido por Juscelino Kubitschek ao último posto de sua brilhante carreira naval. Em nome dos presentes, falou o almirante Muniz Freire, pronunciando breves palavras, é certo, mas significativas. Respondendo, traçou Pena Botto um rápido resumo da História Naval Brasileira, afirmando que, desde o início, à Marinha Nacional coube o papel de assegurar a unidade do país. Hoje, mais do que nunca, essa unidade deve ser mantida, e a Marinha é a mais indi-

cada para alcançá-la. Tocando nos atuais percalços do momento político, acentuou o ex-chefe da Esquadra de Alto Mar, até 11 de novembro, que três fatores concorrem para a situação que o Brasil atravessa no momento: o desfibramento, a indiferença, e certo credo extremista, que, para nossa terra transportado, vem enganando a alguns brasileiros. Palmas acolheram as últimas palavras do almirante — um brinde à Marinha Brasileira —, e à sua excelentíssima esposa, pelas mãos do almirante Muniz Freire, foi feita a entrega de uma bandeja de prata, com a seguinte inscrição: «Ao almirante Pena Botto, homenagem da Marinha do Brasil — eterna, indomável e exemplarmente unida».

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

DISTRIBUIÇÃO:

AGÊNCIA POLANO
Rua João Bricola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — N° 16 — Rio de Janeiro — 21-4-1956

Propriedade da
Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente.....**Gratiliano Brito**
Diretor-Comercial.....**Ivan Guimarães**
Diretor-Gerente.....**Wenceslau Quintais**
Diretor de Publicidade.....**J. M. Costa Júnior**
Redatores e corretores.....**S. L. Guimarães A. Mendes,**
S. Sant'Anna e A. Nóbrega
ENDEREÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:
22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 380,00
Seis meses.....	Cr\$ 190,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 500,00
Seis meses.....	Cr\$ 250,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.
Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.



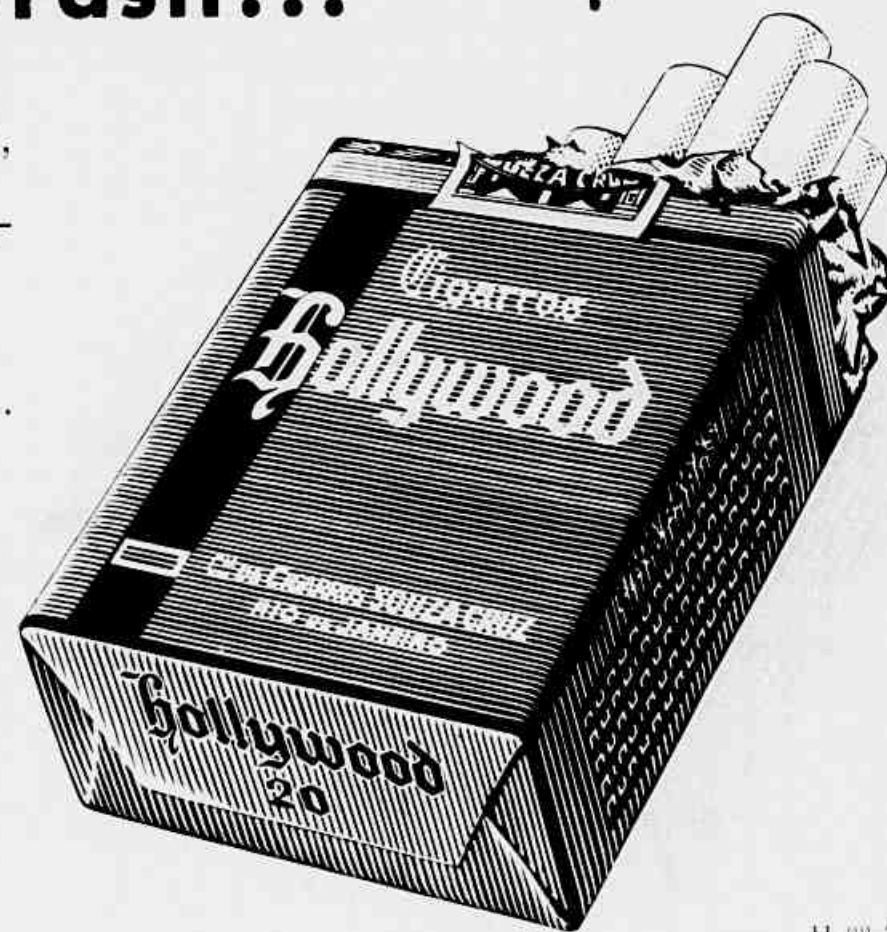
nos centros elegantes do Brasil...

Em Jequiati-Mar, famoso clube da praia de Guarujá,
em São Paulo, o ambiente agradável é um convite à reu-
nião de pessoas de bom gosto...

E na elegância de todos sempre se destaca o hábito de fumar...

hollywood

uma tradição de bom gosto



Dormir

BEM ★ ★ ★



É MUITA COISA

COLCHÃO DE MOLAS

Selo **DE**
OURO

